

Faculdade de Filosofia e Ciências - Câmpus de Marília
[ProfSocio - Pós-graduação em Sociologia em Rede Nacional](#)

**A CONDIÇÃO PROLETÁRIA DA JUVENTUDE ESTUDANTIL E AS CATEGORIAS
MARXIANAS LIGADAS AO TRABALHO**

FÁBIO LUIS RODRIGUES FIGUEREDO

Marília /SP
2025

FÁBIO LUIS RODRIGUES FIGUEREDO

**A CONDIÇÃO PROLETÁRIA DA JUVENTUDE ESTUDANTIL E AS CATEGORIAS
MARXIANAS LIGADAS AO TRABALHO**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Sociologia do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (Profsocio) da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – campus de Marília.

Área de concentração: Ensino de Sociologia

Orientador: Prof. Dr. Fábio Kazuo Ocada

Marília /SP
2025

F475c Figueredo, Fabio Luis Rodrigues
A condição proletária da juventude estudantil e as categorias marxianas ligadas ao trabalho / Fabio Luis Rodrigues
Figueredo. -- Marília, 2025
211 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Fábio Kazuo Ocada

1. Sociologia do trabalho. 2. Materialismo dialético. 3. Juventude. 4. Educação. I. Título.

FÁBIO LUIS RODRIGUES FIGUEREDO

**A CONDIÇÃO PROLETÁRIA DA JUVENTUDE ESTUDANTIL E AS CATEGORIAS
MARXIANAS LIGADAS AO TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (Profsocio) da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – campus de Marília, como requisito à obtenção do título de Mestre em Sociologia (linha de pesquisa: Teoria das Ciências Sociais I).

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fábio Kazuo Ocada (UNESP)

Profª. Drª. Angélica Lovato (UNESP)

Profª. Drª. Valquíria Padilha (USP)

1º Suplente: **Profª. Drª. Vitor Machado (UNESP)**

2º Suplente: **Profª. Drª. Ana Paula Cordeiro (Unesp)**

Marília, 27 de Março de 2025

AGRADECIMENTOS

Trago à memória os momentos fecundos de aprendizagem que vivi na UNESP de Marília, com todos os professores, onde pude compartilhar com outros mestrados a experiência de aprendizagem, tanto do trabalho docente, quanto das condições de aprendizagem dos alunos da educação básica do Estado de São Paulo. O "Profsocio" foi um momento de avanço significativo, que me permitiu amadurecer academicamente e, de certa forma, também de alcançar os meus alunos secundaristas, através da sequência didática. Essa vivência e compreensão do cotidiano da juventude proletária demonstra o tanto da exploração que a juventude vive em seus postos de trabalho, como demonstra a concretude do materialismo histórico-dialético. Entretanto, sem o auxílio dos professores, que me forneceram ideias, reflexões diferenciadas e amadurecimento acadêmico, e sem o "Profsocio", não teria sido possível realizar o sonho de conquistar o mestrado.

Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Fábio Kazuo Ocada, por sua orientação, e como professor no mestrado, onde pude ter mais conhecimento do legado marxiano e apoio no desenvolvimento da dissertação.

Agradeço à Professora, Dr^a. Angélica Lovato, que aceitou o convite de participar da banca de defesa, e que foi minha docente durante o período de mestrado.

Agradeço à Professora, Dr^a Valquíria Padilha, que aceitou compor a mesa de defesa.

Enfim, gratidão a todos os docentes da UNESP que foram meus professores, nesse momento fecundo de aprendizagens que atravessei no mestrado Profsocio.

RESUMO

A dissertação desenvolvida teve como objeto “A condição proletária da juventude estudantil e as categorias marxianas ligadas ao trabalho”, caracterizada pela jornada de 6 horas de trabalho, mais 5 horas de obrigatoriedade na escola, determinadas pelo projeto Jovem Aprendiz, assim como a frequência escolar, para não perder a vaga no emprego. Esse jovem ingressa no mundo do trabalho por meio de empresas mediadoras, que os alocam nas variadas empresas e recebendo uma média salarial de 700 a 900 reais por mês. Neste trabalho acadêmico, buscou-se responder a várias interrogações, como: por que o jovem proletário não recebe salário-mínimo integral? Por que a juventude vive essa condição proletária? Por que os capitalistas preferem contratar jovens proletários? Quais são as condições de trabalho vivenciadas pela juventude proletária em seus postos de trabalho? O que a educação pode fazer para retirar o aluno de sua condição de alienação? A partir do aprofundamento no referencial teórico e do diálogo com os alunos, por meio de contos sociológicos e das categorias de trabalho presentes nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos, desenvolveram-se as atividades da sequência didática, incluindo vídeos e grupo focal. Essas atividades permitiram o avanço nas aprendizagens, contribuindo para que o aluno possa superar sua condição de alienação e ressignificar sua forma de aprender, por meio da sequência didática. Dessa forma, demonstra-se que o materialismo histórico-dialético se atualiza na condição proletária da juventude estudantil.

Palavras-chave: Trabalho; Materialismo; Juventude; Educação; Didática.

ABSTRACT

This dissertation focused on “The Proletarian Condition of Student Youth and the Marxian Categories Related to Labor,” characterized by a 6-hour workday plus 5 hours of mandatory school attendance, as determined by the Young Apprentice program. School attendance is a requirement for retaining employment. These young individuals enter the labor market through intermediary companies that place them in various businesses, earning an average monthly wage of 700 to 900 reals. This academic work aimed to address several questions, such as: Why does the young proletarian not receive a full minimum wage? Why does youth experience this proletarian condition? Why do capitalists prefer to hire young proletarians? What are the working conditions faced by proletarian youth in their jobs? What role can education play in liberating students from their condition of alienation? Through in-depth engagement with theoretical frameworks and dialogue with students—using sociological narratives and labor-related categories from the Economic and Philosophic Manuscripts—the didactic sequence was developed. It included videos and focus groups. These activities facilitated learning progress, helping students to overcome their condition of alienation and to reinterpret their approach to learning through the didactic sequence. Thus, the dissertation demonstrates that historical-dialectical materialism remains relevant in analyzing the proletarian condition of student youth.

Keywords: Labor; Materialism; Youth; Education; Didactics.

SUMÁRIO

Apresentação	12
1 Introdução	13
1.1 Descrição do tema	16
1.2 Problematização	34
1.3 Metodologia	36
1.4 Objeto	42
1.5 Hipóteses	43
1.5.1 Primeira Hipótese	43
1.5.2 Segunda Hipótese	44
1.5.3 Terceira Hipótese	45
2 Referencial teórico	47
2.1 Dialética em Hegel	51
2.2 Dialética em Marx	53
2.3 Extração da Mais-Valia	65
2.4 Propriedade privada [Berdurenis]	75
2.5 Alienação [Entausserung]	78
2.5.1 Alienação em Hegel	78
2.5.2 Alienação em Marx	87
2.6 Necessidade/Liberdade [Notwendingkeit]	103
2.7 Materialismo histórico-dialético	111
3. Sequência didática	119
3.1 Espaço da aplicação da Sequência Didática	119
3.2 Referencial teórico da sequência didática	123
3.3 A condição proletária nos contos sociológicos, vídeos e grupo focal	125

3.4 Atividade sobre o vídeo assistido	148
3.5 Grupo focal	156
3.6 Resultado da atividade do grupo focal	158
3.7 Contos sociológicos (material didático)	161
3.7.1 Salário	161
3.7.2 Trabalho	168
3.7.3 Capital	171
3.7.4 Reforma Agrária	181
3.7.5 Estranhamento	184
3.7.6 Propriedade privada	187
4. Considerações finais	190
Referências	192
Anexos	196

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-Estudo e Trabalho	31
Figura 2- Jovens de 15 a 29 anos	32
Figura 3- Trabalho manufaturado	69
Figura 4- Jovem aprendiz	97
Figura 5- O poder da lei	109
Figura 6 – Trabalho em série	112
Figura 7 - Relato do jovem-proletário	126
Figura 8 - Relato da condição proletária	127
Figura 9 - Relato da condição proletária	128
Figura 10 - Relato da condição proletária	130
Figura 11 – Relato da condição proletária	131
Figura 12 - Relato da condição proletária	133
Figura 13 - Relato da condição proletária	133
Figura 14 - Relato da condição proletária	135
Figura 15 - Relato da condição proletária	137
Figura 16 - Relato da condição proletária	139
Figura 17 - Relato da condição proletária	140
Figura 18 – Trabalho burocrático	143
Figura 19 - Relato da condição proletária	146
Figura 20 – Condição proletária	148
Figura 21 - Relato da condição proletária	150
Figura 22 - Relato da condição proletária	151
Figura 23 – Condição operária	153
Figura 24 – Objetivação proletária	154
Figura 25 - Objetivação proletária	155

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARPROM	Associação Riopretense de Promoção do Menor.
AIE	Aparelho Ideológico do Estado.
ATPC	Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo.
BNCC	Banco Nacional Comum Curricular.
CIEE	Centro de Integração Empresa-Escola.
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude.
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente.
MST	Movimento Sem Terra.
OIT	Organização Internacional do Trabalho.
SLAM	Expressão inglesa de Arte
UNE	União Nacional Estudantil.
UMES	União Municipal Estadual Secundarista.

APRESENTAÇÃO

Nesta apresentação, busco revelar uma breve motivação que me levou a desenvolver esta dissertação de mestrado, cujo título já demonstra minha intenção: “*A condição proletária da juventude estudantil e as categorias marxianas ligadas ao trabalho*”. A minha trajetória começou na fábrica muito cedo na vida, aos 16 anos, quando trabalhava ajudando meu pai numa indústria de marcenaria, onde se fabricavam caixões de defunto e trabalhávamos como marceneiros, e essa experiência inclusive é revelada na dissertação, nos “contos sociológicos” de minha autoria, que retrata a existência proletária na fábrica de caixões. Minha memória pródiga me fez lembrar a exploração que vivi na fábrica. Aos 16 anos, tive um acidente na fábrica, no qual quase perdi os dedos da mão esquerda; entretanto, no hospital, o médico conseguiu salvar quatro dedos, mas o dedo anelar da mão esquerda perdeu 60% de sua estrutura. Eis a minha primeira motivação para desenvolver essa dissertação de mestrado: a minha própria história como jovem proletário. Fui militante da UMES (União Municipal dos Estudantes Secundaristas), e do MST (Movimento dos Sem-Terra) na região de Lins e na corrente ‘Convergência Socialista’ de orientação trotskista no PT início da década de 90, que depois tornou-se PSTU (partido socialista dos trabalhadores unificado), onde tive minha primeira formação marxista. Cursei faculdade de História, Filosofia e Pedagogia e me efetivei como professor de Filosofia na educação básica no Estado de São Paulo em 2009. A segunda motivação que me levou a desenvolver essa dissertação foram meus alunos proletários, que, em sua maioria, pertencem ao projeto Jovem Aprendiz e, por intermédio de empresas mediadoras de trabalho, acabei me identificando com esses jovens estudantes proletários, que trabalham no período diurno, mas, no período noturno, buscam na escola entender seu mundo de jovens proletários.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, existe uma crítica ao legado teórico marxiano, principalmente vinda dos teóricos do capitalismo, ao afirmar que o legado de Marx caiu no anacronismo, seja por parte de professores ou do senso comum, ao dizer: “comunismo é algo que foi sepultado, porque o capitalismo venceu”, ou “as ideias de Marx não se sustentam mais”. Discípulo da Escola de Chicago, o sociólogo Georg H. Mead criou uma abordagem teórica mais refinada para opor-se ao legado marxiano, com sua teoria do interacionismo social, que define que o objeto essencial da investigação na sociologia é o interacionismo simbólico, como Mead afirma: “O estudo sociológico deste mundo, portanto, deve analisar os processos pelos quais os agentes determinam suas condutas, com base em suas interpretações do mundo que os rodeia”¹. O legado do sociólogo Georg H. Mead busca entender a sociedade, mas não parte das contradições na sociedade capitalista entre Capital e Trabalho, e sim de ‘agentes’ que buscam determinar suas condutas e compreender o mundo ao seu redor. Marx provocou uma revolução copernicana no campo epistêmico sobre o entendimento do ser humano, e da sociedade, isto é, não é o ser humano com um “Eu” absoluto que determina a si mesmo, mas, como Marx revela: “A existência do capital é sua essência, sua vida, tal como determina o conteúdo de sua vida de um modo indiferente a ele”². Portanto, um dos objetivos desse empreendimento acadêmico é provar que a existência do “materialismo histórico-dialético” se atualiza todos os dias na sociedade, como nas condições proletárias da juventude estudantil secundarista.

Nesta primeira estação da introdução desta dissertação, busca-se descrever preliminarmente uma visão das temáticas mais importantes, que se desenvolvem por etapas, começando com a descrição do tema “condição proletária”, que se revela como se fosse

¹ COULON, ALAIN. A Escola de Chicago/ Alain Coulon, tradução Tomás R. Bueno: Campinas, SP: Papirus, 1995.

² MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo. Editora Bertrand, 1988.

apenas uma necessidade do ‘tempo presente’, cuja verdade nasceu no chão da fábrica, no século XIX.

Na atualidade, existem 647 mil jovens com idades entre 14 e 24 anos que trabalham³, tornando-se uma ‘estrutura de trabalho’ que favorece mão de obra barata para os capitalistas em variadas empresas privadas e públicas. O ingresso dos jovens no mundo do trabalho ocorre por meio das ‘instituições mediadoras’ de trabalho para a juventude proletária, assim como sua formação em cursos profissionalizantes. A problematização que se busca responder nesta dissertação é a ‘condição proletária’ da juventude estudantil, imersa em várias instituições de trabalho, num momento de mudança do novo ensino médio, que entrou em vigor em 2025, direcionado ao pragmatismo por meio de uma nova ‘grade curricular’, com aulas de enfermagem, farmácia, ciências de dados, dentre outras disciplinas básicas, que a juventude proletária irá vivenciar na escola. Por que o governo está dando ênfase à profissionalização do ensino médio no Brasil? Devido ao mercado de trabalhadores especializados, que está escasso de profissionais, e, portanto, ao profissionalizar a juventude, os empresários poderão contratar os jovens proletários para diversas atividades, tanto no comércio, nas indústrias, como em agências bancárias, dentre outras empresas.

O referencial teórico desta dissertação é o "materialismo histórico-dialético", que se desvela, principalmente nas atividades da sequência didática, nas quais a juventude percebeu que não é uma "alma solta no ar", mas está presa nas condições materiais do seu existir. Num outro momento revela o rigor do materialismo-dialético no diálogo dos alunos com os "contos sociológicos" e, por fim, nas atividades sobre o filme “El Empleo”, como também atividade do "grupo focal”. A relevância do referencial teórico está em trazer clareza diante da noite escura da alienação, que a maioria da juventude proletária vivencia. Na época de Marx, havia sistemas de ideias que buscavam dar sentido à vida, como as teologias da religião ou o idealismo alemão. Entretanto, nesse período, já havia ocorrido o grande acontecimento do idealismo, ou seja, a revolução copernicana de Kant, ao afirmar que os objetos emanam pela

³ Qualificação, Emprego e Renda. GOV.BR,2024. Disponível em: < [Aprendizagem profissional bate recorde: mais de 647 mil jovens no mercado de trabalho — Ministério do Trabalho e Emprego](#) > Acesso:em:18/02/25.

luz de um sujeito transcendental, e que os objetos do conhecimento não aparecem por si mesmos, mas devem ser trazidos pela luz do sujeito transcendental, que, para Kant, é uma estrutura a priori na mente humana, que possibilita a experiência e o conhecimento. Naquela época do idealismo alemão, a maioria dos acadêmicos teve uma vivência do idealismo kantiano e hegeliano, assim como Marx, que endereçou uma carta ao seu pai em 10 de novembro de 1837, afirmando: “A partir do idealismo, que eu, aliás, comparava e alimentava nas ideias kantianas e Fichtianas, comecei a considerar a busca da ideia na própria realidade”⁴. Portanto, uma das chaves para entender o legado teórico de Marx é esse recorte da carta para seu pai, no início de seu empreendimento teórico, pois, a partir das condições concretas na sociedade capitalista, surgem as ideias e não o contrário. Portanto, objetivo para compreender a exploração na classe proletária juvenil não partirá dos sistemas de ideias, que habitam num mundo longínquo, abstrato, metafísico e afastado da realidade concreta da classe operária. Quanto à compreensão da categoria da dialética, ela se desenvolverá no referencial teórico, em seus momentos diferenciados da dialética em Hegel e Marx. Por exemplo, a primeira concepção de dialética (Aufheben) em seus momentos de afirmação, assim como de negação e negação da negação, ou seja, elevação dos momentos anteriores (Aufhebung), que será revelada nas condições concretas da existência do proletariado, como no exemplo na obra *Greve na Fábrica*, que relatam Robert Linhart e os trabalhadores que se organizaram e construíram a greve, sendo nesse “momento da greve” que os conflitos desvelam os momentos dialéticos⁵. No referencial teórico, ainda haverá outros momentos fecundos, como revelar as condições proletárias da juventude, na categoria da alienação em Hegel e Marx, como também do trabalho, Capital, propriedade privada, estranhamento, reforma agrária, e por fim, o materialismo histórico-dialético, com exemplos tanto quantitativos, quanto qualitativos da dialética, inserida na vida dos trabalhadores, como na greve da fábrica.

Quanto à "sequência didática", ela se revelou da seguinte maneira na escola: primeiramente, a maioria dos estudantes que estudam no período noturno já trabalha e ingressou nas empresas privadas ou públicas, por meio das instituições mediadoras do

⁴ MARX, Karl. Carta ao pai em Treveris. Disponível em < [E4 - Texto 1.pdf](#) > Acesso em 14/01/25.

⁵ LINHART, R. **Greve na Fábrica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

trabalho para a juventude proletária. Atualmente, a escola pública estadual do Estado de São Paulo vivencia uma certa invasão de novos conteúdos pedagógicos, prontos para serem usados no ensino médio, cujo objetivo principal é proletarizar a juventude para o mundo do trabalho. Para dialogar com as categorias do trabalho, foram necessários ‘contos sociológicos’ que contivessem essas categorias, como as que se revelam nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, e que foram trabalhados em sala de aula, da seguinte maneira: era dado um conto para o aluno ler, por exemplo, sobre o "salário", e os alunos faziam leituras com suas próprias interpretações, assim como o filme ‘*El empleo*’, que revela a categoria do trabalho em seu momento de ‘objetivação’, e, por último, o "Grupo focal", que permitiu trazer novas verdades sobre as condições proletárias da juventude estudantil. Em todos esses momentos, o aluno foi o sujeito de sua interpretação em diálogo, com outros alunos e o professor, e, conseqüentemente, revelou-se a "condição proletária" da juventude, que é explorada no Brasil, nas variadas instituições de trabalho, como um jovem que relatou na redação, que consta na Figura-9 da sequência didática: “Trabalho embaixo de grandes painéis de luz (...) trabalho com estiletes e costume cortar os dedos frequentemente”. Esta dissertação atualiza a "permanência" com que a juventude proletária vem sendo explorada nas várias instituições de trabalho, desde a época de Marx e que, na atualidade, mostra como é perceptível a exploração da juventude proletária nas instituições de trabalho no Brasil.

1.1 Descrição do tema

A “condição proletária” da juventude é uma permanência na sociedade capitalista; como a pesquisa revela⁶: “68% da juventude que participaram do projeto Jovem Aprendiz, que os destina a ingressar cedo no mundo do trabalho”. A expressão "condição proletária da juventude" não tem sua origem na atualidade. No passado, era tão banal o fósforo de palito no cotidiano. Entretanto, revelava a condição de trabalho da juventude operária no nascimento das fábricas. No entanto, a força de trabalho era composta por: “A metade dos trabalhadores

⁶ Pesquisa mostra 68% dos jovens. O Globo, 2022. Disponível em < [Pesquisa mostra que 68% dos jovens que participaram de programa de aprendizagem conseguem empregos no mercado formal](#) > Acesso em 01/04/25.

são meninos com menos de 13 anos e adolescentes com menos de 18 anos” (Marx, 1995, p. 279). A jornada de trabalho desses jovens operários era de 12, 14 até 15 horas. Nessa época, segundo Marx⁷, havia padarias em Londres onde a juventude trabalhava das 21 horas até às 5 horas da manhã, e o trabalho era cansativo, pois não havia saída para a juventude operária, a não ser trabalhar dia e noite. Do período do nascimento das fábricas até os dias atuais, não houve mudanças significativas para a juventude proletária, quanto à relação Capital e trabalho, tendo como ganho a média salarial inferior a um salário-mínimo, no programa Jovem Aprendiz. A exploração da mais-valia é permanente nas instituições de trabalho, nas quais está inserida a juventude estudantil. O historiador Eric Hobsbawm, em sua obra *A Era das Revoluções*, afirma⁸: “As palavras são testemunhas que muitas vezes falam mais alto do que documentos, palavras como indústria, fábrica, classe trabalhadora, capitalismo, socialismo”. No ano de 2000, foi criada, no governo de Fernando Henrique Cardoso, a política pública da Lei nº 10.097/2000⁹, que estabelece as regras, direitos e deveres para a contratação de jovens aprendizes, com idade entre 14 e 24 anos, pelas empresas. O que revelam para a juventude estudantil e a sociedade as palavras "Jovem Aprendiz" no cotidiano da juventude proletária? O projeto Jovem Aprendiz tem a finalidade de promover a capacitação profissional, e ser ‘guardião’ da juventude estudantil, para o mercado do trabalho, desde que o jovem esteja matriculado numa instituição de ensino médio público e frequente a escola. Na atualidade, alunos do ensino médio são destinados a ingressar no mundo do trabalho, por meio do programa Jovem Aprendiz, a partir dos 14 até os 24 anos de idade, nas instituições de trabalho como shoppings, lojas, fábricas, comércio, escritórios, McDonald's, postos de gasolina, repartições públicas, entre outros. Uma nova configuração do trabalho revela-se no cotidiano, que Antunes definiu como “proletarização”¹⁰, presente no trabalho parcial, temporário, precário e terceirização. A multinacional Walmart, presente em mais de

⁷ Marx, K Marx, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo. Editora Bertrand, 1988.arl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo. Editora Bertrand, 1988.

⁸ HOBBSBAUM, J. ERIC. *A Era das revoluções*, 1789-1848. Paz e Terra.

⁹ Lei Nº 10.097/19 de dezembro de 2000. Presidência da República, 2000. Disponível em: <[L10097](#)> Acesso em: 05/03/25.

¹⁰ Jovem aprendiz: TV Assembleia, 2023. **Número de jovens aprendizes pode chegar a 1 milhão com nova lei**. Disponível em: <<https://www.al.pi.leg/tv/noticias-tv-1/numero-de-jovens-aprendizes-pode-chegar-a-1-milhao-com-nova-lei>> Acesso em: 05/05/2024.

24 países e no Brasil, teve lucro líquido de US\$ 1,67 bilhão no primeiro trimestre de 2023. Entretanto, qual é o segredo da Walmart? Antunes revela¹¹:

O seu maior ‘segredo’ é a utilização de uma ampla força de trabalho composta por mulheres, jovens, negros e portadores de deficiência, que vendem sua força de trabalho por valores bastante reduzidos, valendo-se também de fornecedores chineses que produzem sob encomenda para a empresa.

Nas instituições de trabalho, atualmente, a maioria dos jovens faz parte do projeto Jovem Aprendiz, pois ingressam no mundo do trabalho, a partir de um contrato que legitima sua existência vocacionada ao processo de aprendizagem profissional. Entretanto, o intento maior que atravessa esse projeto "Jovem Aprendiz" é a extração da mais-valia aos capitalistas, que é retirada explicitamente do “salário-hora” dos jovens operários. Em síntese, o salário é calculado por hora de trabalho, sendo 6 horas por dia, 30 horas por semana e, por mês, 120 horas. Em troca, o abono salarial varia entre R\$663 e R\$1000, o que o torna diferente da jornada de trabalho integral de 8 horas diárias, como dos trabalhadores que cumprem jornada completa. As instituições mediadoras de contratação dos jovens e sua capacitação possuem parceria com o Estado e são responsáveis por inserir os jovens em variados postos de trabalho.

Os jovens ingressam nas empresas para ganhar entre R\$663 e R\$1000 por mês em média, o que equivale a R\$23,30 por 6 horas de trabalho diário. Seu ganho por hora é de R\$3,80 em média, além de outros benefícios, como férias remuneradas, 13º salário, vale transporte, vale refeição e plano de saúde. O objetivo principal dessas empresas mediadoras de trabalho, em parceria com as empresas privadas e públicas no Brasil, é a exploração da juventude proletária, o que levanta a seguinte interrogação: por que não pagam o salário integral, mas apenas 60% em média, ou seja, R\$759,40 por horas trabalhadas ao mês, para a

¹¹ ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018. 328p.

maioria dos jovens aprendizes? A justificativa do Projeto Jovem Aprendiz é que o jovem trabalha apenas 6 horas por dia e que o próprio Estado estabeleceu esse valor. Portanto, além da mais-valia, que os jovens proletários produzem, os patrões desfrutam de 40% que não são pagos do salário-mínimo ao jovem aprendiz e acaba aumentando a riqueza dos patrões, além deles receberem incentivos fiscais às empresas, como o pagamento de apenas 2% do FGTS, como a dispensa do aviso prévio remunerado e da multa rescisória do contrato de trabalho. Entretanto gastar com mão de obra adulta custaria o triplo do valor de salário pago aos jovens-aprendizes, portanto é lucratividade aos capitalistas possuir jovens proletários. A juventude imersa nessas instituições de trabalho é vigiada e tem horários determinados para estar no emprego, e acaba vivenciando a subserviência à hierarquia da empresa, além das arbitrariedades dos patrões, como ameaça de ser despedido do emprego, a qualquer momento. As instituições mediadoras dos jovens promovem cursos profissionalizantes, para preparar o ingresso dos jovens no mundo do trabalho.

As instituições mediadoras de trabalho do jovem aprendiz são assistidas pelo poder público, como a instituição Arprom (Associação do Menor Aprendiz), que recebeu R\$ 1099,000 milhões¹² da prefeitura municipal de São José do Rio Preto, no início de 2021, para administrar a instituição ao longo do ano. Na atualidade, em quase todas as cidades do Brasil, existe uma instituição que busca capacitar a juventude operária para ingressar no mercado de trabalho entre os 14 e 24 anos, como a juventude proletária do Arprom, que nasceu durante a Ditadura militar, no dia 24 de outubro de 1967, e cujos objetivos são¹³:

¹² Entidades de Rio Preto receberão 3 milhões de recursos. Diário da Região. São José do Rio Preto, 6/11/21. Disponível em<[Entidades de Rio Preto receberão R\\$ 3 milhões de recursos da Prefeitura de Rio Preto](#)>Acesso em: 06/04/25

¹³ Nossa História. ARPROM. Disponível:<[Nossa História – Arprom](#)>.Acesso em: 07/05/2024.

Tudo começou em 24 de outubro de 1967, quando foi fundada na cidade de São José do Rio Preto – SP, no Palácio da Justiça, pelo M. Juiz da 3ª Vara e de Menores Dr. Silvio Irineu Bednarski, entidade sem fins lucrativos, com a finalidade de atender jovens de famílias vulneráveis colocando à disposição destes, uma estrutura qualificada, dando ênfase ao projeto social e às ações humanas que tenham por finalidade seu pleno desenvolvimento, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A estrutura de exploração da juventude operária estudantil, pelo empresariado, tem a lei a seu favor, como a Lei 428 da CLT: “o contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de 14 anos e menor de 24 anos”¹⁴. Para legitimar a situação de exploração nas instituições de trabalho aos jovens aprendizes, em parceria com o governo, foi preciso criar um corpo de legislação, como a constituição federal de 1988, que permitiu a entrada de menores a partir de 14 anos, assim como o surgimento do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), aprovado pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990¹⁵. Historicamente, nos anos 1980, já havia instituições que faziam a mediação do ingresso do menor no mundo do trabalho, como o Arprom (Associação Riopretense do Menor), que preparava a juventude para os postos de trabalho, nas instituições públicas e privadas.

Na atualidade, para os menores que ingressam nas instituições de trabalho, não existe sindicato e, portanto, o único lugar onde os jovens podem entender sua existência proletária e reivindicar especificamente seus direitos é na escola, no grêmio e na Umes. As escolas públicas nas décadas de 70, 80 e 90 seguiam os ditames de uma pedagogia excludente, bancária e alienante, que legitimava a ordem da exploração capitalista. Os livros didáticos eram produzidos pela classe dominante, que estava no poder, como na disciplina de História, na qual a historiografia era confeccionada a mando dos donos do poder econômico. Havia um agravante, pois a história ensinada nas escolas celebrava o triunfo da classe dominante, e os alunos apenas aprendiam fatos, datas e história dos heróis donos do capital, enquanto nada se

¹⁴ Jus Brasil. **Art. 428 Consolidação das Leis do Trabalho - Decreto Lei 5452/43**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10716962/artigo-428-do-decreto-lei-n-5452-de-01-de-maio-de-1943>. Acesso em: 07 maio 2024.

¹⁵ BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente.

falava sobre as verdades da classe proletária e, muito menos, sobre a lógica do funcionamento da sociedade capitalista. Entretanto, o ‘discurso histórico’ possui outros fundamentos teóricos como a historiografia do cotidiano proletário, que encontra nos “arquivos mortos” da história da juventude proletária, pois existe um ‘discurso fechado’ e pronto da juventude proletária, como afirma o historiador Michel de Certeau: “A história oscila, então, entre dois polos. Por um lado, remete a uma prática, logo, a uma realidade; por outro, é um discurso fechado, o texto que organiza e encerra um modo de inteligibilidade”. (CERTEAU, 2012, p.6)

No cotidiano escolar, após 2006, houve mudanças na Educação, com o advento de políticas públicas para juventude, assim como a volta da Filosofia e Sociologia na grade curricular do ensino médio, as disciplinas de filosofia e sociologia foram novamente incorporadas ao currículo do ensino médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684.¹⁶ Nesse momento, a Educação passou a promover saberes mais críticos e autônomos diante da realidade social. Nessa época, a juventude já vivia imersa no mundo do trabalho. Quais são as experiências desses jovens inseridos em seus ambientes de trabalho? A juventude proletária inserida no mundo do trabalho vivencia o estranhamento, como Marx argumenta¹⁷:

A economia nacional oculta o estranhamento na essência do trabalho porque não considera a relação imediata entre o trabalhador (o trabalho) e a produção. Sem dúvida. O trabalhador produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador (...) substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas.

Diante da citação anterior, o aluno Pedro da escola pública produz riqueza para a burguesia. Pedro estuda à noite, mas, durante o dia, é ourives e cursa o último ano do ensino médio. Ele trabalha numa loja de ourivesaria, sentado e com direito a uma hora de almoço. Sua jornada é de 8 a 9 horas por dia, com funções que começam logo ao chegar ao trabalho:

¹⁶ Lei Nº 11.684, de junho de 2008. Disponível em <[L11684](#)>. Acesso em 08/04/25.

¹⁷ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

preparar materiais para fabricação e reparação de joias, bijuterias, montar, ajustar, encaixar, soldar, rebitar e aplicar resina nas peças. Ao ser perguntado, durante a aula, sobre sua experiência de trabalho, que é mediada pelo projeto "Jovem Aprendiz", disse que apenas conhece seus instrumentos de trabalho e a função que aprendeu a realizar no cotidiano de labor na joalheria, porém, sobre salário, maquinário, comércio, quase nada consegue entender desse universo da economia. O jovem estudante proletário Pedro tem noção de que merecia ganhar um salário completo, mas se conforma ao dizer que 900 reais é um dinheiro bom para viver. Pedro vivencia o "estranhamento" da fábrica e do trabalho, como Marx argumenta: "O ser estranho ao qual pertence o trabalho e o produto do trabalho, para o qual o trabalho está a serviço e para a fruição do qual [está] o produto do trabalho, só pode ser o homem mesmo"¹⁸.

Numa roda de conversa com os alunos do último ano do ensino médio em Sociologia, surgiu a possibilidade de ouvir o relato de um jovem de 17 anos sobre sua vivência no mundo do trabalho. Ao ser perguntado sobre sua experiência de trabalho, logo respondeu: "Não é muito boa, trabalho em estoque numa empresa que vende online. Meu cotidiano é muito cansativo, por conta de 15 minutos apenas de almoço e ficar o dia todo em pé, e a empresa não é bem climatizada." Nas escolas públicas, principalmente nas periferias, os alunos estudam, na maioria, à noite e têm compromisso de trabalho com o projeto Jovem Aprendiz. Por conseguinte, a condição operária da juventude que estuda durante a noite e, no período diurno trabalha (ou vice-versa), passou a ter a escola como seu espaço de liberdade, emancipação cultural, permitindo ser um momento original do seu existir, como jovem estudante e operário.

A maioria da juventude no Brasil, principalmente da classe operária, antes de 2005, dificilmente tinha acesso às universidades públicas ou faculdades particulares, pois não cabia no orçamento financeiro desses jovens, que trabalhavam e estudavam no período noturno ou diurno, cursar uma faculdade. O sonho de ingressar no ensino superior foi interrompido para muitos jovens ao término do ensino médio. Naquela época, nas décadas de 70, 80 e 90, não havia políticas públicas voltadas para a juventude. As políticas públicas significativas para a

¹⁸ *IBID*

juventude começaram a ocorrer a partir de 2005, com a inclusão do jovem na Constituição Federal, em 2010, e a aprovação do Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013)¹⁹, que permitiram a inclusão da juventude na Constituição como sujeito de direitos e cidadania.

Um dos momentos importantes para a juventude, nesse processo de luta por emancipação, foi a afirmação das pautas LGBTQI+, o acesso ao ensino superior, a inclusão social, geração de renda para os jovens brasileiros, o combate ao racismo, a luta pela igualdade de direitos civis, pela participação política do negro e por melhores condições de vida da população nos guetos e favelas do país, emancipação da mulher, igualdade de gênero, entre outros. Essas lutas, no cenário público nacional, explicitam a juventude brasileira como sinônimo de diversidade, criatividade, autonomia e sujeitos de direitos. No ambiente escolar, revela-se o cotidiano de uma juventude que busca afirmar sua existência e acaba encontrando na escola pública, um espaço de liberdade, para expressar sua juventude criativa, por meio de suas novas gírias, tatuagens, piercings e liberdade. Ao ser acolhido no interior da escola, busca afirmar sua autonomia e consciência de classe, assim como seus direitos, que foram aviltados. As demandas das políticas públicas explicam o imenso desafio de integrar ações e construir um novo olhar sobre a condição dos jovens, como sujeitos de cidadania.

Na história da juventude no Brasil, criam-se e recriam-se moratórias, isto é, o Estado determina o tempo da “juventude proletária”, como do jovem-aprendiz de 14 a 24 anos. No entanto, ela ultrapassa esse limite temporal para a juventude²⁰:

Reconhecendo essa diversidade, foi necessário ouvir e distinguir na juventude suas demandas na formulação de políticas públicas, que contemplem de forma integral o seu desenvolvimento, como experimentações, vivências, trajetórias, concepções e quereres dos jovens, tendo por perspectiva a noção de que o jovem ultrapassa a esfera da transitoriedade geracional (entre ser criança, adolescente e jovem), devendo ser reconhecido como sujeito constituído de direitos.

¹⁹ Lei Nº12852. Presidência da República, 5/8/2013. Disponível em:< [L12852](#)>. Acesso em 12/02/25.

²⁰ RIBEIRO, Eliane; MACEDO, Severine. **Notas sobre políticas públicas de juventude no Brasil**. Revista de Ciências Sociais, DS-FCS, vol. 31, n.º 42, enero-junio 2018, pp. 107-12

A citação anterior revela uma interpretação de “ultrapassar” a base da moratória sobre a temporalidade do ser adolescente, jovem, criança, adultos e seus tutores institucionais, supostamente portadores das verdades para a juventude, nas instituições do trabalho, escola e família. Porém, existem alunos de 17 anos que acabam tendo sua moratória interrompida ao deixarem de serem "jovens", pois precisam trabalhar, seja em fábricas, postos de gasolina, comércios, ou devido ao fato de já terem constituído família, com filhos. Sua natural “transitoriedade geracional”, isto é, esse tempo delimitado, não funciona na sociedade capitalista, porque, de repente, o jovem tornou-se adulto cedo na vida e precisa ingressar no mundo do trabalho, assim como acontecia na época de Marx, em que adolescentes e jovens eram inseridos para trabalhar nas fábricas²¹. A juventude proletária, que vive nas grandes periferias das cidades, sofre segregação: “jovens pobres estão mais expostos à segregação por padrões de relações cotidianas, por cor, questões de gênero, por local de residência (favela, periferia, vila, campo)” (Ribeiro et al., p. 5).

A participação da juventude é fundamental na construção das políticas públicas. A juventude tem o potencial de mobilização na construção de sua identidade. Os jovens não devem ser tutelados sob a guarda do Estado, mas devem ser os atores principais dessa ressignificação de ser jovem, que luta por sua autonomia, seus direitos e por uma nova sociedade. No Brasil, a temporalidade da juventude, segundo dados do IBGE de 2016²² abrange a faixa etária de 15 a 29 anos. O governo Lula decretou a moratória para os jovens que trabalham, principalmente na instituição criada pelo Estado, o “Jovem Aprendiz”. No governo Lula sancionou-se a moratória no “Decreto Nº 11.479” de 6 de abril, com o objetivo de diminuir a menoridade: “considera-se aprendiz a pessoa maior de quatorze anos e menor de vinte e quatro anos”²³. É perceptível a contradição do Estado, que procura avançar no acesso à emancipação cultural da juventude, mas também percebe o ingresso da juventude no mundo do trabalho, mediado por instituições governamentais, como o “Jovem Aprendiz”, como CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) e outras particulares que recebem ajuda

²¹ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

²² Ibid.

²³ Decreto. Senado Notícias. **Presidência da República Casa Cível**, 2023. Disponível em<[D11479](#)>. Acesso em 16/02/2025.

do governo municipal, como a ARPROM (Associação Rio-Pretense do Menor Aprendiz), criada na época da ditadura militar para explorar a mais-valia do jovem operário, que ganha menos que um salário mínimo. A maioria da juventude operária vive na periferia e precisa trabalhar para garantir o salário-hora e cobrir os gastos familiares no cotidiano, diferentemente da maioria dos filhos da burguesia, cujo destino é estudar, para que no futuro possam ocupar o lugar dos donos do ‘Capital’.

Um dos acontecimentos políticos importantes para a juventude foi a criação do Conjuve (Conselho Nacional de Políticas Públicas de Juventude), no ano de 2005. O Conjuve passou a representar espaços de diálogo e ações conjuntas entre sociedade e poder público, tendo como missão: “contemplar a diversidade de interesses, etnias, religiões, regiões, orientações sexuais e gêneros, atualizados em diversos tipos de organizações, redes e trajetórias” (Ribeiro et al., 2018). Atualmente, o Conjuve busca superar o desafio de reconhecimento para legitimar as temáticas da juventude diante dos governos e sociedade.

É importante atentar para a violência ocorrida com a juventude no Brasil: “Segundo o Mapa da Violência de 2012, morreram 56.337 pessoas vítimas de homicídio, sendo 30.072 jovens: 53,4% do total. Destes jovens, 71,5% eram negros e 93,4% eram do sexo masculino” (Ribeiro et al., 2018). O jovem negro tem um índice maior de mortes, além de sofrer preconceito no cotidiano da vida escolar. Na escola, é perceptível a juventude afrodescendente sofrendo, em seu cotidiano, assim como em seu ambiente de trabalho, onde é vítima de preconceito, com apelidos como: “Oh neguinho”, como o aluno relatou em sala de aula, ao dizer que trabalhava numa marcenaria. Não apenas seu ambiente de trabalho sofre preconceito, mas também seus próprios companheiros de trabalho.

As abordagens a partir dos materiais didáticos voltados para a juventude são insuficientes para tratar de forma mais ampla a questão do preconceito racial. Geralmente, as ênfases são dadas no mês da consciência negra, nas escolas públicas. Em outras instituições de trabalho, ou religião, pouco se faz para combater o racismo estrutural, que prevalece no Brasil. A juventude busca se emancipar de sua condição de opressão. Um exemplo de

resistência ao preconceito estrutural foi a criação da Juventude Viva, cujo propósito era: “O Plano reunia ações de prevenção para reduzir a vulnerabilidade de jovens negros a situações de violência física e simbólica” (Ribeiro et al., 2018). A juventude vive sua singularidade e diversidade, como afirma Macedo²⁴:

(...) como grupos de Slam, funk, grafite, hip hop, também já conhecidos da cena política, até os que querem se organizar, como os variados recortes de grupos e de expressões juvenis que se encontram nos temas de gênero, LGBT, cor raça, meio ambiente etc.; os chamados coletivos juvenis. Sobretudo a partir da questão racial, cultural e da comunicação, os jovens pobres têm buscado debater problemas sociais que os afetam diretamente, incidindo em seus sonhos e projetos de vida.

As escolas da rede pública básica no estado de São Paulo, mesmo com toda resistência aos setores conservadores que permeiam as unidades escolares, buscam promover aprendizagens inclusivas e libertárias, que no passado eram repudiadas nas escolas, como o funk, o hip hop e a arte do grafite, devido à agenda conservadora e ultrapassada da escola pública²⁵. Atualmente, a "Arte" passou a ser uma expressão de afirmação da juventude e de luta, que busca revelar e afirmar o "ser jovem" numa sociedade conservadora, patriarcal e preconceituosa no Brasil, desvelando-se nos dizeres, gestos, hábitos e maneiras de pensar que estão enraizados, desde os primórdios da sociedade brasileira.

O trabalho é a essência da juventude proletária, ou seja, o que há de mais importante para manter-se vivo. Os jovens proletários no Brasil, na condição de exploração no ambiente de trabalho acabam revelando o "materialismo histórico-dialético" no cotidiano de seu existir, e nas categorias: salário, propriedade privada, dialética, mais-valia, comunismo e a própria condição existencial do trabalho. No Brasil, há uma classe social expressiva e fundamental para empresas privadas ou públicas: a "juventude proletária", que atualmente chega a mais de 612 mil jovens empregados. O programa Jovem Aprendiz possui uma temporalidade de

²⁴ RIBEIRO, Eliane; MACEDO, Severine. Notas sobre políticas públicas de juventude no Brasil. *Revista de Ciências Sociais, DS-FCS*, vol. 31, nº 42, jan.-jun. 2018, pp. 107-112.

²⁵ IBID.

trabalho, que vai de 14 a 24 anos e representa uma força de trabalho, significativa para o acúmulo de Capital, para a classe dominante. No entanto, entre a juventude se amplia a percepção do trabalho como possibilidade de formação e construção de identidade e autonomia (Ribeiro et al., 2018). Contudo, essa percepção imediata de autonomia, que a juventude passa a ter, se desfaz logo ao ingressar no mundo do trabalho, especialmente, quando entra em conflito com a sanção de "não faltar à escola", sob o risco de ser demitido do emprego, uma exigência no programa Jovem Aprendiz.

O jovem que vive na periferia e tem um histórico de sofrimento, devido às suas condições materiais, acaba vendo a possibilidade de trabalho como uma forma de buscar autonomia, ainda que seja por meio da exploração de sua mão de obra barata. Pelo menos, ele não ficará sem dinheiro no bolso para sua sobrevivência, ao optar por uma alternativa de menos risco, em relação ao crime, como roubo ou tráfico.

Existem alunos que estudam de manhã e à noite trabalham, ou vice-versa, porque necessitam garantir sua independência econômica para poderem existir socialmente. A escola passa a ser uma oportunidade para esses jovens, que buscam se qualificar profissionalmente por meio de projetos sociais, como no programa Jovem Aprendiz, e assim, alcançar condições de cidadania no cotidiano. Embora o salário não seja integral, o trabalho representa uma alternativa para não ingressar no mundo do crime, como revelado: "No Brasil, 2/3 dos/das jovens estão trabalhando ou procurando trabalho, e uma parte considerável da juventude brasileira concilia trabalho e/ou estudo com responsabilidades familiares, sobretudo as jovens mulheres" (Macedo et al., 2018). O governo brasileiro, ao firmar a Agenda Nacional do Trabalho Decente em parceria com a OIT, acabou desdobrando-a nos seguintes eixos²⁶:

- 1) Mais e melhor educação, baseada na elevação da qualidade do ensino médio, do ensino técnico e da qualificação profissional;
- 2) Conciliação entre estudos, trabalho e vida familiar;
- 3) Inserção ativa no mundo do trabalho, com mais e melhores empregos para os jovens e com igualdade de oportunidades e de tratamento;
- 4)

²⁶ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

Diálogo social, com a intenção de ampliar e fortalecer o debate sobre as alternativas e condicionantes para a melhor inserção juvenil no mercado de trabalho.

Os quatro eixos mencionados anteriormente, na referência, têm procurado as condições material e cultural da juventude operária, tanto no seu cotidiano de trabalho, quanto na vida escolar? O que seria a melhor condição: o ensino médio ou o ensino técnico? Percebe-se que a OIT (Organização Internacional do Trabalho) foca mais em profissionalizar o jovem para o mercado de trabalho, do que em emancipá-lo culturalmente; pois as instituições de trabalho, esperam esses jovens proletários, para compor o quadro de trabalhadores de suas empresas.

O Brasil atingiu, em março de 2024, a marca histórica de 602.671 jovens aprendizes contratados, com idades entre 14 e 24 anos, em empresas como Nestlé, Embraer, Coca-Cola, Banco Itaú, além de estatais como Banco do Brasil, entre outras²⁷. Essa temporalidade de 10 anos reflete a exploração da juventude operária, que se perpetua desde o nascimento do capitalismo. Como Marx já afirmava, “o trabalho, além de 12 horas, tende a deteriorar a saúde do trabalhador, a causar-lhe envelhecimento rápido e morte prematura, levando a infelicidade às famílias dos trabalhadores” (Marx, 2012, p.190).

É comum ouvir dos alunos do turno noturno: “Aquela empresa é boa, recebi certinho o salário”. No entanto, ao contabilizar as horas de atividades, o projeto Jovem Aprendiz ultrapassa as 6 horas estipuladas pela legislação trabalhista. Por exemplo, um jovem proletário trabalha 6 horas numa empresa, mas precisa gastar até 60 minutos de ônibus (geralmente vindo da periferia) para chegar ao trabalho, totalizando quase 2 horas de deslocamento. Depois, mais 30 minutos ou mais para chegar à escola. E se faltar à escola, corre o risco de ser mandado embora do emprego. Durante o período escolar, o jovem dedica 4 horas ao estudo, e o tempo de retorno para casa adiciona mais horas. Essas horas de deslocamento, que não são contabilizadas oficialmente, estão diretamente relacionadas ao trabalho do jovem aprendiz, já que faltar na escola pode resultar em demissão.

²⁷ *Ibid.*

Somando todas as horas de trabalho, deslocamento e estudo, o jovem pode estar comprometendo até 10 horas por dia, muito mais do que as 6 horas de trabalho previstas pela legislação. Esse cenário revela uma distorção entre a legislação e a realidade vivida pelos jovens proletários.

Nas décadas passadas, principalmente, entre (1964-1985) não existiam políticas públicas voltadas para os jovens operários. Hoje, a luta da juventude por melhores condições de vida acontece por meio do movimento estudantil e outras instituições, que buscam promover a emancipação da juventude, especialmente por meio da educação superior, seja em universidades públicas ou privadas. A juventude se revela como sujeito de reivindicações: “Contudo, a implantação de políticas públicas não se faz apenas por decretos. É preciso conquistar espaços nos diferentes ministérios, nas esferas estaduais e municipais e em amplos setores da sociedade”²⁸.

Mas como é possível acessar esses espaços? No nível municipal, a juventude estudantil tem seus instrumentos de luta, como a UMES (União Municipal dos Estudantes Secundaristas) e a UNE (União Nacional dos Estudantes). Nas escolas estaduais e municipais, o Grêmio Estudantil se torna o sindicato da juventude, sendo um espaço de reivindicação estudantil. Contudo, para que esse espaço seja efetivo, é necessário apoio dos professores e da direção da escola, para que os alunos despertem o desejo de lutar por seus direitos e adquiram consciência de classe. A juventude busca dentro do ambiente escolar vivenciar sua liberdade de forma singular, expressando-se por meio de músicas, roupas rasgadas, piercings, troca de nomes, tatuagens, entre outras manifestações culturais.

Além disso, a juventude operária secundarista tem especificamente seu ‘sindicato’ legal para reivindicar seus direitos, como a UMES (União Municipal dos Estudantes Secundaristas), que possui poder de mobilização e ajuda a fortalecer a consciência política da juventude. Isso permitirá que a juventude una forças para enfrentar as estruturas conservadoras da educação, como lutar por seus direitos. A luta emancipatória do jovem

²⁸ *Ibid.*

proletário começa em sala de aula, que é um espaço por excelência de promover aprendizagens que revelam saberes emancipadores da condição proletária, e de luta contra as forças políticas resistentes às conquistas da juventude, entretanto, existem ministérios que não tem tradição de debater as pautas da juventude²⁹:

Sem novos canais de participação, não há como implantar, monitorar e avaliar projetos e ações voltados para a juventude. Além disso, uma grande dificuldade foi a real incorporação das políticas de juventude nos diferentes Ministérios, que não têm uma tradição em debater temas específicos, dificultando a transversalidade e a intersetorialidade das demandas e necessidades juvenis.

A luta pela emancipação da juventude no Brasil ganhou destaque nos últimos 20 anos, especialmente a partir de 2005. No entanto, ainda encontra resistência de atores políticos que não se alinham com as pautas de inclusão das minorias, como jovens negros, LGBTQI+, operários jovens, entre outros. Para compreender melhor a realidade juvenil, é crucial interpretar a Figura 1 (Estudo e Trabalho), que apresenta dados essenciais sobre a juventude brasileira. De acordo com a pesquisa, 53% dos jovens trabalham, enquanto 47% não estão no mercado de trabalho³⁰.

É importante destacar que os empregos disponíveis para essa parcela de jovens trabalhadores são, em sua maioria, de serviço pesado e baixa remuneração, que serão revelados na sequência didática, nos relatos da condição proletária. Eles ocupam posições como ajudantes de marceneiro, pedreiros, pintores, ou em rotinas de escritório, vendedores em lojas e no programa Jovem Aprendiz. Muitos desses jovens, principalmente os que estudam à noite, trabalham sem carteira assinada ou como freelancers. Os que fazem parte de programas governamentais, como o Jovem Aprendiz, muitas vezes não recebem o salário-

²⁹ RIBEIRO, Eliane; MACEDO, Severine. Notas sobre políticas públicas de juventude no Brasil. **Revista de Ciências Sociais, DS-FCS**, vol. 31, nº 42, jan.-jun. 2018, pp. 107-112.

³⁰IBID.

mínimo integral, além de estarem sujeitos a regras rígidas, como a obrigação de frequentar a escola. Caso não cumpram com as exigências do programa, correm o risco de ser demitidos.

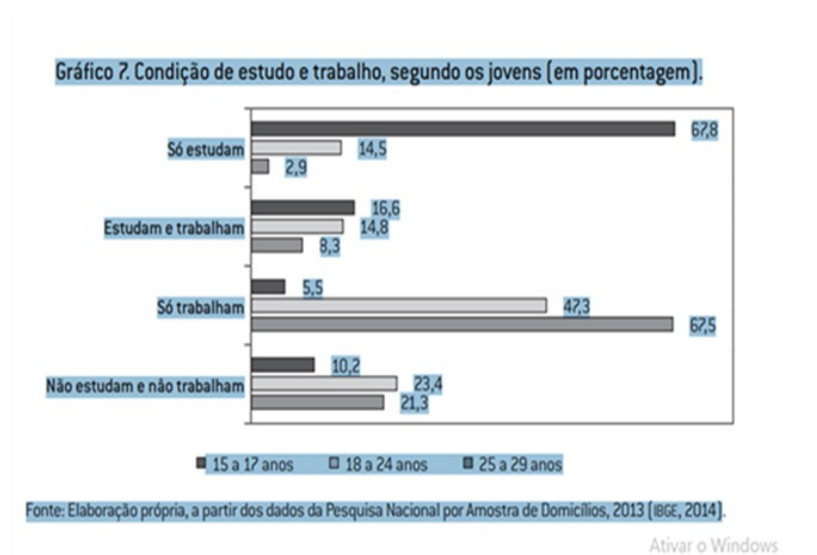


FIGURA 1- ESTUDO E TRABALHO

FONTE-IBGE,2014

Conforme, o gráfico anterior (Macedo et al), historicamente, revela-se a permanência da condição juvenil proletária de tempo pretérito de dados significativos sobre a juventude, destacando três faixas etárias: 15 a 17 anos, 18 a 24 anos, e 25 a 29 anos. A pesquisa foca em trabalho e estudo, e o que chama a atenção são os dois últimos grupos etários (18-24 e 25-29 anos), em que a vida dos jovens é predominantemente marcada pela inserção no mercado de trabalho.

Apesar dos avanços nas políticas públicas para juventude no Brasil, muitos jovens ainda estão afastados da escola, e 47%, conforme o gráfico, estão fora do sistema educacional. Esses dados revelam persistências históricas no Brasil, quando o jovem proletário não tinha acesso a bens culturais e educacionais, ao contrário dos filhos da burguesia, que usufruíam do

sistema estatal, entrando nas universidades públicas e, por exemplo, cursando Medicina, uma profissão que antes só era acessível aos filhos da classe dominante. Entretanto, com a implementação de políticas públicas como o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil) e o ProUni (Programa Universidade para Todos), surgiu a esperança de reverter essa situação de desigualdade, permitindo o acesso ao ensino superior para um número maior de jovens oriundos da classe proletária.

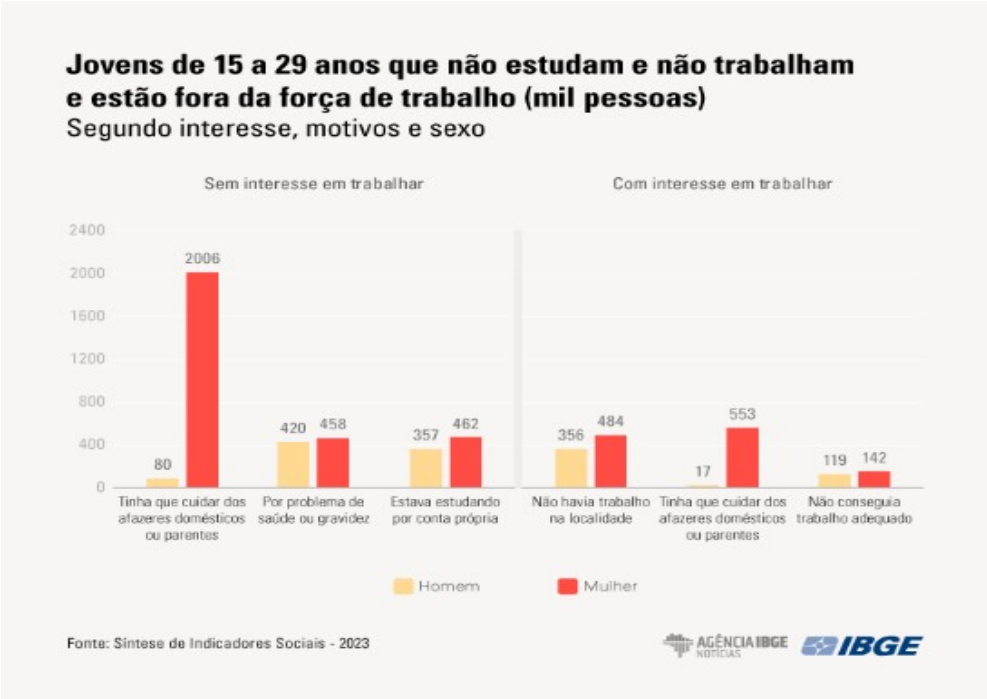


FIGURA-2: JOVENS DE 15 A 29 ANOS

Fonte: IBGE:2023

Nesse gráfico anterior, de 2023, percebe-se que 2006 mulheres não estudam nem trabalham. Elas talvez vivenciem a permanência histórica da mulher na sociedade capitalista

machista, patriarcal e excludente no Brasil, com destaque para reclusão da mulher no lar, para afazeres domésticos, ou serem exploradas em várias instituições de trabalho. Segundo o IBGE³¹:

Do total de 10,9 milhões de jovens que não estudam e não estão ocupados, 61,2% eram pobres, com renda domiciliar per capita inferior a US\$ 6,85 por dia, e 14,8% eram extremamente pobres, com renda domiciliar per capita abaixo de US\$ 2,15 por dia, de acordo com as linhas de pobreza do Banco Mundial. No Nordeste, 75,5% dos jovens que não estudam e não estão ocupados estavam na pobreza e 22,5% na extrema pobreza.

A maioria da juventude proletária não conseguiu, nas décadas de 70, 80 e 90, realizar seus sonhos de cursar o ensino superior, pois o destino esperado era o trabalho. Naquela época, Martinho da Vila compôs a música “Pequeno Burguês” , que estreou em plena ditadura militar, e cuja letra descreve a verdade daqueles tempos: “Morei no subúrbio, andei de trem atrasado. Do trabalho ia para a aula, sem jantar e bem cansado, mas lá em casa, à meia-noite, tinha sempre a me esperar um punhado de problemas e uma criança para criar”³². Mesmo que a juventude, a partir de 2005, tenha avançado por meio de políticas públicas voltadas para o acesso ao ensino superior e outras pautas inclusivas e libertárias, o golpe de 2016 trouxe forças políticas conservadoras de extrema direita, que ainda estão vivas e se consideram as guardiãs de uma falsa moral. Estas forças seguem arquitetando meios para retornar ao poder e fazer o Brasil regredir nos avanços democráticos e nas conquistas sociais que a juventude operária vem conquistando no país.

³¹ Pobreza no país. IBGE-agencia,2024.Disponível em: <[Em 2023, pobreza no país cai ao menor nível desde 2012 Agência de Notícias](#)>. Acesso em:16/02/24.

³² MARTINHO DA VILA. **O pequeno burguês**. Rio de Janeiro.1969.

1.2 Problematização

A educação pública básica no estado de São Paulo vivencia um novo momento com a ascensão do governo estadual, que busca transformar a educação básica, inserindo-a em plataformas de aprendizagem voltadas para a proletarianização da juventude. Essa transformação inclui a oferta de vários cursos técnicos em diversas áreas, retomando práticas das décadas anteriores e mantendo a tradição de preparar os jovens para o mundo do trabalho. No sistema educacional brasileiro, ainda existem resquícios de uma era dominada pelos privilegiados detentores do poder, cuja intenção é sistematizar a educação a seu favor, como afirma Fernandes³³:

Como herança do antigo sistema escravocrata e senhorial, recebemos uma situação dependente e inalterável na economia mundial, instituições políticas fundadas na dominação patrimonialista e concepções de liderança que convertiam a educação sistemática em símbolo social dos privilégios e do poder das camadas dominantes.

Atualmente, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo está promovendo mudanças significativas no sistema educacional, com um enfoque tecnicista que visa à proletarianização da juventude. Essas mudanças lembram as práticas das décadas de 70 e 80, quando os jovens realizavam cursos técnicos como torneiro mecânico, marceneiro, eletricista de manutenção, datilógrafo e desenhista arquitetônico, com o objetivo de formar mão de obra barata para empresas de construção civil, mobiliário, escritórios, agências bancárias e instituições estatais. Com a alteração prevista na Lei nº 13.415 de 2017³⁴, surge um novo modelo de ensino médio. A nova organização curricular se desdobra na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e nos novos itinerários formativos, que serão oferecidos aos alunos para completar sua grade curricular. As profissões que farão parte do itinerário técnico

³³ FERNANDES, Florestan. **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.

³⁴ Lei Nº13.415. [**LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017**](#). Presidência da República Secretária-geral. Disponível em:< [L13415](#)>. Acesso em:16/02/25.

incluem: Administração, Agronegócio, Ciência de Dados, Desenvolvimento de Sistemas, Enfermagem, Farmácia, Hospedagem, Logística e Vendas, além de cursos no Senai. A partir dessas profissões elencadas, percebe-se que a juventude estudantil será direcionada a cursos voltados para trabalhar em empresas que buscam lucros permanentes, como o Agronegócio e Ciências de Dados, áreas relacionadas com tecnologia e voltadas para criar softwares para empresas que dominam o mercado.

Com essa nova configuração dos itinerários formativos de ensino técnico e a recente mudança da grade curricular no Estado de São Paulo, surgem importantes questionamentos: Como os alunos secundaristas das escolas públicas estão buscando compreender seu mundo de trabalho? Por que a maioria dos alunos se encontra alienada diante das estruturas político-econômicas e de seu mundo de trabalho? Seria a superestrutura da sociedade, ao revelar a ideologia capitalista?

A maioria da juventude estudantil busca compreender sua existência por meio dos sistemas de ideias contidos em religião, família, mídia e outras instâncias do senso comum cotidiano, como: "pobres sempre tereis convosco", "estou desempregado, mas é uma provação", ou "o Brasil sempre foi assim e não vai mudar". Quando se volta para os conteúdos pedagógicos estabelecidos pelo governo na educação básica, o corpo docente é obrigado a ensinar o conteúdo pedagógico específico e não outro. No novo ensino médio, embora as disciplinas de Ciências Humanas, Exatas, Linguagens e Humanidades tenham sido preservadas, o maior intuito do governo parece ser a profissionalização do corpo discente, com foco em uma educação pragmática. Esse modelo se assemelha a uma educação bancária³⁵, onde todo o material didático já vem pronto e cabe ao professor apenas transmiti-lo, com a principal intenção de preparar o corpo discente para ingressar nas empresas como mão de obra barata. Embora sejam oferecidos cursos de programação de software, agronegócio e farmácia, o que realmente se busca é formar mão de obra qualificada para aumentar o lucro dos capitalistas, diante da escassez de trabalhadores qualificados no mercado.

³⁵FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970. pp. 57-76.

Diante dessa nova configuração do ensino médio, surge para o corpo docente o desafio de criar caminhos didáticos, que permitam aos alunos dialogarem com a categoria da "alienação". As condições objetivas da classe estudantil operária em seu ambiente de trabalho exigem a implementação de outros conteúdos didáticos, com momentos fecundos de aprendizagem sobre o materialismo histórico-dialético. A herança teórica de Marx, Engels e Lenin, ao partir da realidade concreta do mundo do trabalho, possibilita ao corpo docente compreender sua condição existencial de trabalho e exploração. A juventude proletária pode começar a "questionar" sua vivência de trabalho, entendendo o capitalismo e a exploração à qual está sujeita.

O método do materialismo histórico-dialético permite revelar explicitamente, por meio de sequências didáticas e grupo focal, a realidade da exploração enfrentada pela juventude operária. Nesse contexto, o materialismo histórico-dialético não é apenas um instrumento didático para o aluno, mas também um fundamento teórico para o entendimento da condição de opressão da juventude no capitalismo. Esse método promove uma "revolução copernicana" para a compreensão da sociedade capitalista, contribuindo para ressignificar o existir da juventude operária.

1.3 Metodologia

O método do materialismo histórico-dialético tem como objetivo revelar aos jovens proletários como ocorre a exploração na sociedade capitalista. No cotidiano escolar, percebe-se que a juventude, através de aulas expositivas e dialógicas, possui dificuldade em entender o seu mundo de jovem operário, ao viver longas jornadas de trabalho, acordando cedo e enfrentando ônibus lotados, que os levam ao seu destino cotidiano de trabalho. Por estudarem no período noturno, acabam retornando para suas casas, após as 23 horas, para o merecido descanso da sua jornada de trabalho.

Essa situação remonta ao nascimento das fábricas, onde a juventude já era submetida a longas jornadas, como Marx revela³⁶:

A lei de 1833 estabelece que a jornada normal de trabalho começa às cinco e meia da manhã e termina às oito e meia da noite, e que é legal, dentro desses limites de um período de 15 horas, empregar menores, isto é, pessoas entre 13 e 18 anos, a qualquer hora do dia, desde que o menor empregado não trabalhe durante um dia mais de 12 horas, com exceção de casos expressamente previstos.

É a partir de sequências didáticas e de grupos focais que será possível uma aprendizagem significativa para a compreensão da existência operária da juventude, abordando categorias como salário, jornada de trabalho, relação de hierarquia, propriedade privada, alienação, mais-valia, entre outras. O método do materialismo histórico-dialético será dialogado com o corpo discente e terá sequência didática como momento fecundo de aprendizagem, uma vez que o saber proporcionado pelo materialismo dialético-histórico permite revelar a verdade do capitalismo. Marx reinterpretou a dialética de Hegel, que foi "colocada de cabeça para baixo", especialmente no que diz respeito à materialidade e às condições concretas da existência proletária. O subjetivismo que predominava nas interpretações da realidade passou a ter uma nova interpretação com Marx³⁷:

A fome é uma carência natural; ela necessita, conseqüentemente, de uma natureza fora de si, de um objeto fora de si, para se satisfazer, para se saciar. A fome é a carência confessada de meu corpo por um objeto existente fora dele, indispensável à sua integração e externalização essencial.

O saber sobre a realidade do capitalismo é mediado pelos aparelhos ideológicos do Estado (AIE) como argumenta Althusser³⁸. A maior parte do corpo discente vive em estado de

³⁶ MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand, 1988.

³⁷ *IBDI*.

³⁸ ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

alienação quanto ao entendimento da realidade social, expressando afirmações como "o patrão trabalhou para ter o que tem hoje", "Deus deu oportunidade para ele ficar rico" ou "ricos e pobres sempre existiram". Percebe-se que muitos alunos estão imersos nesse estado de alienação, sendo necessário, portanto, criar momentos de aprendizagem que despertem o desejo do aluno pelo saber. Os conteúdos didáticos que alimentam as aprendizagens da juventude estudantil provêm dos aparelhos ideológicos do Estado, assim como de aparelhos repressivos, como sanções, expulsões e reprovações. Althusser argumenta³⁹:

Acreditamos, portanto, ter fortes razões para acreditar que, por trás dos jogos de seu Aparelho Ideológico de Estado político, que ocupou o centro do palco, o que a burguesia criou como seu aparato ideológico número um, tão dominante, é o sistema escolar, que, de fato, substituiu em suas funções o antigo aparelho ideológico de estado dominante, a saber, a Igreja. Podemos até acrescentar: o par Escola-Família tem de substituir o casal da Igreja-Família.

Para Althusser, a escola torna-se um aparato ideológico do Estado⁴⁰. No entanto, no Brasil, a população é extremamente religiosa, com diversas crenças e religiões; essas duas instituições – a escola e a religião – juntamente com outras, acabam permitindo a solidificação da alienação da juventude. Os alunos precisam despertar para a verdade do materialismo histórico-dialético, tanto em seus espaços de trabalho, quanto na sua vida cotidiana, pois nada é mais importante para o corpo discente do que entender o método criado por Marx e Engels, especialmente em seus ambientes de trabalho. Quando há uma greve estudantil convocada pelo movimento estudantil, como a Umes, muitos jovens demonstram indiferença e não aderem à greve estudantil. Esses jovens, que não participam da paralisação, e não sabem que suas ideias sozinhas não mudarão sua condição social, não compreendem que seu salário depende de fatores externos a eles, como a fábrica, os meios de produção e o patrão, como

³⁹ *IBID.*

⁴⁰ *IBID.*

Marx afirma: "Pois tão logo existam objetos fora de mim, tão logo eu não esteja só, sou um outro, uma outra efetividade que não o objeto fora de mim"⁴¹.

Um exemplo em que os alunos podem vivenciar e entender o materialismo histórico-dialético é sua inserção no ambiente escolar, que, conforme Althusser, é um aparelho ideológico do Estado, como evidenciado pelo seguinte trecho⁴²:

Por outras palavras, a Escola (mas também outras instituições de Estado, como a Igreja ou outros aparelhos, como o Exército) ensina 'saberes práticos', mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da 'prática' desta. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, não falando dos 'profissionais da ideologia' (Marx), devem estar de uma maneira ou de outra 'penetrados' desta ideologia, para desempenharem "conscienciosamente" a sua tarefa — quer de explorados (os proletários), quer de exploradores (os capitalistas).

A citação anterior ensina "saberes práticos", mas em moldes que asseguram a sujeição, refletindo o que os educadores vivenciam na educação básica, quando o "saber" chega ao professor como "fast-food" e passa a ser uma linha de produção em série, na qual os professores cumprem a última etapa: ensinar o conteúdo que foi enviado virtualmente. Essa prática promove uma pedagogia de sujeição. Para Marx, a sociedade não terá durabilidade se não reproduzir suas condições materiais. Althusser revela sua ênfase nas superestruturas dos aparelhos ideológicos, que impulsionaram a reprodução do capital pelos operários. Por isso, é relevante a promoção de sequências didáticas, como Althusser diz sobre o Capital: "A partir da seção II (A transformação do dinheiro em capital, as coisas são luminosas). Penetra-se então diretamente no coração do livro. Este coração é a teoria da mais-valia (...) experiência cotidiana: a exploração de classe"⁴³. Se para Althusser iniciar a leitura sobre a obra "O Capital" a partir da seção II é importante, também será para os alunos secundaristas, tanto para compreender como perceber, em seus momentos de trabalho e vida, o "materialismo

⁴¹ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

⁴² ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

⁴³ *IBID.*

histórico-dialético", pois isso permitirá pavimentar a possibilidade de aprendizagens significativas, como nas sequências didáticas em relação à Ideologia. A sequência didática busca abrir um diálogo, com os alunos, sobre a Ideologia, como Marx argumenta⁴⁴:

São os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem esta sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência.

A partir de Marx na citação anterior, surge a possibilidade do diálogo com os alunos que trabalham e que começaram a entender o método do "materialismo histórico-dialético", como exemplo das seguintes indagações, no cotidiano da aula:

- a) O que seria para os alunos produção material?
- b) O que é o pensar? O pensar muda ao trabalhar?
- c) Como se determina a consciência? O que é consciência?

Na escola pública, ainda permanece a forma bancária de ensinar, com o agravante do novo ensino médio do Estado de São Paulo, que busca proletarizar os alunos secundaristas via cursos técnicos. Portanto, como afirma Freire⁴⁵:

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como

⁴⁴ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

⁴⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970. pp. 57-76.

também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando nem educador do educador, mas educador-educando com educando-educador.

Em sala de aula, busca-se, por meio da interação educador-educando, instaurar o diálogo com o intuito de promover aprendizagens significativas. Isso se dá por meio da sequência didática com os alunos, numa perspectiva de liberdade e descoberta do seu momento como jovem, que busca afirmar a vida e ter aprendizagens significativas. Essas aprendizagens podem trazer uma consciência de classe, permitindo o entendimento da lógica de exploração capitalista que atravessa seu mundo cotidiano e sua condição de ser jovem que reivindica seus direitos e se une com a juventude, para lutar contra a tirania do capital no Brasil.

A pesquisa metodológica de natureza qualitativa, através do "grupo focal", foi escolhida devido à temática da categoria do "trabalho" (Arbeit), que a maioria dos jovens estudantes vivencia no seu cotidiano. Esses jovens, em determinado momento de suas vidas, passaram a ter salário, jornada de trabalho, patrão, gerente, entre outros. O desenvolvimento do método do materialismo histórico-dialético possibilita aos alunos saírem do estado de alienação, não apenas por meio da sequência didática, mas também pelo método de pesquisa "Grupo Focal", que ocorrerá no interior da escola. Através deste método, será possível promover novas interpretações da vida. Como Gatti (2005) afirma: "A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias compartilhadas por pessoas do dia a dia."

Quando se vivencia a metodologia do Grupo Focal com os alunos, é possível realizar descobertas significativas sobre a juventude, que vivenciam a rotina de uma jornada de trabalho de 6 horas, imersos em seus postos de trabalho. Após esse dia de trabalho, à noite, o aluno vai para sua última estação: a escola, onde ele poderá ressignificar sua condição de jovem proletário. A dinâmica do grupo focal ocorreu no período noturno, com um professor convidado para ser moderador da reunião, composto por um grupo de 4 alunos, misturados

por idade, raça e gênero. Gatti afirma (2005) "O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, por outro meio seria difícil de se manifestar".

A maioria dos jovens secundaristas é influenciada pelo aparelho ideológico do Estado (AIE), que busca alienar a juventude para um mundo fora da realidade concreta de sua existência. O materialismo histórico-dialético, portanto, se entende a partir das vivências cotidianas, principalmente no mundo do trabalho. Criar métodos didáticos como a sequência didática, aulas dialógicas em círculo e o desenvolvimento do grupo focal permitirá que os alunos compreendam as categorias que habitam as instituições de trabalho na sociedade capitalista. Por fim, tanto as sequências didáticas, quanto o grupo focal e as aulas dialógicas em círculo, permitirão aos alunos entenderem e vivenciarem o legado teórico de Marx, o "Materialismo Histórico-Dialético". A juventude proletária, que trabalha durante o dia e, no período noturno, vai para a escola, busca compreender o seu "existir", especialmente no que diz respeito ao seu mundo do trabalho, tendo na escola sua única saída do estado de alienação.

1.4 Objeto

O objeto dessa dissertação é a "*A condição proletária da juventude estudantil e as categorias marxianas do trabalho*", tendo como método o materialismo histórico-dialético. De nada adiantaria trazer informações sobre o funcionamento da sociedade e o mundo do trabalho se os alunos não compreendessem o método do 'materialismo histórico-dialético', no seu cotidiano, em seu próprio existir. A juventude estudantil operária vivencia no cotidiano do seu emprego a submissão à relação de hierarquia no trabalho, a subserviência às ordens do patrão, assim como o estranhamento, por não compreender a lógica da exploração capitalista em relação à sua condição de trabalho, que gera lucro e mais-valia. A juventude precisa de algo mais efetivo para compreender sua realidade concreta e se emancipar, sendo o método "materialismo histórico-dialético" a única possibilidade do aluno sair do estado de alienação.

É a partir das sequências didáticas que os alunos poderão entender como ocorre a exploração em seus postos de trabalho. Enquanto os alunos estiverem imersos no senso comum, ou achando natural o que vivem no cotidiano, como se fosse a vontade dos deuses ou o destino, não sairão de sua condição de alienação. Portanto, o objetivo do “Grupo Focal” e das sequências didáticas é desnaturalizar essa condição de opressão, que é imposta aos alunos secundaristas. Certa vez, em sala de aula, uma aluna de 16 anos compartilhou sua experiência de trabalho, ao contar que atendia numa padaria de supermercado e, durante 6 horas, trabalhava em pé, tendo apenas 15 minutos para almoçar. A aluna reclamava que tinha de almoçar rapidamente. Naquele momento, a aluna produzia suas ideias e representações sobre a realidade em que vivia, considerando-a algo natural, mesmo que os clientes agissem sem educação, como se ela fosse uma escrava do comércio. No entanto, o oxigênio que a alimentava, naquela situação, era saber que receberia um salário por mês, como afirmam Marx e Engels⁴⁶:

A produção das ideias, representações, da consciência está a princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparece aqui ainda como reflexo direto do seu comportamento material. O mesmo se aplica à produção espiritual como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc., de um povo. Os homens são os produtores das suas representações, ideais etc.

1.5 Hipóteses

1.5.1 Primeira Hipótese

Para maioria da sociedade a existência dos jovens proletários imersos no projeto jovem-aprendiz é algo natural e, inclusive, para muitas famílias proletárias irá ajudar a compor o orçamento familiar ao profissionalizar o filho ao mundo do trabalho. Entretanto, se

⁴⁶ MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Arquivo marxista na internet. Disponível em:< [Marx e Engels: A Ideologia Alemã](#)>Acesso em:16/02/25.

a juventude estudantil proletária entender o seu estado de alienação, em que se encontra diante da relação do capital e trabalho, poderá ressignificar sua vida, através da unidade escolar, onde os saberes críticos e emancipadores poderão trazer uma nova maneira de entender o mundo do trabalho, e, portanto, através de seus sindicatos Umes e Grêmio estudantil poderá lutar por seus direitos contra a tirania do capital, que se revela em várias instituições de trabalho, seja no comércio, indústria, ou serviço em repartições públicas, como prefeitura, lojas, Bancos privados, cujo meta é a exploração da força de trabalho, como argumenta Marx⁴⁷:

O trabalhador só é, enquanto trabalhador, na medida em que é para si mesmo como capital, e só é como capital, na medida em que o capital é para ele. A existência do capital é sua existência, sua vida, tal como determina o conteúdo de sua vida de maneira indiferente.

O capitalista não compra apenas meios de produção, mas também a "força de trabalho"; ou seja, os operários se tornam mercadoria (capital) para gerar mais-valia. A hipótese é que, se o aluno vivenciar momentos fecundos de aprendizagem em aulas dialógicas (sequências didáticas), ele terá grandes chances de superar seu estado de alienação e ressignificar tanto sua maneira de aprender, quanto seu existir.

1.5.2 Segunda Hipótese

A juventude trabalha em empresas como Arprom, Fulbeas e CIEE, que têm como um dos seus principais objetivos promover o acesso ao mundo do trabalho para os menores. Essas empresas contratam jovens aprendizes e oferecem cursos profissionalizantes de curta duração, com o intuito de inserir os jovens no mercado de trabalho, seja em instituições privadas ou

⁴⁷ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

públicas. Muitas dessas instituições foram criadas durante a época da ditadura militar, com a missão de preparar mão de obra barata, para os donos do capital.

Os jovens aprendizes que já trabalham não recebem o salário integral, mas sim uma média salarial que varia entre 700 e 900 reais. Contudo, para onde vai o restante do salário dos menores? A hipótese é que as empresas mediadoras do jovem aprendiz que oferecem os empregos ao capacitar os jovens se apresentam para a sociedade como instituições filantrópicas e solidárias, mas, na realidade, recebem financiamento de maçons, do governo, de empresários e do Estado, ou seja, além de legitimar o trabalho do jovem aprendiz, acabam recebendo ‘dividendos’ dos capitalistas e do Estado. Esses recursos financiam as empresas que promovem o programa de jovem aprendiz. Consequentemente, quem realmente se beneficia da exploração da mais-valia do menor aprendiz são as empresas que fazem a mediação e as empresas privadas que, ao colaborarem com as instituições de capacitação, recebem benefícios financeiros.

1.5.3 Terceira Hipótese

No cotidiano das escolas públicas, ainda predomina o método da “educação bancária”, onde o foco está nas notas e nos resultados de avaliações externas, como o Enem, o Provão Paulista, e com o agravante da implantação do novo ensino médio. Essa configuração marca um novo momento histórico da educação, orientado para o pragmatismo e o utilitarismo, no qual o objetivo principal passa a ser os resultados numéricos, e não uma aprendizagem verdadeiramente diferenciada.

Além disso, a educação bancária segue sendo uma realidade nas escolas do estado de São Paulo, que atualmente está voltada para a proletarização do estudante secundarista, com o objetivo de qualificá-los para o mercado de trabalho em empresas de software,

supermercados, fábricas, comércio e instituições públicas. Essa situação nos alerta para uma nova configuração do mundo do trabalho, como explicitada pelo seguinte trecho⁴⁸:

Novos processos de trabalho emergem, onde o cronômetro e a produção em série e de massa são substituídos pela flexibilização da produção, pela especialização flexível, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado.

A hipótese que surge da sequência didática e do grupo focal, tendo o materialismo histórico-dialético como referencial, é que essas experiências didáticas podem ser estendidas ao corpo docente. Os professores poderão adotar essa metodologia, que será compartilhada durante reuniões, como os ATPCs (trabalho pedagógico coletivo), com o objetivo de enriquecer o processo de ensino na escola. O corpo docente, atualmente, enfrenta um período difícil na educação pública do Estado de São Paulo, em que tudo se torna virtual, e os conteúdos a serem ensinados chegam como "fast-food" – rápidos e prontos para serem transmitidos, sem uma reflexão sobre didática. Nesse contexto, é necessário ressignificar essa abordagem formatada, promovendo um processo de aprendizagem que seja significativo para o corpo discente o qual ainda carrega a esperança de uma escola que desperte o desejo de aprender e fomente a autonomia do saber. Portanto, a hipótese é que, a partir da sequência didática e do grupo focal, possa surgir uma metodologia didática inovadora para os professores, fundamentada no “materialismo histórico-dialético”, para ser usada com os alunos secundaristas.

⁴⁸ ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O caminho epistêmico selecionado para o desenvolvimento desta dissertação é composto pelas obras de Marx, Engels, Lênin e outros pensadores, com destaque para o “Manuscritos Econômico-Filosóficos” e o Capital. A juventude operária estudantil vivencia sua condição de jovem imersa no mundo do trabalho e, simultaneamente, no ambiente escolar. Um exemplo disso é o aluno Ailton, que cursa o primeiro ano do ensino médio. Ao final de uma aula de Sociologia, ele disse: “Professor, não entendo porque eu trabalho 6 horas e minha mãe trabalha 8 horas”. Esse tipo de questionamento é recorrente entre os jovens estudantes, que, no período diurno ou noturno, já estão inseridos no mundo do trabalho, com jornadas médias de 6 horas.

Para a juventude operária, o materialismo histórico-dialético não é uma ideia abstrata ou uma abstração metafísica, mas uma realidade concreta de sua existência. Como Marx argumenta: “O homem nada mais é do que trabalhador e, como trabalhador, suas propriedades humanas o são apenas na medida em que são para o capital, que lhe é estranho” (Marx, 2010, p. 91).

A primeira forma de estranhamento para o jovem operário se revela na jornada de trabalho, que, para ele, é um processo que excede o tempo formalmente estipulado. Embora sua jornada seja de 6 horas, ele precisa considerar o tempo que gasta se deslocando de ônibus para o trabalho e para a escola. A maioria da juventude vive na periferia das grandes cidades e acaba gastando até duas horas diárias para se deslocar, o que deveria ser contabilizado como parte de sua jornada de trabalho, sendo que as empresas mediadoras do ingresso do menor no mercado de trabalho não consideram esses deslocamentos relacionados com o trabalho do jovem aprendiz.

O aluno João, que trabalha numa indústria de marcenaria, relatou um episódio de seu primeiro dia de trabalho, quando se assustou ao ouvir o sinal da fábrica tocando para o almoço. O barulho do sinal, constante e impessoal, é uma força externa que o operário deve obedecer, pois a jornada de trabalho lhe foi imposta e ele deve cumprir a ordem do

funcionamento da fábrica, independentemente de sua vontade. Nesse contexto, o materialismo histórico-dialético surge como uma verdadeira revolução copernicana para o aluno, transformando sua forma de pensar e perceber as ‘estruturas’ de exploração, que permeiam seu cotidiano. A mudança ocorre porque o “Eu pensante”, fundamentado no idealismo alemão, dá lugar à realidade concreta do operário, seja na fábrica, comércio, ou em outras instituições de trabalho e na vida cotidiana.

Mas o que é, para o capitalista, a jornada de trabalho? Para o capitalista, a jornada de trabalho é, acima de tudo, uma temporalidade de poder e controle sobre os operários. O objetivo central é a extração da mais-valia, ou seja, uma pulsão diária na vida de toda classe proletária, como evidenciado pelo seguinte trecho⁴⁹:

Mas o capital tem um único impulso vital, o impulso de se autovalorizar, de criar mais-valor, de absorver, com sua parte constante, que são os meios de produção, a maior quantidade possível de mais-trabalho. O capital é trabalho morto, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga.

Os variados meios de produção sugam a juventude estudantil proletária que está imersa numa temporalidade voltada para o trabalho, escola e o lazer. No entanto, a juventude precisa, antes de tudo, se alimentar, ter moradia, roupas para vestir e, para isso, precisa de dinheiro para comprar roupas, manter o celular, viajar, namorar, entre outras coisas. Portanto, seu primeiro ato existencial na vida passa a ser, para Marx e Engels⁵⁰:

O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos.

⁴⁹ IBID.

⁵⁰ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

A primeira categoria que a juventude estudantil operária deve compreender é a “dialética” em seus momentos fecundos de “afirmação-negação e negação da negação” [Aufhebung]. As representações que o corpo discente possui são vindas do senso-comum, e das teologias das religiões. Para desnaturalizar as concepções do senso comum quanto ao funcionamento da sociedade é necessário dialogar com a categoria da dialética [Aufhebung], via atividades da sequência didática e no grupo focal.

Para compreender a dialética de Marx é preciso compreender o espírito que rondava a Europa naquele momento do idealismo alemão. A partir do período moderno, surge uma nova configuração do idealismo, a começar com o filósofo René Descartes inaugurando uma concepção idealista do ser humano, ao defini-lo como “coisa pensante”. A primeira concepção do idealismo aparece com o filósofo Berkeley, a partir do princípio em latim “esse est percipi” (coisa pensante). É com o filósofo Berkeley que se revela uma nova senha, mais próxima do idealismo nascente, ao afirmar que existir é conhecer e ser conhecido. Esse idealismo passou a ser denominado como “idealismo subjetivista”.

Foi o filósofo Immanuel Kant que iniciou o momento mais fecundo do idealismo alemão, ao argumentar que o sujeito é criador do todo real, pois é a partir das condições supremas do conhecimento que é possível a inteligibilidade do ser humano. Com Fichte, Schelling e Hegel inaugurou-se um novo momento que iria culminar no idealismo absoluto, de uma hermenêutica que põe o pensamento como absoluta realidade, ao enxergar todos os fenômenos como irradiação do pensar. O filósofo italiano Battista Mondin, quanto ao idealismo, revela: “o eu penso é ao mesmo tempo o mundo de Deus, o fenômeno, o sujeito e o objeto.” (Mondin, 1983).

O sistema de Kant já estava contido no sistema do idealismo absoluto, ao afirmar como causa de estímulos da sensação a coisa em si (uma realidade independente do sujeito pensante). Diante dessa situação ficou fácil aos idealistas chegarem ao idealismo absoluto, pois bastou inserir a “coisa em si”, isto é, essa ‘coisa’ em sua existência é independente de qualquer representação é como se fosse um software, em que tudo estivesse programado, num

“eu” pensante, que passou a ser o demiurgo de toda a realidade. A partir de tais princípios revelados anteriormente, os sistemas de ideias de Fichte, Schelling e Hegel passaram a ser a senha das construções teóricas daquele período.

Para os filhos da burguesia, o primeiro ato histórico é ingressar nas melhores escolas privadas e universidades públicas, sendo vocacionados a ocupar os altos cargos das grandes empresas privadas ou públicas, pois não precisam se preocupar com as condições materiais de sua existência, como trabalhar prematuramente na vida. Entretanto, para a juventude estudantil operária, é necessário ingressar no mundo do trabalho, para compor o orçamento familiar e ter dinheiro para viver seu momento de juventude, tendo a escola como esperança de ressignificar sua existência, como compreender o 'materialismo histórico-dialético' em sua condição existencial cotidiana.

A partir desses princípios revelados anteriormente, os sistemas de ideias de Fichte, Schelling e Hegel passaram a ser a senha das construções teóricas, de cujo princípio Mondin argumenta⁵¹:

O dogmatismo considera a coisa em si como realidade fundamental, realidade que existe independente do pensamento, ou melhor, que é sua causa. O idealismo considera o eu em si, como a realidade última, causa das ideias e, portanto, também das coisas, as quais só existem pensadas.

Naquele período histórico do idealismo, o dogmatismo era uma estrutura de ideias e uma maneira de existir no mundo. Abraçavam o dogmatismo, aquele que considerava a mente como um espelho, que reproduz a realidade das coisas externas. Contrapondo essa realidade idealista, Marx revelaria sua criação original: o materialismo histórico-dialético. A maioria dos filósofos, no período do idealismo, inclusive Hegel, havia se afastado da instituição religiosa, porque, para ele, a razão (logos) passou a ser a chave de acesso a toda realidade.

⁵¹ ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

2.1 Dialética em Hegel

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Stuttgart e foi primogênito dos três filhos de Georg Ludwig Hegel, um alto funcionário do Governo do Duque Carlos Eugênio. Uma das instituições que ajudou Hegel a despontar intelectualmente foi o seminário teológico de Tübing, de origem luterana, onde pôde conviver com seus amigos Hölderlin e Schelling.

Hegel buscava, com seu sistema de ideias, resolver um problema que atravessava toda a filosofia: o problema do Ser e do Não-Ser, que se revelavam como opostos e excludentes. Hegel inaugura um novo momento do “Não-Ser” determinado, que se ilustra a partir da *Fenomenologia do Espírito*: “O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta, do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser da planta, pondo-se como sua verdade no lugar da flor” (Mondin, 1983). Naquele momento em que Hegel vivia, era comum considerar o botão da flor como a verdade da planta, mas com Hegel, começa-se a pensar no botão e na flor enquanto momentos de um todo. Os primeiros intérpretes da dialética de Hegel passaram a interpretar o momento dialético como se o “A” fosse excluído pelo “B”, mas essa não é a compreensão de Hegel. Quem criou essa interpretação foram os primeiros discípulos de Hegel, após sua morte, como o filósofo Michelet, aluno de Hegel na Universidade de Berlim. A interpretação dialética da tese-antítese-síntese se difundiu, especialmente nas produções de Michelet. Na atualidade, existem pensadores que ainda interpretam a dialética de Hegel a partir da interpretação de Michelet.

Qual seria, então, a interpretação de Hegel sobre a dialética? Voltando ao exemplo da planta, a natureza do ser vivo passou a ser vista como uma totalidade em seus momentos singulares: botão, flor, fruto. Ou seja, o ser vivo é uma totalidade, porque tudo é vivo, e, para Hegel, a dicotomia foi abolida. Na filosofia hegeliana, é preciso pensar o singular a partir da totalidade, o que Marx irá fazer principalmente em sua grandiosa obra *O Capital*.

Para entender a dialética em Hegel, é preciso compreender o conceito na língua alemã *Dialektik* [Aufheben], uma palavra cuja significação envolve ações opostas, resultando em uma terceira diferente das anteriores. Por exemplo, o primeiro sentido de *Aufheben* é negativo, ou seja, é o momento do “cessar” e, por fim, suspender. O segundo sentido da dialética [Aufheben] é positivo, ao integrar-se ao primeiro, mesmo sendo seu oposto, que se revela como “manter”, “conservar”, apontando para modificação. Ou seja, modificar uma realidade é um modo de negá-la. Mas o que seria a negação da negação [Aufhebung]?

Um exemplo é o figo. O figo, na árvore, é uma coisa, mas no processo da fabricação é outra, assim ao se tornar conserva de doce. O fruto na árvore foi retirado, mas não deixou de existir. Ao ir para a fábrica, conservou dentro de si elementos anteriores e se conservou, porque era seu momento de suspensão [Aufheben]. Ao estar na fábrica, pelo processo de fabricação, teve modificação e tornou-se uma compota de doce, exposta em um recipiente na prateleira de um supermercado. Nesse processo do figo, houve mudanças. Ou seja, a verdade do figo na árvore não era estar na árvore, como algo absoluto, mas era o figo em seus momentos de “afirmação”, “negação” e “afirmação novamente” como elevação, ou transcendência. *Aufhebung* [negação da negação] é um momento de elevação do figo, que vai da árvore para a embalagem e, finalmente, para a prateleira de um supermercado, onde os consumidores o compram e o consomem. A verdade do figo não é estar na árvore, como um falso ser da árvore, mas existir em seus momentos dialéticos, a partir do trabalho dos operários na fábrica até chegar ao momento do figo na compota para vender. Pois o intento maior é o lucro do capitalista ao vender o figo na compota, a partir da exploração da mais-valia dos operários. É somente em um processo contínuo de novas configurações do todo, em seus momentos, que se revelará a verdade do figo, no seu momento mais singular de *Aufhebung* (elevação).

2.2 Dialética em Marx.

O historiador e militante da causa operária, Leôncio Basbaum, em sua obra *Sociologia do materialismo*, define dialética como se segue:

Minha dialética não somente distingue essencialmente de Hegel, mas lhe é diametralmente oposta. Para Hegel, o processo do pensamento, a que chama ideia, é um sujeito independente é o demiurgo da realidade que não é senão uma manifestação do exterior. Mas, para mim, é justamente o contrário; o ideal não é outra coisa senão o material traduzido e transformado no cérebro humano (Basbaum, 1994 apud Marx).

Para Marx, a “história do pensamento está condicionada pela história do Ser”⁵². Entretanto, este "Ser", de herança platônica, não se revela para o referencial teórico marxiano, porque somente as condições objetivas da sociedade capitalista possibilitam compreender o ser humano, no que tange à exploração da classe operária, que se revela na fórmula de Marx sobre a taxa de mais-valia " $C = c + v$ ", o que inaugura um caminho epistêmico para entender objetivamente a dialética em Marx, a partir da realidade concreta entre as relações de trabalho e capital. O militante Leôncio afirma que Marx não estava sozinho nesse empreendimento teórico: "A filosofia marxista seria unilateral se não mencionássemos o nome de Engels como o colaborador de Marx na criação do materialismo dialético" (BASBAUM, 1978). Como Engels discorre sobre as leis da dialética⁵³:

As leis da dialética são, por conseguinte, extraídas da história da Natureza, assim como da história da sociedade humana. Não são elas outras senão as leis mais gerais de ambas essas fases do desenvolvimento histórico, bem como do pensamento humano. A lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa; A lei da interpenetração dos contrários, A lei da negação da negação.

⁵² Hegel, G, W, Friedrich. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio:1830**. São Paulo: Loyola, 1995.

⁵³ ENGELS, Frederich. **A Dialética da Natureza**. <www.gepec.ufscar.br>.Disponível em: <1>. Acesso em: 16/02/2025.

Sobre essas leis da dialética, Engels as reduz a três momentos: a lei da natureza quantitativa, que se transforma na lei qualitativa e vice-versa; a interpretação dos contrários; e, por último, a lei da negação da negação, ou seja, "elevar", que consta na dialética marxiana. Leoncio de Basbaum foi um militante que dedicou sua vida ao partido comunista e foi várias vezes preso durante a ditadura militar no Brasil. No entanto, nos deixou um legado histórico com sua obra *História Sincera da República*, que revela uma rica historiografia. Porém, dificilmente os escritos de Leôncio estão presentes nos livros didáticos da educação básica no Brasil. Ao comentar sobre *A Sagrada Família* de Marx, Leôncio argumenta⁵⁴:

Numa das suas obras, a *Sagrada Família* assinala que a produção material dos homens, ou sejam, as relações de trabalho, determina as características sociais, a organização da família, a estrutura do Estado e todas as manifestações da superestrutura social, como a religião, a arte e a cultura em geral.

Quanto à referência anterior, "determina as características sociais", essas características dizem respeito, por exemplo, à religião, arte e cultura, que se revelam na sociedade capitalista como 'estruturas' que dificultam a emancipação do proletariado juvenil, principalmente o conceito de 'verdade' na religião e no senso comum, dificultando o aluno a sair de seu estado de alienação. O materialismo histórico-dialético não é um determinismo dogmático, mas existe numa relação dialética, como no conceito de "relação" que aparece na citação de Leôncio, e que aponta para o "relacionar", que, do latim *relativo*, significa restauração, o ato de trazer de volta, por uma outra perspectiva da dialética. Marx revela a categoria da dialética [Aufhebung] em seus momentos de [afirmação, negação e negação da negação], a partir da fórmula central do *Capital*, a taxa da mais-valia, $C = c + v$, como explicitado pelo seguinte trecho⁵⁵:

⁵⁴ *Ibid.*

⁵⁵ *Ibid.*

O capital C decompõe-se em duas partes, uma soma em dinheiro, c gasta com os meios de produção, e outra v despendida com a força de trabalho; c representa a parte do valor que se transforma em capital constante e v a que se transforma em capital variável. Originalmente portanto $C = c + v$; por exemplo, o capital antecipado de 500 libras = 410 + v ; por exemplo, o capital antecipado de 500 libras = 410 libras + 90 libras. No fim do processo de produção surge a mercadoria com o valor = $(c + v) + m$, representando, uma mais valia.

O primeiro momento da fórmula dialética de Marx é " $C = c + v + m$ ", e se revela como a lógica da exploração da classe operária. O segundo momento da dialética, o 'negar' e 'suspender', busca entender o que se esconde por detrás dessa fórmula, além de sua verdade imediata " $C = c + v + m$ ", na qual C é o montante do capital, à espera de ser reinvestido com mais-valia. Quanto à sigla " c ", corresponde aos gastos com os meios de produção (máquinas, energia, materiais gastos em reparos das máquinas, etc.). Em seu outro momento, a fórmula é revelada pelo símbolo " v ", que se refere aos gastos com a força de trabalho, como salários. E o C , o que seria?

O C é o valor que se transforma em capital constante, que corresponde ao acúmulo de capital dos capitalistas em sua origem. Entretanto, dentro dessa fórmula, o " v " é capital variável, pois o capitalista precisa arcar com os gastos salariais dos trabalhadores.

Quais seriam os outros momentos dialéticos contidos na fórmula $C = c + v$? Segundo Rosdolsky, sobre a mais-valia, ele revela⁵⁶:

O segredo do excedente capitalista se desvela: despojado dos meios de produção, o trabalhador assalariado é obrigado a trabalhar mais do que o tempo necessário para produzir seu sustento; para viver, precisa entregar uma parte de seu tempo de vida ao capital. Só assim o capital pode valorizar-se, criar mais valia.

A fórmula " $C = c + v + m$ " é um ente vivo em seus momentos dialéticos nas contradições que a juventude operária estudantil vivencia, em seus postos de trabalho. O

⁵⁶ ROSDOLSKY, R. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

terceiro momento dialético “negação da negação” [Aufhebung] é o elevar sem excluir os momentos dialéticos precedentes, como o desvelar da fórmula $C = c + v$ em seus momentos de afirmação e negação (suspender) e o elevar. Marx traz clareza de entendimento, com a fórmula $C = c + v + m$ ao expor a “verdade” do sistema da exploração capitalista, que estava ocorrendo naquele momento histórico, em que os trabalhadores não tinham conhecimento desse processo de exploração. Naquela época, o operário trabalhava um tempo para sua sobrevivência e num outro tempo para construir a mais-valia aos capitalistas; e sua existência se resumia ao estar imerso no mundo do trabalho, desconhecendo sua condição concreta no interior da fábrica, quanto à extração da mais-valia, jornada de trabalho e salário.

Existe uma história contada no *Capital*, por Marx, sobre taxa de juros e mais-valia, que se resume da seguinte maneira: no ano de 1836, um tal Nassau, famoso pela sua ciência econômica e pelo estilo que o destacava como economista, havia sido convidado pelos industriais de Manchester, a fim de aprender economia política na realidade e não na Universidade de Oxford. Os fabricantes queriam que ele lutasse contra a campanha pela jornada de trabalho das 10 horas, como evidenciado no panfleto confeccionado pelos fabricantes “Cartas sobre a Lei da Fábrica, como afeta a manufatura do algodão, Londres, 1837”, que expõe⁵⁷:

De acordo com a lei atual, nenhuma fábrica que ocupe pessoas com menos de 18 anos pode trabalhar por dia mais de 11,5 horas, isto é, 12 horas durante os primeiros 5 dias e 9 horas aos sábados. A análise seguinte mostra-nos que todo o lucro líquido de uma fábrica, nessas condições, deriva de última hora. Suponhamos que um fabricante inverta 100.000 libras: 80.000 no edifício da fábrica e na maquinaria, e 20.000 em matéria prima e salários (...) o capital gira uma vez por ano e o lucro bruto seja de 15%, será representada por bens no valor de 115.000 libras.

É perceptível na referência o desejo do capitalista em explorar ao máximo as forças de trabalho da classe operária na fábrica, que surgiu destruindo a existência da criança e da

⁵⁷ *IBID.*

juventude proletária em Londres, com jornadas de 11 a 12 horas, e com o agravante de os capitalistas serem tão avarentos, que nem uma pequena reivindicação operária para diminuir a jornada de trabalho para 10 horas era possível. A exploração da força de trabalho, seja trabalhando em fábrica, comércio ou nas grandes fazendas dos capitalistas, ou no agronegócio atualmente, segue a seguinte fórmula para Marx⁵⁸:

A taxa de mais valia é, por isso, a expressão precisa do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista. Admitimos em nosso exemplo que o valor do produto $C = (c=410 \text{ libras} + v=90 \text{ libras} + m=90 \text{ libras})$, e o capital desembolsado é igual 500 libras, concluir-se-ia, de acordo como modo costumeiro de calcular a taxa de mais valia (...) na realidade da taxa da mais valia: não é m ou $m/c+v$; mas m/v , não é, portanto, $90/500$, mas $90/90 = 100\%$, a mais de 5 vezes o grau aparente de exploração.

Entretanto, como o capitalista que investiu em seu negócio obterá retorno para seu investimento? Para os donos do poder econômico, a fórmula da mais-valia, que busca expor seus ganhos, ao fim da produção das mercadorias, revela, por exemplo, numa fábrica de vassouras, em que o valor ' $C = (c + v) + m$ ' permite surgir o esperado intento do capitalista na extração da mais-valia, representado pelo " m ", como ilustrado no texto (c 410 libras + v 90 libras + m 90 libras). Conclui-se que o capitalista, nesse processo de produção, obteve rapidamente o resultado de 90 libras como mais-valia, pela sua fórmula preferida M/V , isto é, M = mais-valia e V = valor de gastos com despesas ao operário. Se o valor gasto com o operário é X valor, para o patrão, o mesmo valor deve ser X valor pago ao operário. Portanto, se gastar mil reais para manter o operário, o mesmo valor deverá ser considerado como "mais-valor" para o capitalista. Eis aí a extração da mais-valia, como último momento da dialética: o "elevar" (Aufhebung) para o capitalista, isto é, mais-valia constante em seu empreendimento.

No capital de Marx, há o relato de um empregado de uma padaria em Londres, que começava a trabalhar às 11 horas da noite e demorava 4 horas para fazer a massa de pão que

⁵⁸ MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand, 1988.

deveria ser vendida. Para esse operário, era muito cansativo fazer a massa de pão, mas ele precisava descansar, como Marx relata:

Em seguida o operário, deita-se na tábua de amassar pão, forrando-a antes com um saco, e dorme algumas horas, utilizando como travesseiro outro saco enrolado. Em seguida começa um trabalho intenso e ininterrupto de 5 horas, jogar, pesar e modelar a massa, levá-la ao forno, tirá-la dele etc. A temperatura na padaria varia de 75° a 90 graus Fahrenheit e nas padarias pequenas tende mais em regra para 90° do que para 75°.(Marx, 1988).

Na época de Marx, as condições de trabalho da classe operária na padaria chegavam à temperatura de 75 a 90 graus no interior do forno, num ambiente insalubre para trabalhar. Na atualidade, essas condições precárias, no ambiente de trabalho, ainda existem para a classe operária estudantil, seja no campo, ou na cidade. Naquela época, a classe operária que trabalhava nas padarias tinha que estender o trabalho e, quando terminava de fazer os pães, eram obrigados, mesmo cansados, a pegar uma cesta e entregar os pães nas casas, retornando para continuar a trabalhar. O descanso era como se não existisse: “Depois de concluído o trabalho, dormem 6 horas, às vezes apenas 5 ou 4 horas” (Marx, 1988, p.283).

A aluna Beatriz, do 2º ano do ensino médio, trabalha numa padaria de um grande supermercado e ganha apenas 700 reais em relação ao salário-mínimo, e com uma jornada de trabalho que chega a mais de 8 horas por dia, considerando o tempo de transporte, para o deslocamento ao emprego, assim como para a escola. Beatriz tem afirmado que sofre com os clientes que a tratam de forma rude, tendo apenas 15 a 20 minutos para se alimentar. Essa situação existencial de trabalho acaba revelando a determinação do materialismo histórico-dialético, na realidade da classe proletária, como Marx argumenta⁵⁹:

⁵⁹ MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand, 1988.

A produção produz o homem não somente como uma mercadoria, a mercadoria humana, o homem na determinação da mercadoria; ela produz nesta determinação respectiva, precisamente como um ser desumanizado (*entmensches wesen*) tanto espiritual quanto corporalmente – imoralidade, deformação, embrutecimento de trabalhadores e capitalistas (...) a verdadeira finalidade da produção não seria quantos trabalhadores um capital sustenta, mas sim quantos juros ele rende, a soma das poupanças anuais.

A fórmula criada por Marx trouxe clareza para a classe operária, ao expor a opressão sofrida pelos trabalhadores, ou seja, “ $C = c + v + m$ ” revela os intentos da burguesia quanto à extração da mais-valia. A fórmula “ $C = c + v$ ” não ajudaria a classe operária se não expusesse concretamente as condições de exploração das forças de trabalho dos operários.

A fórmula “ $C = c + v + m$ ” começa a funcionar desde que o operário comece a trabalhar, seja na fábrica, comércio, ou qualquer outra instituição, onde seja possível a extração da mais-valia que alimenta o Capital do capitalista, aumentando sua riqueza constantemente. A fórmula não seria dialética se parasse nesse primeiro momento. Portanto, surge um outro momento dialético em “ $C = c + v + m$ ”, que é o momento da negação [suspender]. Para os capitalistas, era normal explorar a mais-valia dos operários, pois isso fazia parte da moral da sociedade burguesa capitalista vigente naquele período. No entanto, Marx esclareceu que, além dessas letras que compõem a fórmula, existia um mundo oculto de exploração que, de imediato, a classe operária desconhece em seu cotidiano.

O militante da causa operária Robert Linhart teve a coragem, na França, de se tornar operário e trabalhar no interior da Fábrica da Citroën para entender as condições de trabalho da classe operária, que estão descritas na fórmula de extração da mais-valia explicada anteriormente e existente em todos os postos de trabalho, desde uma pequena fábrica, comércio, até os grandes aglomerados industriais.

Os dois últimos momentos da dialética da “negação” e “negação da negação” [Aufhebung] são decisivos para entender a dialética no mundo do trabalho, não apenas quanto à questão salarial, mas à existência concreta da classe operária imersa na fábrica. O momento

da “negação” ou “suspensão” de Linhart foi vivido pelos operários no interior da fábrica Citroën, na linha de produção em série. Ao término de seu serviço, Linhart disse: “Após meu primeiro dia de trabalho no estofamento, voltei para casa com os polegares inchados e sangrentos”. Não apenas Linhart, na década de 70 na França sofria a exploração, mas a classe operária vivia a exploração nas fábricas, ou em outros espaços de trabalho, imersos nas horas obrigatórias de trabalho, para gerar o excedente de mais-valia ao capitalista. A história da classe operária é marcada pela permanência de longas jornadas de trabalho, como nos primórdios da exploração no interior da fábrica e, na atualidade, como Linhart afirmou⁶⁰:

A mulher trabalha a toda velocidade. Ela usa chinelos e parece incorporada ao seu cavalete, ao solo da oficina; não levanta os olhos do trabalho, não fala com ninguém. Tem fisionomia tensa, os olhos vazios. Seu ritmo me espanta. Quase sempre, ao fim do dia, sua produção ultrapassa noventa assentos.

A fórmula $C = c + v + m$ revela a taxa da mais-valia, representada no tempo despendido pelo trabalho nas longas jornadas. Essa fórmula revela a verdade da sociedade capitalista, no acúmulo do capital; enquanto a classe operária é obrigada a trabalhar para garantir a reprodução de sua força de trabalho. Como Marx afirma: "Vimos que o trabalhador, durante uma parte do processo do trabalho, só produz o valor de sua força de trabalho, isto é, o valor dos meios de subsistência que lhe são necessários" (Marx, 1988).

Para Linhart, era necessário construir a greve como um meio de unir a classe operária:

Esta greve tem que ser construída. Pacientemente. Posto por posto. Homem por homem. Oficina por oficina. É a primeira vez que vejo a questão sob esse ângulo. A guerra de classes ao nível da trincheira. O nível mais baixo. A gente precisa de um bom panfleto para explicar o que queremos fazer. (Linhart, p.70.1978).

⁶⁰ LINHART, R. **Greve na Fábrica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

A partir daquele momento, o grupo de Linhart pró-greve começou a se organizar, com a produção de panfletos, para explicar a greve aos operários. O panfleto foi construído rapidamente, com ideias dos operários, que acabou sendo aprovado pelo grupo de greve.

Chegou o dia da greve, Linhart, pensativo, disse: “Será que vai dar certo? Estou suando e não é cansaço do trabalho. Respiração difícil, palpitações surdas no peito: a angústia”. Era o momento da contradição do ‘negar’ e suspender a condição existencial, pois esse momento dialético apontava para uma superação das contradições na fábrica, onde a classe operária estava sofrendo na Citroen, pois a greve permitia novas configurações e superações do estado em que viviam de exploração. No segundo dia de greve, a fábrica inteira estava parada diante de 400 grevistas. A greve fez os trabalhadores compreenderem a força da classe operária, quando se une para lutar por melhores condições de trabalho, salário, e pela importância do sindicato para suas reivindicações. Mas a greve também é um tubo de ensaio da revolução proletária, juntamente com um partido que os represente e que estejam juntos na luta pela sua emancipação, como Linhart afirma⁶¹:

Uma greve, mesmo minoritária, não pode limitar-se a uma simples abstenção do trabalho. Ela envolve, inevitavelmente, uma resistência, um aumento de atividade em relação ao trabalho é como sustentar um bloco de granito: se deixamos de mantê-lo, somos por ele esmagados. Assim é que nós reforçamos na expectativa da segunda-feira: novos panfletos, nova campanha de explicação.

No último momento da dialética [Aufhebung] da “negação da negação”, do elevar da classe operária, a fórmula $C=c+v+m$ permitiu entender o funcionamento da fábrica, no processo de exploração no interior da fábrica, assim como seu intento maior da mais-valia. Diante das condições de opressão da classe operária, de salário baixo, alta jornada de trabalho, insalubridade no interior da fábrica, e a opressão cotidiana dos patrões, acabou despertando nos operários o desejo de mudanças em suas condições, pois a fórmula $C= c+v+m$ instaurou

⁶¹ LINHART, R. **Greve na Fábrica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

um novo momento da dialética, isto é, a “greve na fábrica”, que permitiu a vivência da dialética no interior da fábrica. A dialética no interior da fábrica revelou seus momentos através da fórmula $C=c+v+m$, como a taxa da extração de mais-valia, assim como as condições dos operários na época de Marx e na fábrica da Citroen. Ou melhor, os trabalhadores ganhavam de seu salário apenas uma minúscula cifra do grande capital, que seu trabalho produzia todos os dias na fábrica.

O terceiro momento da dialética, “elevação”, trouxe aos operários o entendimento do porquê os operários trabalhavam meio período para manter a sobrevivência, enquanto em outro período trabalhavam para aumentar a mais-valia do capitalista. Tomar consciência da realidade concreta da classe operária, no interior da fábrica, ou em qualquer outro ambiente de trabalho, é compreender a verdade da fórmula da taxa da mais-valia: $C=c+v+m$. Essa fórmula não é algo escondido no reino da abstração, mas é algo concreto na vida do operário em sua existência cotidiana. O operário é explorado no interior da fábrica com longa jornada, como no vigiar do trabalho, salário baixo, medo de ser despedido, cansaço cotidiano, e a percepção de que seu salário é para mantê-los vivos.

Entretanto, quando a classe operária passa a entender a fórmula de Marx, $C=c+v+m$, começa a surgir a consciência de classe e da verdade sobre a sociedade capitalista, e, portanto, nesse momento surge um desejo da classe operária de se organizar em sindicatos, partidos que representam o proletariado.

A própria condição de exploração capitalista levou a classe proletária a lutar, resistir por meio da greve, via sindicato, ao perceber o momento fecundo da dialética, no elevar da “negação da negação”. Pois a classe operária passou a ter consciência das suas condições de trabalho, ao perceber que seu existir não é um destino inevitável, mas é histórico, podendo mudar ao superar esse momento, pois permite aos operários lutarem contra a opressão, através do sindicato e da greve.

A dialética não é algo estático, mas dinâmico, num mover permanente de novos momentos, pelo caminho do “negar, conservar e a negação da negação” (Aufhebung), que é a

instância do elevar, a partir de um todo vivo, sem excluir seus momentos anteriores. Perceber os momentos dialéticos inseridos no mundo do trabalho, em suas condições de opressão, é atualizar a dialética (Aufhebung) como categoria viva, tanto ao entendimento da exploração capitalista, como para entender o “materialismo histórico-dialético” ao trazer clareza e possibilidade de mudanças significativas para a classe operária.

A dialética é uma categoria fundamental para que o corpo discente possa ter entendimento do materialismo histórico-dialético. Para Marx, o fator fundamental da existência humana é o econômico. A estrutura econômica de uma sociedade é constituída pelo conjunto das relações de produção, que torna a base social sobre a qual ergue a superestrutura política, jurídica e cultural, tornando-se forma de consciência social, a partir das instituições: a família, o Estado, o Direito, a religião e outras instituições que surgem no decorrer da história. O ser humano não é um ente solto no ar, mas está encarnado na instituição do trabalho e precisa viver, como evidenciado pelo seguinte trecho⁶².

O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito mais, uma forma determinada de sua atividade, uma forma determinada de exteriorizar sua vida, um determinado modo de vida desses indivíduos. Tal como os indivíduos exteriorizam sua vida, assim são eles.

A juventude proletária estudantil não é filha da burguesia e, portanto, precisa trabalhar para existir na sociedade capitalista. Sua primeira forma de ingressar no mundo é pelo trabalho. Contudo, não foi a juventude que decidiu trabalhar, mas sim as condições materiais que a impõem a isso, com o agravante de que o local onde o jovem irá trabalhar não é de sua

⁶² Marxismo e Educação: **contribuições para a discussão sobre o papel do Estado numa concepção marxiana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. Disponível em: <[ebook-marxismo-e-educacao.pdf](#)>. Acesso em 16/02/25.

escolha. As instituições que fazem essa mediação para o jovem são os projetos, como o Jovem-aprendiz, que funcionam através de diversas empresas.

O filósofo Jean-Paul Sartre afirmava que “existência precede a essência”, mas que existência? A essência dessas empresas mediadoras é o Capital, que precede e determina onde a juventude irá ingressar no mundo do trabalho, tendo como meta a extração da mais-valia dos menores que buscam produzir ‘dividendos’ para as instituições mediadoras de trabalho, a partir do projeto Jovem-aprendiz, criado em 2000. Esse projeto surgiu num momento em que não existiam políticas públicas para a juventude, nem um órgão significativo, que representasse esses jovens na luta por seus direitos, como o direito ao acesso do trabalho.

Para a juventude, atualmente, sua existência é trabalhar para comer, vestir, pagar contas e compor o orçamento familiar. Portanto, esse projeto de vida não foi o jovem que arquitetou para si, mas foi determinado pelas condições objetivas de sua existência numa sociedade, cuja essência é explorar o trabalho (Arbeit) do jovem-aprendiz. Quem cria esse cenário de exploração da juventude é o Capital, que é caracterizado por Marx como se segue⁶³:

O Capital é, portanto, o poder de governo (Regierungsgewalt) sobre o trabalho e os seus produtos. O capitalista possui esse poder, não por causa de suas qualidades pessoais ou humanas, mas na medida em que ele é proprietário do capital. O poder de comprar (Kaufende Gewalt) do capital, a que nada pode se opor, é o seu poder.

Diante do poder do Capital, a juventude proletária não tem outra saída senão ingressar no mundo do trabalho para sua sobrevivência. Numa noite em sala de aula, o aluno Pedro, que cursa o 3º ano do ensino médio, entrou na sala todo feliz e logo disse: “Professor, tô feliz, o amigo de minha mãe tem uma empresa e abriu uma vaga, para eu trabalhar, ele é muito gente boa, tô feliz”. Para o empresário, no entanto, não existiria outro desejo em ajudar o filho de

⁶³ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

sua amiga, se não fosse a extração da mais-valia, como Marx afirma a respeito da proporção entre ganho e capital⁶⁴:

Ele não teria nenhum interesse em empregar o trabalhador se não esperasse, da venda do serviço (Werk) deste último, mais do que é necessário para reembolsar os fundos (fonds) por ele adiantados para salários, e não teria interesse algum em aplicar uma soma grande em detrimento de uma pequena soma de fundos (fonds) se o seu lucro não estivesse em proporção com o volume dos fundos (fonds) aplicado.

Assim como Pedro, existem muitos alunos do ensino médio que se alimentam de saberes oriundos do senso comum, desprovidos de reflexão crítica, devido, talvez, a uma formação escolar baseada na “educação bancária” ou conteudista. Portanto, o corpo discente necessita dialogar com o ‘materialismo histórico-dialético’, a partir da escola, como nos seus postos de trabalho, para poder adquirir saberes que possibilitem libertar a juventude proletária dos grilhões da opressão que vive na sociedade capitalista.

2.3 Extração da Mais-Valia

Na época de Marx, já existiam jovens aprendizes operários, como em 1833, quando foi estabelecida a jornada de trabalho, que começava às 5 horas da manhã e terminava às 20 horas, estendendo o limite para 15 horas durante o dia. Essa vivência da juventude operária é parecida com a da juventude proletária atualmente⁶⁵:

A lei de 1833 estabelece que a jornada normal de trabalho na fábrica deve começar às 5 e meia da manhã e terminar às 8 e meia da noite, e que dentro desses limites, num período de 15 horas, é legalmente permitido empregar adolescentes (isto é, pessoas entre 13 e 18 anos) para trabalhar em qualquer hora do dia, sempre sob o

⁶⁴ *IBID.*

⁶⁵ *Ibid.*

440/1493 pressuposto de que um mesmo adolescente não trabalhe mais que 12 horas num dia, com exceção de casos especiais.

É perceptível, na referência anterior, a presença da juventude proletária trabalhando longas jornadas de trabalho. O capitalista pouco se importa com a duração da força de trabalho da classe operária e muito menos se interessa com o tempo de vida do proletariado, pois seu maior intento é que o jovem-operário, possa produzir ‘mais-valia’ durante sua jornada de trabalho. O capitalista quer sugar a força de trabalho do operário como um vampiro, pois, caso contrário, o Capital seria morto.

O que é jornada de trabalho para a juventude imersa no programa Jovem Aprendiz? A jornada de trabalho da juventude operária, pertencente ao programa Jovem Aprendiz, que ingressou numa instituição de trabalho por meio deste programa, é definida pelo artigo 432 da Lei Nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000, sendo explicitada no Artigo 432⁶⁶:

A duração do trabalho do aprendiz não excederá de seis horas diárias, sendo vedadas a prorrogação e a compensação de jornada." (NR)"§ 1º O limite previsto neste artigo poderá ser de até oito horas diárias para os aprendizes que já tiverem completado o ensino fundamental, se nelas forem computadas as horas destinadas à aprendizagem teórica.

O destino do empreendimento capitalista é explorar a força de trabalho do operário para extrair mais-valia da juventude operária. Categoricamente, a intelectual e militante francesa Simone Weil permitiu-se ingressar numa fábrica e viver de perto o mundo do trabalho, revelando importantes interpretações sobre a jornada de trabalho, criada por Taylor⁶⁷, considerada uma descoberta importante para a burguesia industrial na época, como afirma Simone:

⁶⁶ Decreto nº 5.598. www.camara.leg.br/2005. Disponível em:<[Temp89](#)>. Acesso em:16/02/25.

⁶⁷ Frederick W.Taylor (1856-1915) foi um engenheiro mecânico americano que desenvolveu a teoria científica da administração, o taylorismo, cuja meta era desenvolver métodos científicos que pudessem explorar a classe operária.

Mas a intensidade do trabalho pode variar. Pensem, por exemplo, na corrida a pé e lembre-se do corredor de Maratona que caiu morto ao terminar, por ter corrido depressa demais. Isso pode ser considerado uma intensidade-limite do esforço. O mesmo acontece com o trabalho (Weil, 1979, p. 122).

O maior intento de Ford quanto à racionalização era criar condições para que o operário pudesse trabalhar cada vez mais. Ou seja, a burguesia industrial descobriu que era importante tanto explorar a força de trabalho do proletariado, quanto prolongar a jornada de trabalho, mas sobre essa ‘intensidade de trabalho’, Simone Weil argumenta⁶⁸:

Portanto, não há limite para o aumento da produção em intensidade. Taylor conta com orgulho que conseguiu dobrar e até mesmo triplicar a produção em certas fábricas simplesmente pelo sistema das gratificações, pela vigilância dos operários e pela inevitável despedida dos que não quisessem ou não acompanhassem a cadência.

Segundo Marx, quanto a jornada de trabalho⁶⁹:

Não é a manutenção normal da força de trabalho que determina os limites da jornada de trabalho, mas, ao contrário, o maior dispêndio diário possível de força de trabalho, não importando quão insalubre, compulsório e doloroso ele possa ser, é que determina os limites do período de repouso do trabalhador.

A partir da referência anterior de Marx, é possível perceber esse ‘dispêndio’ da força de trabalho da juventude operária estudantil. Como naquela noite na escola, em que a aluna Maria estava feliz por ter vivido o seu primeiro dia de trabalho, com apenas 16 anos de idade e cursando o primeiro ano do ensino médio noturno. Na sala de aula, Maria disse: 'Professor, hoje foi meu primeiro dia de trabalho'. Maria vivenciava sua primeira experiência de trabalho

⁶⁸ *Ibid.*

⁶⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

numa empresa renomada na cidade, que fabricava aparelhos tecnológicos para pessoas com problemas cardíacos.

No seu primeiro dia de trabalho, vivenciou a relação de hierarquia ao ser apresentada ao gerente da fábrica, assim como aos colegas, que iriam percorrer a jornada de trabalho junto com Maria, sendo ela a chefe da seção de trabalho. Já no primeiro dia de trabalho, Maria foi obrigada a colocar o uniforme para poder trabalhar na 'manufatura' de construção dos aparelhos cardíacos, com suas mãos e atenção contínuas ao trabalho, o que determinava o seu existir naquele momento de trabalho, ao se alienar em sua própria condição de proletária.

Maria se dispõe a enfrentar todos os dias a rotina de seu existir, que começa às 5 horas da manhã, quando vai ao ponto de ônibus para se deslocar ao trabalho, o que leva 1 hora para ir e mais 1 hora para voltar, além do deslocamento para a escola à noite, gastando mais 1 hora. A jornada de trabalho de Maria começa às 5 horas da manhã e termina à meia-noite, para descansar e voltar ao trabalho no dia seguinte. A imagem⁷⁰ abaixo revela a condição operária de 'manufatura', ao trabalhar com as mãos durante 8 horas por dia, com exceção de Maria, que é jovem aprendiz e trabalha 6 horas por dia.



Figura 3 -Trabalho Manufaturado.

Fonte: Agência BNDES de Noticiais, 2024.

⁷⁰ *Ibid.*

A juventude proletária tem uma longa jornada de deslocamento, indo de casa para o trabalho e depois para a escola, chegando quase à meia-noite. Antes da reforma trabalhista de 2017, existia para os trabalhadores a ‘hora in itinere’, que é o tempo que o trabalhador leva todos os dias de sua casa para o trabalho, mas era restrita aos trabalhadores que moravam longe do emprego e tinham dificuldades de deslocamento por transporte público. No entanto, com a reforma trabalhista, prevista pela Lei Federal 13.467/2017, a ‘hora in itinere’ passou a não ser mais considerada como jornada de trabalho.

Atualmente, ainda existem algumas indústrias que oferecem ônibus para buscar a classe operária em suas casas e, ao final do dia, retornar para seu lar. Entretanto, para a juventude operária, são oferecidos bilhetes (passes) de passagem para o deslocamento de ônibus, tanto para o trabalho, quanto para o retorno para casa. O fornecimento dos passes de ônibus está inserido no salário do menor aprendiz. A maioria da juventude operária vive distante do local onde trabalha, geralmente nas periferias dos grandes centros urbanos, com uma distância de até 20 km de ida e volta. Na capital de São Paulo, essa distância pode chegar a 60 km ou mais. As horas relacionadas ao deslocamento diário do trabalho geralmente variam de 30 a 60 minutos. Portanto, o tempo da jornada do jovem proletário ultrapassa 6 horas e pode chegar a 10 horas. Entretanto, essas horas de deslocamento não são computadas como jornada de trabalho, sendo consideradas apenas as 6 horas de trabalho.

Todo esse deslocamento do jovem aprendiz tem como objetivo legitimar o ‘controle’ do jovem operário sobre o mundo do trabalho, já que ele recebe da empresa o ‘passe’ de transporte e, portanto, não tem razão para ‘faltar’ ao emprego. Além disso, é exigido que o jovem operário frequente a escola regularmente, caso contrário, corre o risco de ser despedido. Diante dessa configuração de trabalho do jovem-aprendiz, surge o desafio, no contexto da estrutura da sociedade capitalista, de compreender como se dá a extração da ‘mais-valia’ do proletariado juvenil, imerso no programa Jovem-aprendiz.

A determinação [Bestimmung] absoluta do Capital é extrair a mais-valia da classe operária, como afirma Marx⁷¹:

O capital é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto, quanto mais trabalho vivo chupa. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome força de trabalho que comprou. Se o trabalhador consome seu tempo disponível para si, então rouba ao capitalista.

Os donos do poder econômico apreciam comprar a força de trabalho da juventude operária há muito tempo, principalmente quando quase nada havia de legislação antes da Constituição de 1988. Somente com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) surge uma nova configuração dos direitos da criança e do adolescente, como revela o artigo 2º⁷²:

Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade (Brasil, 2002).

Percebe-se na referência anterior que a temporalidade de ser ‘criança’ é curta no Brasil, pois basta ter mais dois anos após os 12 anos para ingressar no mundo do trabalho aos 14 anos. No Brasil, a criança se torna jovem repentinamente, com a legitimação da lei do país. Sobre a categoria da ‘mais-valia relativa’, Marx argumenta⁷³:

A parte da jornada de trabalho que apenas produz um equivalente do valor de força de trabalho pago pelo capital foi até agora por nós considerada uma grandeza constante, o que ela realmente é sob condições de produção dadas, em dado grau de

⁷¹MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

⁷² Marx, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo. Editora Bertrand, 1988.

⁷³ *IBID.*

desenvolvimento econômico da sociedade. Para além desse tempo de trabalho necessário, o trabalhador podia trabalhar 2,3,4,6 horas etc. Da grandeza desse prolongamento dependiam a taxa da mais-valia e a duração da jornada de trabalho.

Para compreender a extração da mais-valia e da jornada de trabalho do jovem-aprendiz, é preciso entender as estruturas ideológicas que perpassam as instituições mediadoras, cuja missão é alocar a juventude operária em uma instituição de trabalho. A primeira estrutura ideológica dessas empresas é criar uma ‘ilusão’ para o jovem operário, dizendo: ‘Olha aquele funcionário do Banco, um dia foi jovem-aprendiz e hoje é gerente’; ou ‘Olha, trabalhe certinho, pois logo vocês serão promovidos na empresa’.

Vamos supor que, depois de um ano, Maria, a proletária que trabalha com aparelhos cardíacos, tenha adquirido domínio de seu trabalho como jovem-aprendiz, produzindo de forma satisfatória aparelhos cardiológicos. Se um dia de trabalho da jovem-aprendiz Maria é representado por um valor de 6 reais, numa jornada de 6 horas de trabalho ela terá um ganho de 30 reais por dia. Com a rotina de trabalho, Maria consegue montar 2 aparelhos cardíacos em 30 horas por semana. Quanto aos gastos do dono da empresa com os meios de produção, isto é, matérias-primas, aluguel, salários etc.; a empresa gastou 500 reais na confecção de cada aparelho cardiológico. Nessa situação, cada aparelho do coração custará 1.500 reais prontos para venda ao cliente. Supõe que os gastos com a produção foram de 500 reais por aparelho. O valor gasto com a força de trabalho foi de 30 reais naquele dia, em que Maria conseguiu montar 2 aparelhos e dar acabamento. Ao final de uma semana, Maria montou 15 aparelhos e, por mês, 60 aparelhos prontos para venda. Cada aparelho vendido gera um lucro de 500 reais para o empresário, enquanto Maria recebe 900 reais por mês, e sua força de trabalho é negociada por salário-hora. Maria disse que precisa ter muita atenção no trabalho durante 6 horas, e cada vez lhe é exigido velocidade, para terminar logo a confecção do aparelho cardiológico, como já salientado por Marx⁷⁴:

⁷⁴ MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo. Editora Bertrand, 1988.

Que o trabalhador, em virtude da elevação da força produtiva de seu trabalho, produza agora, em 1 hora, 10 vezes mais mercadorias do que antes, precisando 10 vezes menos tempo de trabalho para produzir cada unidade, não impede de nenhum modo que o capitalista continue fazendo-o trabalhar 12 horas, para produzir, nessas 12 horas, 1200 unidades em vez das 120 unidades.

Nem todas as empresas possuem alta tecnologia, para produzir mercadorias e mais-valia, como Maria, que continua trabalhando sentada durante 6 horas para dar acabamento nos aparelhos, no trabalho de manufatura; pois são as mãos que devem executar o trabalho durante essas 6 horas. Maria está inserida numa empresa cuja mais-valia está relacionada à manufatura da mercadoria, o que gera mais-valia para o patrão.

A empresa privada Banco Itaú chama a atenção pela quantidade de jovens-aprendizes, que chega a 7.000 em todos os estados do Brasil. Todos os meses, ingressam 200 jovens-aprendizes, pois aqueles que cumpriram o ‘contrato de trabalho’ ao final de 2 anos serão substituídos por outros jovens-aprendizes. Quanto à faixa salarial dos funcionários do banco⁷⁵:

A faixa salarial estimada do cargo de bancário na empresa Itaú Unibanco (Itaú BBA e Rede) é de R\$ 3 mil. O banco inclui o salário base e a remuneração variável. O salário médio do cargo de bancário na empresa Itaú Unibanco (Itaú BBA e Rede) é de R\$ 4 mil por mês.

A remuneração variável média do bancário é de R\$ 3.000 a R\$ 5.000 por mês, incluindo bônus, ações, comissões e participação nos lucros, e pode chegar a R\$ 5.000 ou mais. Praticamente todas as agências bancárias do Brasil possuem jovens-aprendizes devido à demanda de trabalhos variados exigidos pelo banco para o funcionamento diário. Portanto, tornou-se necessário empregar jovens-aprendizes, pois seu custo salarial é menor do que o de outros trabalhadores que não fazem parte do programa. Com as gratificações, o jovem aprendiz passa a ter um salário de R\$1.500 por mês.

⁷⁵ Salário mensal.Glassdoor,2025.Disponível em:< [Salário mensal de Bancário de Itaú Unibanco Itaú BBA e Rede | Glassdoor](#)>.Acesso em: 17/02/25.

Por que o Banco Itaú paga esse valor mais alto de salário de R\$1.500 em comparação com outras instituições mediadoras de trabalho para a juventude proletária? Porque o custo de um trabalhador bancário, que não seja jovem-aprendiz, chega a ultrapassar R\$ 5.000, sendo R\$ 3.000 fixos e o restante em gratificações, bônus, ações, comissões e participação nos lucros⁷⁶. Atualmente, o Banco Itaú conta com 107 mil funcionários. Entretanto, os capitalistas donos do Banco Itaú possuem uma enorme fortuna via a extração de mais-valia: “Qual é a fortuna do dono do Banco Itaú? Na liderança estão os irmãos Moreira Salles, do Itaú Unibanco e da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM), com um patrimônio agregado de R\$ 85,5 bilhões”⁷⁷.

Uma parcela dessa fortuna de R\$85 bilhões foi gerada pelos jovens-aprendizes, que desempenharam variados trabalhos nas agências bancárias do Itaú. Existem 7 mil jovens-aprendizes cujo salário é de R\$1.500. Ao multiplicar esse valor por sete mil jovens, o resultado é R\$10.500.000,00 na folha de pagamento. Quanto aos 100 mil funcionários com salário médio de R\$5.000, o banco chega a gastar R\$500 milhões nas despesas salariais com esses funcionários. Se não houvesse o programa Jovem-aprendiz, os capitalistas do Banco Itaú teriam que pagar aos 7.000 jovens proletários o valor de R\$35 milhões em salários para trabalhadores que não fazem parte do programa jovem aprendiz. Entretanto, o capitalista paga apenas R\$10.500.000,00 para a juventude proletária em salários. O próprio Estado, ao promover políticas públicas para a juventude, acaba legitimando a extração de mais-valia da juventude proletária pelo programa Jovem-aprendiz. A partir do modelo de extração da mais-valia avançado por Marx no *Capital*⁷⁸, sobre a Taxa de Mais-Valia, é possível explicar e exemplificar como se dá a mais-valia com a juventude proletária no Banco Itaú, por exemplo:

⁷⁶ *Ibid.*

⁷⁷ Jovem aprendiz. Poder 360. Disponível em: <[Só 52,9% das cotas para jovem aprendiz estão preenchidas](#)>. Acesso em: 29/05/24.

⁷⁸ KARL, Marx. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Arquivo Marxista. Disponível em: <[Parte 1 – O Estado \(§§ 261-271\)](#)>. Acesso em: 17/02/2025.

$$\frac{6 \text{ horas de trabalho} : 3 \text{ horas de trabalho excedente}}{3 \text{ horas de trabalho para salário}}$$

O tempo de trabalho necessário é igual 6 horas de jornadas de trabalho menos 3 horas de trabalho excedente e 3 horas para pagar o seu próprio.

Diante disso, surge a terceira fórmula, que revela a extração da mais-valia:

$$30 \text{ reais mais de valor} = 3 \text{ hrs de trabalho excedente} = 30 \text{ reais de trabalho não pagos.}$$

30 reais valor trabalho = 6 hrs trabalhos necessários = 30 reais trabalho necessário reais.

Essa demonstração da fórmula de como se dá a extração da mais-valia foi feita a partir do esquema lógico de Marx, que defende⁷⁹:

Esta fórmula é apenas expressão popular de trabalho excedente/trabalho necessário. O capitalista paga o valor da força de trabalho, ou seu preço que coincide ou não com o valor, e recebe em troca o direito de dispor diretamente da força viva de trabalho. Usufriui a força de trabalho em dois períodos. Num período, o trabalhador produz apenas um valor que é igual ao valor da força de trabalho. O capitalista recebe assim um produto de preço igual ao que ele pagou pela força de trabalho.

Diante do desenvolvimento lógico da fórmula de extração da mais-valia, criada por Marx no *Capital*, fica claro entender como se dá a extração da mais-valia na juventude

⁷⁹ MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo. Editora Bertrand, 1988.

proletária no programa Jovem-aprendiz, em relação aos jovens proletários do Banco Itaú, que possui 7.000 jovens proletários, com um gasto mensal para o pagamento de salários no valor de R\$ 10.500.000,00. Entretanto, a extração da mais-valia é de R\$5.250.000,00. Uma jovem-aprendiz revelou sua condição de operária no Banco Itaú: “Aprendiz (Ex-Funcionário) 5 de agosto de 2023... bom local para trabalhar, com muitos benefícios, bom salário, mas muita cobrança para vender os produtos da empresa e bater as metas estabelecidas...”⁸⁰. Percebe-se que a juventude tem benefícios e salários maiores do que em outras empresas, mas é cobrada para vender, bater metas, organizar clientes no banco e realizar outros trabalhos burocráticos, imersos na rotina da instituição bancária.

2.4 Propriedade privada [Berdurenis]

Sobre propriedade privada e trabalho estranhado na sociedade, Marx afirma⁸¹:

A economia nacional parte do fato dado e acabado da propriedade privada. Não nos explica o mesmo. Ela percebe o processo material da propriedade privada, que passa, na realidade (Wirklichkeit) por fórmulas gerais, abstratas, que passam a valer como lei para ela. Não concebe (begreift) estas leis, isto é, não mostra como tem origem na essência da propriedade privada.

A maioria da juventude operária estudantil desconhece a categoria da propriedade privada em Marx, pois possuem um saber imediato em relação a sua existência proletária. Ao perguntar sobre propriedade privada, respondem: “são minhas coisas, roupas, sapatos, celular, casa, carro, lotes, apartamento e o salário”. Quando é perguntado sobre as empresas e dos meios de produção que trabalham logo respondem: “o patrão tem dinheiro professor”; “o patrão merece, pois trabalhou para conquistar”; “uns nasceram para ser patrão, professor”.

⁸⁰ Salário Mensal.Glassdoor,2025.Disponível em:< [Salário mensal de Bancário de Itaú Unibanco Itaú BBA e Rede | Glassdoor](#)>. Acesso em: 17/02/25.

⁸¹ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

Não somente os alunos proletários, mas a grande maioria da classe operária vive num estranhamento, quanto à categoria da “propriedade privada”. Em referência à propriedade privada dos meios de produção, Marx afirma que não é desejo dos donos do capital explicar como funciona a economia capitalista, pois o intento maior é reduzir o proletariado a sua condição de alienação e estranhamento diante da relação entre capital e trabalho. A propriedade privada não é uma alma solta no ar, mas condição de determinação (Bestimmung) que é uma ‘determinidade’ dos meios de produção diante da classe operária, cujo objetivo é a extração da mais-valia.

A primeira conexão entre propriedade das grandes empresas se revela como posse privada de terra, na região urbana, pela divisão entre capitalistas e operários. Os donos do poder econômico vivem em condomínios fechados de alto luxo, entretanto, na periferia dos grandes centros urbanos, o proletariado vive em casas populares, barracos (favelas), nos quais o valor dos lotes varia de 60 a 100 mil reais, mas, do outro lado da cidade, em um condomínio, o valor pode chegar a um milhão de reais ou até mais.

A aluna Beatriz, do 3º ano do ensino médio, chegou feliz à sala de aula. Ao perguntar porque estava feliz, logo disse: "Porque recebi as chaves da prefeitura de minha casa". Essas casas são financiadas pelo governo no projeto Minha Casa, Minha Vida. Quanto à grande propriedade de terra, os latifúndios no Brasil do agronegócio são exemplos de grandes extensões de terras, cujo intento maior é a produção voltada ao mercado externo, pois o desejo maior é a extração da mais-valia de seu empreendimento. Entretanto, a pequena propriedade rural acaba abastecendo os centros urbanos com alimentos, assim como o movimento sem-terra, que se organiza em cooperativas de natureza socialista, para poder sustentar e abastecer pequenos mercados de alimentos.

Quanto à divisão social do trabalho, em relação à propriedade privada dos meios de produção, Marx afirma que a cooperação fundada na divisão do trabalho adquire sua forma clássica na manufatura, predominando como forma característica do processo de produção capitalista, durante o período da manufatura propriamente dito.

O termo manufatura vem do latim ‘*manufacere*’, que é a junção de *manus* (mão) e *facere* (fazer), e do francês *manufacture*, que revela o trabalho de fazer com as mãos, como numa fabricação de sapatos no interior de uma fábrica. A juventude proletária estudantil que faz parte do projeto Jovem-Aprendiz ingressa no mundo do trabalho, muitos jovens aprendizes vivenciam essa situação de trabalho manufaturado ao ingressarem em fábricas. Marx dá um excelente exemplo da fabricação de uma carruagem⁸², produto de numerosos artífices independentes, como carpinteiros, tapeceiros, costureiros, vidraceiros, pintores, envernizadores, douradores e outros; assim como os 602.671 mil jovens aprendizes que vivenciam cedo na vida a divisão social do trabalho, como no McDonald's, onde cada jovem operário está destinado a um tipo de trabalho específico⁸³.

A produção do McDonald 's foi organizada como produção em série, sem paradas em seus processos; enquanto um jovem atende o cliente, outro está entregando o lanche no balcão, e o jovem no caixa processa vários pedidos. O gerente está vigiando o trabalho de todos. Qual relação a juventude operária estaria vivenciando com a propriedade privada dos meios de produção no McDonald 's?

A relação de trabalho alienado, ao fazer todos os dias o mesmo trabalho, torna-se uma atividade repetitiva, como se fosse um robô, com agravante de não entender as causas de não poder receber o salário-mínimo completo e outros benefícios de sua condição de proletário. A propriedade privada dos meios de produção, como do McDonald's, acaba não somente explorando sua mais-valia, mas alienando a juventude, tornando-a alheia a si mesma, como Marx afirma, na determinação de que o trabalhador se relaciona, com o produto de seu trabalho como objeto estranho. A determinação [Bestimmung] revela como ato de determinar e que pode ser confundido com influência, mas é uma determinidade (Bestimmtheit), uma categoria que revela algo que foi estabelecido, podendo ‘determinar’ a partir da estrutura dos meios de produção sobre a classe proletária, porque, enquanto existir capitalismo, o Capital continuará a determinar a possibilidade de comprar força de trabalho dos jovens operários e

⁸² MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo. Nova Cultural, 1985.

⁸³ *Ibid.*

perpetuar sua existência, como na grande propriedade privada dos donos do McDonald's e das demais empresas capitalistas.

2.5 Alienação [Entausserung]

2.5.1 Alienação em Hegel

Hegel foi influenciado por seu momento histórico e por seus predecessores, como Kant, Schelling e Fichte, na fundamentação do idealismo lógico. Durante seu período teológico em Tubinga, Hegel escreveu seus primeiros escritos, *A Vida de Jesus* e *O Espírito do Cristianismo e o Seu Destino*. Nos escritos juvenis de Hegel, já se revela a ideia fundamental e determinante de seu sistema, como Mondin argumenta⁸⁴:

A intuição da alienação do real em relação ao ideal, do particular em relação ao universal, do homem em relação a Deus. Esta intuição Hegel a teve certamente ao ler a narração bíblica do afastamento(alienação) do homem em relação a Deus; desde o começo ele considerou o conceito bíblico como princípio hermenêutico absoluto da realidade como tal, transformando assim uma verdade teológica particular em princípio filosófico universal.

A alienação, para Hegel, como princípio filosófico, se revela na dialética em decorrência de uma situação conflitante entre alienante e alienado, manifestando-se num conflito permanente entre trabalho e capital na sociedade capitalista, onde o jovem proletário, no ambiente de trabalho percebe as contradições do seu cotidiano, em relação ao seu salário e à riqueza do patrão. Um dos problemas filosóficos que Hegel busca resolver é a cisão, ou seja, as coisas se encontram cindidas, revelando a relação entre infinitude e finitude, assim como entre ser e existência, subjetividade e realidade, salário e mais-valia, trabalho e capital. Hegel é filho do século dezoito, e sua primeira experiência acadêmica ocorreu no seminário

⁸⁴ MONDIN, B. *Curso de Filosofia*. São Paulo: Editora Paulus, 1982. 223 p.

teológico, que, na época, era considerado crítico e não dogmático, ao contrário dos outros seminários teológicos. A gênese do pensamento filosófico de Hegel parte da categoria da alienação, como afirma Lukács⁸⁵:

Consequentemente, quando Marx criticou a alienação hegeliana (Entäußerung) como o conceito central de "Fenomenologia" e dialética idealista em geral, ele não escolheu um ponto tão central de crítica. Partindo de uma compreensão muito imperfeita da economia política, Hegel engenhosamente adivinhou o fato fundamental da vida em Entäußerung, Entfremdung e, portanto, fez do conceito de "alienação" o conceito central de sua filosofia.

A partir da referência anterior, Lukács afirma a centralidade na categoria da alienação no pensamento de Hegel. Para o filósofo italiano Batista Mondin, alienação também foi central no pensamento de Hegel, como evidenciado pelo seguinte trecho⁸⁶:

Como princípio filosófico, a alienação toma a forma de movimento dialético, em decorrência do qual jamais se estabelece entre alienante e alienado uma situação definitiva de pacificação. Nos escritos juvenis, Hegel descobriu a estrutura dialética, antes de tudo, analisando os problemas religiosos, dos quais mais tarde transferiu-a para outros aspectos, primeiro para os políticos, depois para os filosóficos.

Hegel viveu numa época em que a religião cristã estava fortalecida, tanto para os católicos quanto para os protestantes. No entanto, os protestantes promoviam uma postura mais crítica e autônoma em relação aos católicos, que eram mais conservadores. Foi no seminário protestante de Tubinga, entre os séculos XVIII e XIX, que Hegel foi influenciado pelo mundo acadêmico liberal, onde se cultivava uma filosofia crítica desde Hume, Kant,

⁸⁵ LUKÁCS, Georg. *O Jovem Hegel e os Problemas da Sociedade Capitalista*. Arquivo Marxista na internet. Acesso em: < [4 - "Alienação" \("Entäußerung"\) como o conceito filosófico central da "Fenomenologia do espírito"](#) >. Acesso em: 17/02/25.

⁸⁶ MONDIN, B. *Curso de Filosofia*. São Paulo: Editora Paulus, 1982. 223 p.

Hegel e Schelling. O desejo de Hegel com seu sistema de ideias era buscar algo mais sólido, como defendeu o filósofo Batista Mondin⁸⁷:

O princípio de identidade do 'ideal' e 'real', afirma que 'tudo que é racional é real e tudo que é real é racional'. Pensamento e coisa não podem ser entendidos como esferas opostas e conflitantes; se fosse assim, a realidade seria incognoscível. Mas o pensamento é capaz de aprender as coisas. Isso significa que as leis da mente, da lógica, são também leis da realidade: lógica e metafísica são a mesma coisa.

Na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel afirma que "tudo que é racional é real"⁸⁸, ou seja, "a razão é a certeza da consciência de ser toda a realidade". Entretanto, essa razão efetiva ensinada por Hegel permitiu legitimar a ordem existente da sociedade capitalista, assim como a legitimação do Estado capitalista⁸⁹:

A essência do Estado é o universal em si e para si, o racional da vontade; mas enquanto é sabendo-se e atuando é pura e simplesmente subjetividade, e enquanto efetividade é um só indivíduo. Sua obra geral consiste, em relação ao extremo da singularidade, enquanto massa dos indivíduos, na dupla [tarefa]: [a] de uma efetividade necessária e, em seguida, promover o seu bem, do qual cada um toma, primeiro, cuidado por si mesmo, mas que tem um lado abstratamente universal, de proteger a família e a sociedade civil.

Diante da referência anterior, o Estado é a racionalidade e tem como objetivos proteger a família e a sociedade civil. No entanto, a relação entre a burguesia e o proletariado é bem diferente, como Engels revela na condição da classe trabalhadora na Inglaterra⁹⁰:

⁸⁷ *IBID.*

⁸⁸ HEGEL, F. W. G. **Fenomenologia do Espírito**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992. 271 p.

⁸⁹ *IBID.*

⁹⁰ Cem Flores. Arquivo marxista. Disponível em: <[Engels_Analise_Classes_Trabalhadoras.pdf](#)>. Acesso em: 17/02/25.

O proletariado é desprovido de tudo – entregue a si mesmo, não sobreviveria um único dia, porque a burguesia se arrogou o monopólio de todos os meios de subsistência, no sentido mais amplo da expressão. Aquilo de que o proletariado necessita, só pode obtê-lo dessa burguesia, cujo monopólio é protegido pela força do Estado, eis por que o proletariado, de direito e de fato, é escravo da burguesia, que dispõe sobre ele de um poder de vida e de morte.

A concepção de Estado em Hegel é diferente de Engels, pois o Estado ideológico de Hegel promete equidade, liberdade e expansão do capital, como é afirmado: "monopólio é protegido pela força do Estado" (Hegel, 2011), ou seja, o Estado legitima a classe dominante, tornando a classe operária subserviente ao capital. Essa racionalidade que Hegel promete em seus escritos não alcança, por exemplo, os jovens aprendizes que trabalham longas jornadas, acima de 9 horas, por um salário de sobrevivência. O Estado, em sua 'racionalidade', acaba legitimando a exploração da juventude proletária, como no caso do banco Itaú, que possui mais de 100 mil jovens aprendizes, os quais recebem em torno de 1500 reais, enquanto os outros funcionários adultos do banco Itaú recebem mais de 3.500 reais por mês. O Estado capitalista, com suas leis trabalhistas, favorece a exploração da mão de obra barata da juventude proletária. Eis a gênese da concepção de racionalidade do Estado em Hegel, que se torna ideológica, legitimando, a exploração da classe proletária, que acaba se conformando com essa realidade de exploração, como algo natural no mundo do trabalho. Em outro momento, a revelação da alienação para Hegel é mais explicitamente abordada na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, que afirma⁹¹:

O sentimento como tal é em geral a forma do sensível, que temos em comum com os animais. Essa forma, depois, pode muito bem apoderar-se do conteúdo concreto, mas esse conteúdo não pertence a essa forma; a forma do sentimento é a forma inferior do conteúdo espiritual. Esse conteúdo – o próprio Deus – é somente em sua verdade no pensar e como pensar.

⁹¹ HEGEL, G. W. F. **Enciclopédica das ciências filosóficas em compêndio**. São Paulo: Loyola, 1995.

Para Hegel, a estrutura do pensar no ser humano é a maneira mais elevada de conhecer o eterno, diferente daqueles que buscavam saberes sobre Deus pelo sentimento, ou seja, uma experiência mística e empírica de Deus, como se desvela nas religiões atualmente, seja no cristianismo, judaísmo ou islamismo. É perceptível em Hegel a ausência de críticas às religiões, pois ele tinha a esperança de que, com sua descoberta de um deus 'universal racional' que habita na mente das pessoas, as religiões seriam salvas. Entretanto, o desejo de Hegel não se concretizou, e as religiões continuam alienando a classe proletária. Hegel, com seu legado filosófico-religioso, acabou contribuindo para a criação do aparelho ideológico das instituições religiosas no capitalismo, como na religião institucionalizada da Igreja Anglicana da Inglaterra. Durante o período de colonização da África, o império britânico invadiu os territórios africanos e subjugou os povos para exploração. A Inglaterra erguia uma cruz nas terras invadidas pelos ingleses e construíam catedral para legitimar a nova ordem de exploração, no continente africano, em nome de "Deus". Portanto, a religião, como instituição ao lado do Estado, passa a ser uma determinação ideológica, para alienar a vida da classe proletária, e da mesma forma, na maioria dos alunos secundaristas, que são religiosos e pertencentes de religiões dogmáticas, o que dificulta aceitar o saber crítico da Sociologia no cotidiano escolar. Quanto às famílias e à sociedade civil, Marx aponta que⁹²:

Segundo Hegel, ao contrário, elas(famílias) são produzidas pela Ideia real. Não é seu próprio curso de vida que as une ao Estado, mas é o curso de vida da Ideia que as discerniu de si; e, com efeito, elas são a finitude dessa Ideia; elas devem a sua existência a um outro espírito que não é o delas próprio; elas são determinações postas por um terceiro, não autodeterminação; por isso, são também determinadas como "finitude", como a finitude própria da Ideia real.

Hegel, em seu legado teórico, concebe a família como algo proveniente de uma substância metafísica, a "Ideia" subjetiva, universal e racional, para legitimar a existência da família na sociedade. Entretanto, esse conceito que Hegel geralmente retoma da 'Ideia' em seus escritos, aponta para uma interpretação cujo intento ideológico é legitimar a família e a

⁹² MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

sociedade civil, propriedade privada, como se fossem uma 'vontade divina' dessa Ideia (universal) de Hegel, num momento histórico de estruturação da sociedade capitalista, onde as famílias de origem proletária viviam nas fábricas, trabalhando longas jornadas para garantir a sobrevivência de suas famílias. Quanto à legitimação da constituição política, Marx defende que⁹³:

A disposição toma seu conteúdo particularmente determinado dos diferentes lados do organismo do Estado. Esse organismo é o desenvolvimento da Ideia em suas distinções e em sua realidade objetiva. Esses lados distintos são, assim, os diferentes poderes, suas funções e atividades, por meio dos quais o universal continuamente, e, aliás, na medida em que esses poderes são determinados pela natureza do Conceito, se mantém, se engendra de modo necessário e, na medida em que é igualmente pressuposto de sua produção, conserva a si mesmo; – esse organismo é a constituição política.

Para Hegel, a 'Ideia' (universal) permite o desenvolvimento das instâncias do Estado, porque coincide com a verdade. Mas o que é a verdade? Para Hegel, a 'verdade objetiva' se revela⁹⁴: "A ideia é a verdade, pois a verdade é que a objetividade corresponde ao conceito, não que as coisas exteriores correspondam às minhas representações corretas, que eu, este [aqui], tenho". Hegel não desenvolveu seu sistema da 'Ideia do Estado' a partir de um objeto concreto no nascimento do capitalismo, mas a partir de uma esfera abstrata da lógica, ao criar ideias políticas por intermédio da mediação da 'Ideia Universal' (racional), como se fosse um compêndio teológico-filosófico que permitiu perpetuar a alienação do proletariado, sem revelar as verdades concretas que alimentam o Estado capitalista. Na atualidade, a maioria da juventude proletária quase nada entende sobre o funcionamento do Estado. Nos ambientes escolares, a juventude proletária tem dificuldade em compreender o seu mundo de trabalho, salário, hierarquia e, principalmente, o Estado em seus desdobramentos institucionais dos três poderes e outras instâncias públicas. Portanto, a concepção ideológica do Estado em Hegel é

⁹³ *Ibid.*

⁹⁴ HEGEL, G. W. F. **Enciclopédica das ciências filosóficas em compêndio**. São Paulo: Loyola, 1995.

uma construção teórica e abstrata, sem tocar na realidade efetiva do seu objeto, como Marx argumenta sobre Hegel⁹⁵:

Do mesmo modo, a *necessidade* não é extraída de sua própria essência, nem tampouco demonstrada criticamente. Sua sorte é, antes, predestinada pela “natureza do Conceito”, encerrada nos registros sagrados da Santa Casa (da Lógica). A alma dos objetos, no caso presente, do Estado, está pronta, predestinada antes de seu corpo, que não é propriamente mais do que aparência. O “Conceito” é o filho na “Ideia”, em Deus-pai; é o *agens*, determinante e diferenciador. “Ideia” e “Conceito” são, aqui, abstrações autônomas.

Para Hegel, não somente o ‘Conceito’ é filho da Ideia, mas também a verdade da ‘constituição política’ na abstrata ideia da universalidade da razão. Portanto, o pensar não se desenvolve a partir de um objeto concreto, mas de uma esfera abstrata de sua lógica, ou seja, do conceito. A determinação dos diferentes poderes estatais e religiosos origina-se de uma natureza estranha à metafísica, na qual Hegel acaba utilizando um termo significativo weberiano de ‘predestinação’, como se tudo o que estivesse ocorrendo naquele período histórico fosse um destino inevitável do Universal. Quanto à função das atividades estatais, Hegel⁹⁶ argumenta que:

As funções e atividades particulares do Estado lhe são próprias como seus momentos essenciais. Conduzidas e exercidas pelos indivíduos, elas não estão vinculadas a eles em razão de sua personalidade imediata, mas apenas por suas qualidades universais e objetivas e, portanto, estão unidas à sua personalidade particular como tal de uma maneira exterior e acidental. As funções e atividades estatais não podem, por isso, ser propriedade privada.

⁹⁵ *IBID.*

⁹⁶ HEGEL, G. W. F. **Enciclopédica das ciências filosóficas em compêndio**. São Paulo: Loyola, 1995.

Hegel deixa claro, anteriormente, que as funções particulares do Estado são conduzidas e exercidas pelos ‘indivíduos’. Entretanto, que indivíduos são esses que Hegel afirma? Esses indivíduos possuem qualidades singulares dos conceitos dos “universais e objetivos”, o que não se aplica ao proletariado, mas sim aos detentores do poder econômico. Um exemplo disso são os deputados na Câmara Legislativa do Brasil, que governam em nome do agronegócio, das grandes empresas nacionais e internacionais, dos banqueiros, latifundiários e tantos outros que, supostamente, possuem essa ‘luz da Ideia’ racional e absoluta que Hegel defende e, no final, legitima o capital e a exploração da classe proletária em nome de uma ‘racionalidade’ solidificada no período do idealismo alemão. Contudo, essa racionalidade é, na verdade, uma permanência histórica do aparelho ideológico que a burguesia arquitetou para legitimar tanto a sociedade capitalista quanto a própria razão, que é a Ideia que Hegel anuncia, mas que, no final, torna-se a alma do Estado capitalista.

Por fim, uma das estruturas que mais aliena a classe proletária é a instituição da religião, que Hegel legitimou em seu sistema filosófico, como evidenciado pelo seguinte⁹⁷ trecho:

No momento da universalidade, na esfera do puro pensamento ou no elemento abstrato da essência é, assim, o espírito absoluto que primeiro é o pressuposto; todavia não é o que fica encerrado [em si mesmo] mas sim, Criador do céu e terra, como potência substancial na determinação-de-reflexão da causalidade. Contudo, nessa esfera eterna, antes gera só a si mesmo como seu Filho, permanece em identidade originária.

A partir da referência anterior, percebe-se que Hegel legitima a religião cristã. Em quase todas as suas referências, aparece o conceito de “universal”, que é a substância universal, ou seja, para ele, seria como o Espírito ‘Absoluto inteligível’, que manifesta em

⁹⁷ *IBID*,

formas particulares da realidade objetiva. Essa seria, certamente, a natureza idealista da filosofia de Hegel, que Marx rejeitou ao afirmar sobre a religião⁹⁸:

A religião não faz o homem, mas, ao contrário, o homem faz a religião: este é o fundamento da crítica irreligiosa. A religião é a autoconsciência e o auto sentimento do homem que ainda não se encontrou ou que já se perdeu. Mas o homem não é um ser abstrato, isolado do mundo. O homem é o mundo dos homens, o Estado e a Sociedade.

Marx desconstrói a ideia de que a religião seria uma revelação de um absoluto deus com substância ‘racional’, mas argumenta que é algo extremamente humano, como afirma na referência: “o homem faz a religião”. Diante dessas estruturas religiosas, as pessoas sofrem duplamente. Primeiramente, na religião como ‘instituição’, que cria dogmas, normas, regras, maneiras de pensar e agir, premiações e punições, ou seja, ela cerceia e aliena o ser humano nas grades da instituição religiosa. Marx: “A miséria religiosa é, de um lado, a expressão da miséria real e, de outro, o protesto contra ela. A religião é o soluço da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de uma situação carente de espírito. É o ópio do povo”⁹⁹. Diante dessa estrutura religiosa, torna-se difícil trabalhar com os alunos, na educação básica, as categorias do legado marxiano, pois os alunos vêm sofrendo o processo de alienação através de várias instituições na sociedade capitalista.

O conceito de alienação em Hegel busca atravessar todas as coisas existentes, a partir de uma estrutura deísta revestida de uma suposta ‘universalidade (racional)’ na Filosofia do Direito em Hegel. Nesse momento histórico em que as forças políticas da ultradireita vêm ganhando ascensão no mundo, é importante dialogar sobre a categoria da alienação que está presente no cotidiano da sociedade, seja nas mídias, jornais, revistas, religião, noticiários, sistemas de ideias, e no cotidiano da classe proletária, que busca entender seu mundo de

⁹⁸ HEGEL, G. W. F. **Enciclopédica das ciências filosóficas em compendio**. São Paulo: Loyola, 1995.

⁹⁹ FRIEDRICH, Engels. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra** / Friedrich Engels; tradução b. A. Schuman; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. - [Edição revista]. - São Paulo: Boitempo, 2010.

trabalho. Portanto, quando o proletário compreende o processo de alienação, surge a possibilidade de sair de uma ‘caverna escura’ para a claridade de compreender a condição proletária e lutar contra os grilhões de exploração impostos sobre a juventude proletária.

2.5.2 *Alienação em Marx*

Para Marx, em uma carta ao seu pai, datada de 10 de novembro de 1837, ele define sua originalidade¹⁰⁰: “Partindo do idealismo (...) acabei procurando a Ideia no próprio real.” Entretanto, o que é o real? Para Hegel, o real é um momento da substância universal, como afirma: “tudo que é real é racional”¹⁰¹. Contudo, a juventude operária trabalha e tem jornadas acima de 30 horas semanais, que revela a sua efetividade (Wirklichkeit), mas não é racional, pois o patrão paga menos que um salário-mínimo, e extrai a mais-valia.

Houve avanço no Brasil a partir de 2005, quando as forças políticas progressistas comprometidas com a juventude proletária criaram programas como FIES, PROUNI e SISU. Foi nesse momento que a juventude proletária começou a ter uma reserva de, no mínimo, 50% das vagas destinadas a estudantes com renda familiar baixa de até meio salário-mínimo, inscritos no Cadastro Único para programas sociais do governo federal. O FIES, por exemplo, permite financiar até 100% dos encargos educacionais. Essa política pública de educação é racional e real para a juventude proletária estudantil no Brasil. Quando um jovem acorda às 5 horas da manhã e se desloca para o trabalho, numa jornada de 8 horas, para receber menos de um salário-mínimo por mês, isso não pode ser considerado racional; é, na verdade, a exploração da juventude proletária, portanto, nem todo real é racional, como Hegel defendia em seu sistema lógico.

Um jovem operário de 17 anos, ao chegar na sala de aula, disse: “Professor, hoje não vou fazer nada, pois trabalhei o dia todo numa máquina nova, que chegou e estou cansado”.

¹⁰⁰ MONDIN, B. **Curso de Filosofia**. São Paulo: Editora Paulus, 1982. 223 p.

¹⁰¹ *Ibid.*

Não só esse jovem, mas milhares de outros no Brasil trabalham de 6 a 8 horas em máquinas. Quanto à objetivação [Vergegenständlichung], Marx defende que¹⁰²:

A efetivação do trabalho tanto aparece como a desefetivação que o trabalhador é desefetivado até morrer de fome. A objetivação tanto aparece como perda do objeto que o trabalhador é despojado dos objetos mais necessários não somente à vida, mas também dos objetos do trabalho. Sim, o trabalho mesmo se torna um objeto, do qual o trabalhador só pode se apossar com os maiores esforços e com as mais extraordinárias interrupções. A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento (Entfremdung) que, quanto mais objetos o trabalhador produz, menos pode possuir e tanto mais fica sob domínio do seu produto, do capital.

Diferente de Hegel, Marx afirma que o racional desvela as condições existenciais e concretas no mundo do trabalho e na realidade do trabalhador: “quanto mais objetos o trabalhador produz, menos pode possuir e tanto mais fica sob domínio do seu produto, do Capital” (Marx, 2004, p. 81). A intensificação da força de trabalho na juventude operária desvela as condições reais no cotidiano do jovem-aprendiz, ao estar sob o domínio do Capital. As instituições de preparação para o trabalho da juventude, não nasceram na atualidade, mas têm um histórico que remonta ao período da industrialização no Brasil, como a Arprom, que foi criada em plena ditadura militar, no dia 24 de outubro de 1967, quando as cidades de porte médio estavam em crescimento, tanto em termos populacionais, quanto na indústria e no comércio. Entretanto, era necessário a força de trabalho da juventude proletária, para gerar mais-valia ao capital. Essas instituições mediadoras de trabalho tinham a finalidade de atender aos jovens estudantes filhos de pais proletários. Contudo, essa “mediação” das empresas recebia, na época, apoio financeiro dos industriais, grandes comerciantes e do poder público. Para os mentores dessas instituições, durante o período da ditadura militar, havia o desejo de proletarizar a juventude, pois acreditavam que o destino dos jovens seria melhor do que se se perdessem nas periferias dos grandes centros urbanos. Esses jovens eram destinados a fazer

¹⁰² MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

serviços de escritório, trabalhar como ajudantes de fábrica ou nas instituições governamentais, como cobradores de duplicatas e em outros postos de trabalho.

Esses jovens operários não recebiam salário-mínimo, mas uma fração de 60% do salário-mínimo. Atualmente, essas instituições, que fazem a preparação e mediação para o ingresso dos menores no mundo do trabalho, se apresentam com ares de ‘solidariedade’ para a juventude, mas, na realidade, buscam a sua fatia de mais-valia proveniente do trabalho do menor, em parcerias com outras instituições, para garantir o funcionamento da instituição de trabalho¹⁰³:

Para isso, foi necessária a montagem de um novo esquema financeiro que conseguisse suprir os custos decorrentes das obrigações trabalhistas exigidas pela nova lei. A solução encontrava meio através de uma intensa movimentação das forças vivas da cidade, lideradas pelo Rotary Club e a participação da Acirp – Associação Comercial e Industrial de SJRP, Sindicatos, Câmara Municipal e um convênio de parceria firmado com a Prefeitura Municipal. Atualmente a ARPROM se mantém em perfeita sintonia com os órgãos a quem está subordinada.

Essas instituições, que fazem a mediação do trabalho juvenil, têm na lei seu respaldo para legitimar suas ações cotidianas. A instituição possui um Manual de Orientação que revela as condições que os jovens devem cumprir no seu cotidiano¹⁰⁴. Podemos relacionar a jornada de trabalho que esses jovens cumprem nessas instituições com o que Marx pensa sobre a jornada de trabalho:

O capital é trabalho morto que como vampiro se reanima sugando o trabalho vivo e quanto mais o suga mais forte se torna. O tempo em que o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força do trabalho que comprou(...) como qualquer outro comprador procura extrair o maior proveito possível do valor-de-uso de sua mercadoria.

¹⁰³ *Ibid.*

¹⁰⁴ *Ibid.*

O capitalista busca explorar a força de trabalho da classe operária, como ocorreu na instituição Arprom, que acabou alterando a jornada de trabalho de maneira sutil, em suas normas institucionais. Quanto mais a juventude operária trabalha, mais lucro promove ao Capital, pois a força de trabalho torna-se mais atrativa, que do proletário adulto, que tem outras exigências trabalhistas. Sobre a mudança da jornada de trabalho, no item 8 das normas¹⁰⁵:

A alteração do horário de trabalho é possível mediante celebração de termo aditivo ao contrato de aprendizagem, assinado pelas partes e pela entidade formadora, se não houver prejuízo ao aprendiz. Vale ainda frisar que não se pode confundir alteração no horário de trabalho com redução ou ampliação de jornada de trabalho, que são vedadas, inclusive porque a carga horária total já deve estar previamente explícita no Programa de Aprendizagem.

O ‘aditivo contratual’ foi uma maneira encontrada pelos donos das empresas e pela instituição para ampliar a jornada ‘hora-trabalho’ do jovem aprendiz, que se conclui com uma ‘celebração de acordo’, assinada pelas partes. Essa estrutura temporal de trabalho para a juventude operária passa a ser um estranhamento (*Entfremdung*) ao ler a norma 8 sobre a alteração do horário de trabalho, a mesma norma deixa explícito outro intento sobre a jornada de trabalho. Vale ainda frisar que não se pode confundir alteração no horário de trabalho com redução ou ampliação da jornada de trabalho, o que é vedado. A juventude operária vivencia o ‘estranhamento’ ao estar alienada diante de seu existir de trabalho. Sobre a ideologia, Mondin argumenta ao citar Marx: “A produção das ideias, das representações, da consciência, está em primeiro lugar diretamente entrelaçada com a atividade material e com as relações materiais dos homens, linguagens da vida real” (Mondin, 1982).

¹⁰⁵ Arprom. Estrutura. Arprom. Disponível em: <https://arprom.org/estrutura/>. Acesso em: 06 maio 2024.

A maneira de existir da juventude operária está relacionada com as regras das instituições mediadoras do trabalho, assim como no local onde vivencia o trabalho cotidiano, seja em comércios, indústrias e outros lugares. A subjetividade do jovem operário acaba vindo do poder do capital, e não de um mundo de ideias longe de seu existir. No mundo do trabalho, a linguagem das regras, normas e outras acabam legitimando as estruturas opressoras do capitalismo, com maneiras de pensar, sentir e agir na sociedade, como exemplos de várias ideologias que compõem o existir do jovem-aprendiz, como o dever de bater o ponto¹⁰⁶ todo dia:

O jovem-aprendiz bate ponto no trabalho e não pode chegar atrasado como é citado: O jovem deve solicitar o controle a empresa ou acessar o site <https://arprom.org/portal-do-aluno/> e imprimir o documento, para que ele o preencha diariamente de forma PONTUAL E SEM RASURAS, e sempre no final do mês vigente o controle de ponto deve ser assinado e carimbado pela responsável da empresa e encaminhado para à ARPROM imediatamente através dos mesmos antes do 5 dia útil, para a ARPROM conferir e gerar a folha de pagamento.

Além de o jovem-aprendiz não receber um salário digno, que seria no mínimo salário-mínimo ao cumprir sua jornada de trabalho, a rotina da juventude proletária exige deslocamentos rápidos, pois o jovem precisa apressar-se para chegar em casa, tomar banho e se preparar para a escola, pois não pode faltar às aulas, caso contrário, corre o risco de ser demitido devido à legislação da instituição Jovem-aprendiz. Com todas essas obrigações, o jovem aprendiz tem a responsabilidade de bater ponto no trabalho e controlar sua presença na empresa, ao ser enviado para a instituição mediadora. Na verdade, os jovens aprendizes passam a ter dois patrões: o da fábrica ou comércio e outras instituições, e o da empresa mediadora.

A vida da juventude operária se resume à migração constante entre as instituições. Ou seja, num momento está na instituição mediadora do jovem-aprendiz, em outro momento na

¹⁰⁶ *IBID*

instituição de trabalho, na escola e assim sucessivamente, participando também de outras instituições que o jovem geralmente frequenta, como religião, entretenimento, shopping, entre outras, que representam a superestrutura, como revela Mondin:

O resultado geral ao qual cheguei é que, uma vez adquirido, serviu-me de fio condutor nos meus estudos, pode ser resumido assim: na produção social da existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, em relações de produção, que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, isto é, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas determinadas da consciência social. O modo de produção da vida material condiciona, em geral, o processo social, político, e espiritual da vida. Não é a vida dos homens que determina o seu ser, ao contrário, é o ser social que determina a sua consciência (Marx apud Mondin, 1982).

A referência anterior revela uma pequena síntese do materialismo histórico-dialético, que demonstra a situação operária da juventude, imersa na sociedade capitalista. Entretanto, existe um trânsito existencial do proletariado juvenil da infraestrutura (trabalho) e superestrutura (ideológica). Na infraestrutura o jovem deposita sua força de trabalho, e na superestrutura, como na escola procura entender sua existência na sociedade. As outras instituições religiosas, Estado, mídias, dentre outras, procuram sutilmente alienar a juventude proletária com promessas, que na verdade nada muda sua situação de opressão em que vive na sociedade capitalista. A juventude precisa trabalhar para compor o orçamento familiar, e para ter dinheiro para si, na busca de poder afirmar seu momento de ser 'jovem proletário'. A ideologia passa a ser uma estrutura determinante na sociedade capitalista. Quanto ao termo 'exteriorização' [Entäußerung], Marx esclarece que¹⁰⁷:

A exteriorização (Entausserung) do trabalhado em seu produto tem significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa (aussern), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele (aussern

¹⁰⁷ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

ihm), independente dele estranha a ele, tornando-se uma potência (Macht) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha.

Para que o trabalho do operário se efetive, é necessário que ele se realize fora dele. Um exemplo é o aluno Diego, do 2º ano do ensino médio, que trabalha como servente de pedreiro. Ele relatou que, certa vez, o patrão permitiu que ele assentasse tijolos para a construção de um muro de uma casa. Quando terminou, Diego ficou feliz, pois o patrão avaliou bem seu serviço e disse que estava correto. No entanto, o muro tornou-se uma potência independente e estranha para Diego, já que, há muito tempo, ele assenta tijolos, mas só sabe assentar tijolos. Na verdade, Diego tornou-se servo do seu próprio objeto. Essa relação de exteriorização ocorre com toda a juventude operária estudantil em suas variadas atividades laborais. Sobre essa relação de externalidade do trabalho, Marx¹⁰⁸ explica que:

Finalmente, a externalidade (Ausserlichkeit) do trabalho aparece para o trabalhador como se [o trabalho] não fosse seu próprio, mas de outro, como se [o trabalho] não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas um outro. Assim como na religião a auto atividade da fantasia humana, do cérebro e do coração humanos, atua independentemente do indivíduo e sobre ele, isto é, como uma atividade estranha, divina ou diabólica, assim também a atividade do trabalhador não é a sua autoatividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo.

A exteriorização do trabalho é colocar para fora de si, ao longo das horas, a força de trabalho, que se torna uma coisa estranha, assim como na religião, que cria uma metafísica abstrata, distante da existência concreta da juventude operária. Para que a juventude operária estudantil possa compreender o materialismo histórico-dialético, é preciso partir de suas próprias condições concretas de existência, como a jovem Vitória, de 20 anos, que, em uma empresa de transportes de Anápolis, revela sua condição proletária ao dizer¹⁰⁹:

¹⁰⁸ *IBID.*

¹⁰⁹ Se Falta Carne. Universa. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/08/13/se-falta-carne-ajudo-jovens-aprendizes-falam-como-projeto-mudou-vidas.htm>> Acesso em: 04/06/24.

Trabalhar me ajuda nas compras do que falta. Trabalho atendendo o público na Caixa Econômica Federal desde setembro de 2019 e me tornei jovem aprendiz justamente para ajudar minha família com o dinheiro. Minha mãe tem depressão, ansiedade e é dona de casa, então meu padrasto e eu que trabalhamos. Hoje, trabalho quatro horas por dia, guardando alguns arquivos no banco e dando ajuda aos clientes. Gosto mais de estar com o público, ajudar um velhinho no caixa. E trabalhar me ajudou muito a me desenvolver neste sentido.

Na alusão anterior, revelam-se as condições da jovem proletária Vitória, que não optou por trabalhar a partir de uma decisão única de si mesma, mas partiu das condições materiais que atravessam sua família. Vitória, por não ter ainda consciência de classe, usa um termo advindo de uma sociedade machista e patriarcal ao se referir à sua mãe como "dona de casa", como se fosse o destino da mulher ser do lar. Vitória ingressou no trabalho de Jovem Aprendiz para compor o orçamento financeiro da família. A rotina de trabalho de Vitória é guardar arquivos e ajudar os clientes; entretanto, ela afirma que aprecia ajudar os idosos no caixa.

A empresa bancária, seja estatal ou privada, lucra com o trabalho do jovem aprendiz, pois, no passado, não havia o jovem aprendiz institucionalizado, com a função de proletarizar os jovens. Portanto, as agências bancárias têm que pagar o salário básico do bancário, cujo valor atualmente é: "No cargo de Bancário, se inicia ganhando R\$ 2.286,00 de salário e pode vir a ganhar até R\$ 3.842,00. A média salarial para o bancário no Brasil é de R\$ 3.000,00. A formação mais comum é de graduação em Administração"¹¹⁰. Portanto, ter jovens aprendizes nas agências bancárias é lucro e aumento da mais-valia para os donos do capital financeiro. Para a jovem Ana Quezia Nascimento, que faz parte do projeto Jovem Aprendiz e trabalha no atendimento de uma agência bancária em João Pessoa, na Paraíba, revela o que a motivou a ingressar no trabalho¹¹¹:

¹¹⁰ *IBID.*

¹¹¹ *IBID.*

Para mim, ser jovem aprendiz é ter uma renda, ajudar a pagar as contas, como da internet, ou até comprar carne, feijão, arroz quando falta. Sem contar que, no ano passado, conseguimos usar meu dinheiro até para fazer uma ceia no Natal e no Ano-Novo para a família.

Para a jovem Ana, assim como para Vitória, seus intentos de ingressar no trabalho de Jovem Aprendiz são para compor o orçamento familiar, deixando explícita a questão da alimentação, como carne, feijão, arroz — ou seja, o básico para se manter viva. O salário de Ana ajudou a fazer a festa de Natal e de Ano Novo. Entretanto, o salário básico do jovem aprendiz varia de R\$ 700 a R\$ 900 reais. Ana, como as demais mulheres do projeto Jovem Aprendiz, trabalha uma jornada de 120 horas por mês. Com o salário de R\$900 mensais, tanto Ana quanto Vitória ganham em torno de R\$7 por hora trabalhada.

Como se dá o salário-mínimo ao jovem aprendiz? A lei garante ao jovem proletário o direito ao salário-hora, a partir das 30 horas trabalhadas semanalmente, incluindo as horas de aprendizagem teórica que fazem parte do projeto Jovem Aprendiz. Essa conexão entre trabalho e aprendizagem é permanente, desde a época de Marx: "As encadernadoras no centro de Londres empregam muitas moças de 14 a 15 anos ou mais, sob o contrato de aprendizagem que estabelece determinado número de horas de trabalho" (Marx, 1988,).

A categoria da alienação existe nas variadas situações da juventude proletária, a partir da ideologia, o qual pode revelar as primeiras formas de saber com as seguintes expressões: "Pobres sempre tereis com vocês"; "É o destino o que você vive"; "O Brasil sempre foi desse jeito e nunca irá mudar". O estado de alienação sempre leva ao sentimento de "estranhamento" ao estar distante de si mesmo e do objeto no qual se depositou seu trabalho. É a partir dos saberes alienantes que a maioria dos trabalhadores procura entender seu cotidiano. Marx parte da realidade da condição do proletariado, para entender o fenômeno da alienação, considerando as contradições entre capital e trabalho segundo Marx (2023), sobre o trabalho alienado:

O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal (sachlich), é objetivação (Vergegenständlichung) do trabalho. A efetivação (Verwirklichung) do trabalho é sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como desefetivação (Entwirklichung) do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, apropriação como estranhamento (Entfremdung), como alienação (Entausserung).

Um exemplo de efetivação do trabalho ocorreu com o aluno Ailton, do 2º ano do ensino médio, que, numa roda de bate-papo, falou sobre sua vivência de trabalho: "Eu trabalho numa fábrica de cadeiras e monto 20 cadeiras por dia. O meu amigo fica na outra sessão preparando a madeira, e eu apenas monto as cadeiras com a ajuda de um assistente. Tenho uma hora para o almoço e 15 minutos à tarde para o lanche". Perguntei qual seria o destino das cadeiras e os valores de cada cadeira. Ele disse que não tinha conhecimento dos valores das cadeiras e nem sabia o destino delas. Ao final do dia, senti-me cansado por trabalhar 6 horas por dia; ele disse que estava feliz naquele dia por ter recebido o vale, ou seja, um adiantamento do salário.

No Brasil, a mão de obra proletária juvenil é alta, devido à legitimação do programa de trabalho para a juventude em 2000, no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, quando nasceu o projeto Jovem Aprendiz, que veio legitimar uma prática que sempre existiu no Brasil de exploração da juventude proletária. O jovem operário Pedro vivencia o estranhamento e a alienação, pois, na fábrica, existem operários que fazem cadeiras, mas não sabem o destino delas, e nem sabem as razões de ganhar R\$ 800,00. Entretanto, o patrão chega de automóvel novo, e seus filhos estudam em escolas particulares. Enfim, para a juventude proletária, suas atividades laborais revelam o estranhamento dos que ingressam cedo na produção da fábrica de cadeiras, assim como dos jovens aprendizes, como nos mostra o seguinte gráfico¹¹²:

¹¹²Jovem.Universa,2021.Disponível:<<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/08/13/se-falta-carne-ajudo-jovens-aprendizes-falam-como-projeto-mudou-vidas.htm>>Acesso em: 04/06/24.

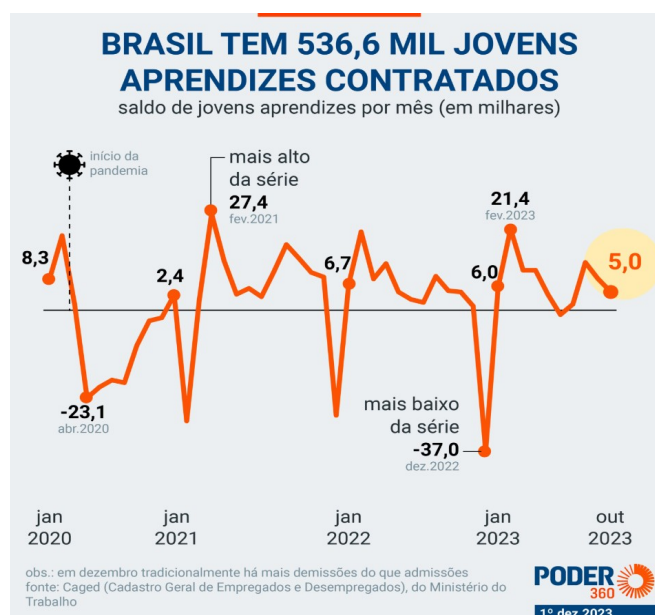


Figura 4-Jovem-Aprendiz

Fonte: Poder 360, 2023.

Das instituições de trabalho, a que mais emprega aprendizes é a da indústria de transformação (144,6 mil). O destino da juventude operária pós-contratação dos jovens aprendizes segue os seguintes setores de trabalho¹¹³:

Indústrias de transformação: 144.645; comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas: 134.034; saúde humana e serviços sociais: 67.951; outras atividades de serviços: 51.824; transporte, armazenagem e correio: 32.012; F) atividades administrativas e serviços complementares: 31.380.

São Paulo tem o maior número de aprendizes contratados, com 142 mil jovens no programa. São nas instituições de trabalho onde a juventude operária-estudantil mais vivencia

¹¹³ IBID.

a alienação [Entäußerung], como evidenciado pelo que Marx aponta sobre a exteriorização do trabalho na classe operária¹¹⁴:

Finalmente, a externalidade (Ausserlichkeit) aparece para o trabalhador como se [o trabalho] não fosse seu próprio, mas de um outro, como se não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro. Assim como na religião a auto atividade da fantasia humana, do cérebro e do coração humanos, atua independentemente do indivíduo e sobre ele, isto é, como uma atividade estranha, divina ou diabólica, assim também a atividade do trabalhador não é auto atividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo.

A juventude estudantil trabalha porque precisa prover suas condições materiais para existir e acaba ingressando em empresas que fazem parceria com o projeto Jovem Aprendiz, que busca se revestir de solidariedade, mas compõe, junto às empresas capitalistas, o ingresso dos jovens ao mundo do trabalho. Tanto na instituição de trabalho em que os jovens ingressam, quanto na instituição que promove o acesso do jovem ao trabalho, o objetivo é administrar a vida do jovem, com maneiras de comportamento, código de ética, obediência, relações hierárquicas, até na sua higiene pessoal e nas demais formas de existir nos locais, onde foram elencados para trabalhar 6 horas por dia, com exceção do dia em que precisam participar do curso profissionalizante, que faz parte do contrato de trabalho.

A primeira estrutura de alienação, para a juventude operária é o corpo da legislação que legitima as condições legais, das quais a juventude terá que incorporar em sua existência a categoria da "verdade" nas leis do Capital, pois, se a instituição está ancorada na lei, ela deve ser cumprida no cotidiano da juventude proletária.

¹¹⁴ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

Historicamente, o trabalho das crianças, adolescentes e jovens nasceu com o capitalismo nas fábricas, como Marx afirma sobre a jornada de trabalho para a juventude. No final do mês de junho de 1863, em Londres, os jornais deram uma notícia importante¹¹⁵:

Nas últimas semanas de junho de 1863, todos os jornais de Londres traziam uma notícia encimada por um título sensacional: Morte por excesso de trabalho. Tratava-se da morte da modista Mary Anne Walkley, de 20 anos, que trabalhava numa renomada casa de modas(...) Mary Anne Walkley tinha trabalhado 26 ½ horas sem interrupção juntamente com 60 outras moças.

A partir da citação anterior, a jovem Mary e as outras operárias tinham uma missão, naquele dia, de terminar as majestosas roupas das damas da nobreza, que foram convidadas para o baile em homenagem ao príncipe de Gales. As operárias revezavam-se em grupos no trabalho, para descansar em um cubículo, como Marx descreveu suas condições operárias: "À noite, elas se revezavam duas a duas numa cama que ficava dentro de um dos cubículos de madeira em que se dividia um quarto de dormir" (Marx, 1988, p. 288). Em Londres, naquela época, essa casa de modas era uma das melhores que existiam. Mary adoeceu na sexta-feira e morreu no sábado, sem conseguir terminar seu trabalho. O chefe do hospital revela em Londres sobre as condições das costureiras: "As costureiras de toda espécie, as modistas e suas auxiliares sofrem de um triplo infortúnio: excesso de trabalho, carência de ar e deficiência de alimentação ou de digestão" (Marx, 1988, p. 290). Tanto Mary quanto as outras operárias costureiras vivenciavam a alienação que Marx descrevia da seguinte maneira¹¹⁶:

Do produto de seu trabalho, que se torna "um objeto estranho que tem poder sobre ele". De sua atividade laboral, que ele percebe como sendo "dirigida contra ele mesmo", como se não lhe pertencesse. Do "ser genérico do homem", que é transformado em "um ser alheio a ele". Dos outros seres humanos e em relação "ao seu trabalho e ao objeto do trabalho".

¹¹⁵ Marx, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo. Editora Bertrand, 1988.

¹¹⁶ *Ibid.*

Na atualidade, a categoria da alienação habita na existência da maioria da juventude operária, em seus postos de trabalho, e, por isso, ela precisa se submeter à sistematização das regulações jurídicas da vida, que determinam sua temporalidade no existir do trabalho, como Marx¹¹⁷ sobre os intentos da juventude proletária:

O seu efeito mais imediato foi submeter, na prática, a jornada de trabalho do homem adulto aos mesmos limites, uma vez que a cooperação das crianças, dos adolescentes e das mulheres é imprescindível na maioria dos processos de produção. Em suma, no período de 1844 a 1847, vigorou geralmente o dia de trabalho de 12 horas em todos os ramos industriais submetidos à legislação fabril.

O tempo de trabalho é uma estrutura de alienação para a juventude operária, pois surge não de sua vontade, mas de uma determinação [Bestimmung] arquitetada pelos donos do poder econômico, como o projeto Jovem Aprendiz. O espírito utilitarista, imerso no mundo do trabalho e nas empresas têm como foco principal, a mais-valia. Existem jovens aprendizes de 15 anos que trabalham como adultos. No correio, o jovem aprendiz trabalha com movimentação de cartas, encomendas, carrega pacotes e ainda é exigido que o jovem tenha conhecimento de Microsoft Office. No interior da empresa dos Correios, o jovem precisa estar na ordem de subserviência aos seus superiores de imediato, pronto para cumprir as tarefas no trabalho.

O Banco Caixa Econômica Federal, empresa estatal, não deixa de fora do corpo de seus funcionários os menores aprendizes, assim como outras empresas bancárias contratam o menor aprendiz, como no Banco Safra e Itaú Unibanco. O aprendiz bancário pode atuar na digitalização, na organização de documentos, na elaboração de planilhas, no auxílio a clientes, na venda de produtos e serviços bancários, entre outras funções. O trabalho do menor aprendiz aumenta os dividendos do Banco, porque haveria gastos econômicos maiores, caso não houvesse o jovem aprendiz, como seria o caso de jovens acima de 18 anos, onde os

¹¹⁷ Marx, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo. Editora Bertrand, 1988.

encargos financeiros seriam um valor maior de um salário-mínimo. Chama a atenção como o jovem aprendiz da empresa Ambev faz seu marketing para contratar¹¹⁸:

A Ambev é a maior cervejaria do mundo, nem preciso dizer o quão legal isso é, né? É uma das empresas que mais oferecem vagas de menor aprendiz! E o legal é que você pode trabalhar em diversas áreas: desde marketing até o chão de fábrica. Com certeza alguma vaga vai ser a sua cara.

O marketing apelativo da Ambev é comparável aos dias em que os vários vagões de trens de diversas cidades deslocavam-se de Berlim para Auschwitz, onde os soldados diziam: "É apenas uma temporada de trabalho", mas, na verdade, era para um trabalho contínuo até a morte. Logo, já havia uma placa ideológica dos donos do poder econômico: "Arbeit macht frei" (O trabalho liberta você). A cifra da temporalidade do jovem aprendiz surge a partir do decreto do Artigo 432 do Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, que determinava o seguinte¹¹⁹:

Art. 432. A duração do trabalho do aprendiz não excederá de seis horas diárias, sendo vedadas a prorrogação e a compensação de jornada. (Redação dada pela Lei nº 10.097, de 19.12.2000) § 1º O limite previsto neste artigo poderá ser de até oito horas diárias para os aprendizes que já tiverem completado o ensino fundamental, se nelas forem computadas as horas destinadas à aprendizagem teórica. (Redação dada pela Lei nº 10.097, de 19.12.2000) § 2º Revogado. (Redação dada pela Lei nº 10.097, de 19.12.2000).

A jovem Vitória de Jesus é uma jovem que ingressou para trabalhar na empresa de transporte de Anápolis/GO. Vitória resume, em uma frase, seu desejo: "Trabalhar me ajuda

¹¹⁸ RIBEIRO, Eliane; MACEDO, Severine. Notas sobre políticas públicas de juventude no Brasil. **Revista de Ciências Sociais, DS-FCS**, vol. 31, n.º 42, enero-junio 2018, pp. 107-126.

¹¹⁹ Ibid.

nas compras do que falta”. Vitória acabou indo para o projeto Jovem Aprendiz devido às condições materiais de existência e sobrevivência, como afirma¹²⁰:

Trabalho atendendo o público na Caixa Econômica Federal desde setembro de 2019 e me tornei jovem aprendiz justamente para ajudar minha família com o dinheiro. Minha mãe tem depressão, ansiedade e é dona de casa, então meu padrasto e eu que trabalhamos. Hoje, trabalho quatro horas por dia, guardando alguns arquivos do banco e dando ajuda aos clientes. Gosto mais de estar com o público, ajudar um velhinho no caixa. E trabalhar me ajudou muito a me desenvolver neste sentido.

A jovem Vitória optou pelo trabalho com o objetivo de auxiliar a família financeiramente. Segundo Vitória, sua mãe tem depressão e ansiedade. A função de Vitória é guardar arquivos e prestar ajuda aos clientes, principalmente aos idosos, tornando-se a rotina de seu trabalho diário. Ana Quezia é outra jovem aprendiz que ingressou numa agência bancária em João Pessoa, Paraíba, com o seguinte objetivo¹²¹:

Para mim, ser jovem aprendiz é ter uma renda, ajudar a pagar as contas, como da internet, ou até comprar carne, feijão, arroz quando falta. Sem contar que, no ano passado, conseguimos usar meu dinheiro até para fazer uma ceia no Natal e no Ano-Novo para a família.

Ana e Vitória não foram trabalhar para si mesmas, mas para compor o orçamento familiar com uma renda de 700 a 900 reais. Ana se preocupa com a alimentação da família ao descrever os desejos que ela quer resolver, como comprar carne, feijão, arroz, ou seja, o básico para se manter viva e poder trabalhar para, assim, pelo menos conseguir ajudar a compor o orçamento da família.

¹²⁰ *Ibid.*

¹²¹ Art. 432 do Decreto-lei nº 5.452. Jus Brasil.< [Art. 432 Consolidação das Leis do Trabalho - Decreto Lei 5452/43 | Jusbrasil](#)> Acesso em: 30/05/24.

2.6 Necessidade/Liberdade [Notwendigkeit]

A estrutura econômica dos meios de produção da sociedade capitalista tem como meta a exploração do trabalhador. Diante do grande empreendimento "Carrefour", que emprega a juventude proletária, imersa no projeto Jovem Aprendiz, para compor várias funções na empresa, cujo salário é R\$635 por mês, incluindo bônus, ações e comissões, surge, diante dessa logística de exploração do Capital, o "mais-valor", resultado do trabalho da classe proletária. Com o decorrer do tempo, o proletariado vai percebendo que os verdadeiros produtores de riquezas e bens são os trabalhadores, e não os capitalistas donos do Capital. Só existe uma saída para a classe operária, que é a construção da revolução proletária sobre o controle dos trabalhadores. Ou seja, surge no horizonte o desejo de construção de uma sociedade socialista e consequentemente comunista. Existem trabalhadores que já vivem essa transição, como os trabalhadores sem-terra, que vivem em cooperativas de natureza socialista, com o princípio de "cada um segundo seu trabalho". Nas cooperativas, quem toma decisão é o "coletivo", que inclui a juventude, pois não existe propriedade privada, mas cooperativa e toda riqueza de produção pertence aos trabalhadores do MST (Movimento dos Sem-Terra). Marx, sobre a sociedade comunista, defende que¹²²:

Numa fase superior da sociedade comunista, quando tiver sido eliminada a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, a oposição entre trabalho intelectual e manual; quando o trabalho tiver deixado de ser mero meio de vida e tiver se tornado a primeira necessidade vital; quando, juntamente com o desenvolvimento multifacetado dos indivíduos, suas forças produtivas também tiverem crescido e todas as fontes da riqueza coletiva jorrarem em abundância, apenas então o estreito horizonte jurídico burguês poderá ser plenamente superado e a sociedade poderá escrever em sua bandeira: De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades.

¹²² MARX, Karl. Crítica do programa de Gotha. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

A divisão do trabalho, citada anteriormente, desvela o existir de muitos jovens proletários nas empresas, como no McDonald's, que se revela explicitamente ao público, ao vivo, como um jovem atendendo no balcão, e outro na máquina, enquanto uma jovem faz a limpeza das mesas, que os clientes usaram para se alimentar. Mas, nessa lógica, os jovens do McDonald 's, que fazem faculdade ou que têm curso superior, recebem destaque de melhores funcionários nos postos de trabalho na hierarquia da empresa. Diante dessa condição proletária da juventude, percebe-se tanto a exteriorização [Entausserung] como o estranhamento [Entfremdung], que perpassa seu existir, sem poder compreender esse mundo do trabalho, que passou a ser parte do seu existir cotidiano, pois o intento maior é o salário, que lhe permitirá ter seu dinheiro para si, e para compor o orçamento da família. Do outro lado da cena do trabalho cotidiano dos jovens, existem os donos do negócio McDonald's, para os quais cada lanche vendido aumenta a extração da mais-valia para o Capital diariamente, espalhado em vários países. Marx, quanto ao comunismo, afirma¹²³:

O comunismo na condição de supressão [Aufhebung] positiva da propriedade privada, enquanto estranhamento-de-si [Selbstentfremdung] humano, e por isso enquanto apropriação efetiva da essência humana pelo e para o homem. Por isso, trata-se do retorno pleno, tornado consciente e interior a toda riqueza do desenvolvimento até aqui realizado, retorno do homem para si enquanto homem social, isto é, humano.

A categoria do comunismo, no decorrer da história no Brasil, foi difamada, principalmente, na época da ditadura militar (1964-1988), com uma historiografia que enaltecia o capitalismo, e quase nada revelava sobre as sociedades que já viviam o socialismo no mundo, como Cuba, União Soviética e outras nações, pois descreviam o socialismo como uma economia retrógrada, que cerceava a liberdade e punia os opositores do regime, afirmando que não havia democracia nesses países. Entretanto, não chegavam aos estudantes secundaristas do Brasil as conquistas do socialismo, como em Cuba, que na época havia erradicado o analfabetismo, além de oferecer acesso às instituições públicas: hospitais,

¹²³ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

universidades, escolas, lazer, moradia, tudo administrado pelo governo socialista. Os cubanos viviam a primeira fase do comunismo, como argumenta Lenin¹²⁴:

Os meios de produção deixaram já de ser propriedade privada dos indivíduos. Os meios de produção pertencem a toda sociedade. Cada membro da sociedade, realizando uma certa parte do trabalho socialmente necessário, recebe da sociedade um certificado comprovando a quantidade de trabalho que forneceu. Com esse certificado, recebe nos armazéns públicos de artigos de consumo uma quantidade correspondente de produtos. Descontada a quantidade de trabalho que vai para o fundo social, cada operário, por conseguinte, recebe da sociedade tanto quanto lhe deu.

O ser humano busca se reconciliar consigo mesmo, pois existe uma cisão que o torna distante de si, como Hegel afirmava em sua abordagem sobre alienação. O materialismo histórico-dialético se desvela pelo caminho epistêmico, promovendo uma revolução copernicana, isto é, não são as ideias do ‘Eu’ o centro absoluto da existência, como afirmavam os hegelianos, mas as condições materiais concretas em suas determinações [Bestimmung]. E por que o ser humano não consegue entender essa verdade? Justamente, por estar alienado nas suas condições materiais concretas de existência, como no salário e demais atividades. Por isso, é necessário reconciliar-se com sua essência material, que lhe foi retirada pelo Capital através do trabalho, e, portanto, acaba vivenciando um existir “distante de si”, ao “exteriorizar” o seu trabalho alienado. O jovem-aprendiz operário vive imerso na exploração do trabalho no capitalismo. Entretanto, vão surgindo as contradições no trabalho: “Por que o trabalho é por horas, se outros trabalham e recebem o salário integral? Por que os filhos dos ricos não precisam trabalhar?” Diante dessas interrogações, começa a surgir uma nova concepção de existência proletária, ou seja, começa a reconciliar consigo ao entender a lógica de exploração no capital de Marx.

¹²⁴ LENIN, I. Vladimir. O Estado e a Revolução. Arquivo marxista. Disponível em:< [As Bases Econômicas da Extinção do Estado](#)>. Acesso em: 18/02/25.

Na primeira fase do comunismo, ainda não é possível para o proletariado vivenciar plenamente as categorias da justiça e igualdade, porque persiste a desigualdade de riquezas e a exploração do homem pelo homem, e portanto, os trabalhadores não poderão apropriar-se das propriedades privadas dos meios de produção, como as tecnologias, fábricas e terras, que ainda pertencem aos latifundiários, a não ser combatendo as injustiças, como Lenin argumenta¹²⁵:

Refutando a frase obscura e pequeno-burguesa de LaSalle acerca da «igualdade» e da «justiça» em geral, Marx mostra o curso do desenvolvimento da sociedade comunista, que é obrigada a começar por suprimir apenas essa «injustiça» que é a apropriação dos meios de produção pelos indivíduos, e que não está em condições de suprimir imediatamente também a outra injustiça, que consiste na distribuição dos artigos de consumo «segundo o trabalho» (e não segundo as necessidades).

A propriedade privada na sociedade capitalista é algo absoluto, uma estrutura permanente dos capitalistas, como as enormes extensões de terra, nas mãos do agronegócio ou no mundo das grandes indústrias, onde o operário se sente tão pequeno. Entretanto, os operários não possuem grandes propriedades, a não ser sua moradia, que acaba sendo seu dormitório, para refazer suas forças e retornar, no outro dia, à fábrica, onde cumprem jornada de trabalho todos os dias, com exceção dos finais de semana. No entanto, essa realidade acaba instaurando o último momento da dialética: o suprasumir, ou melhor, o elevar da dialética diante da ‘propriedade privada’, como Marx afirma¹²⁶:

A supressão da propriedade privada é, por conseguinte, a emancipação completa de todas as qualidades e sentidos humanos; mas ela é esta emancipação justamente pelo fato desses sentidos e propriedades terem se tornado humanos, tanto subjetiva quanto objetivamente. O olho se tornou humano, da mesma forma como o seu objeto se tornou um objeto social, humano, proveniente do homem para o homem.

¹²⁵ *Ibid.*

¹²⁶ *Ibid.*

Quando a propriedade privada se elevar no processo dialético para uma sociedade comunista, o ser humano irá se reconciliar consigo mesmo e com suas condições existenciais, subjetivas e objetivas, na elevação humana, como tão bem Marx (2010) cita: “o olho se tornou humano, da mesma forma que seu objeto, humano”. Por que essa expressão “humano”? Porque, na sociedade capitalista, os operários se tornam máquinas, coisas, objetos de uma lógica que visa à exploração da força de trabalho, com a meta de aumentar a mais-valia. Essa relevante expressão “o olho se tornou humano” busca reconciliar o ser humano com condições materiais que foram aviltadas pelos capitalistas, que vê somente lucro na força de trabalho da classe operária, como uma jovem-aprendiz ligada a uma instituição, que prepara e gerencia a juventude para o mundo do trabalho, denunciou abuso por assédio moral, como relatado no seguinte trecho¹²⁷:

Uma jovem que prestava serviços na condição de menor aprendiz ajuizou ação trabalhista pretendendo indenização de R\$15 mil por assédio moral. Afirmou que, em virtude de sua aparência física, foi vítima de atos abusivos, humilhações e perseguição por parte de agentes públicos da Associação Profissionalizante do Menor de Belo Horizonte – Assprom, no setor em que trabalhava. O caso foi decidido pela juíza Érica Martins Judice, titular da 11ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte, que, entretanto, não deu razão à aprendiz. Para a magistrada, não ficou provado que ela foi vítima de assédio moral no local de trabalho. Pelo contrário, as provas produzidas revelaram que a Associação fez tudo o que estava ao alcance para que a jovem se sentisse bem no local de serviço e superasse as dificuldades, muitas delas decorrentes de problemas familiares.

Sobre essa citação, já era esperado que a juíza decretasse o caso a favor da instituição de trabalho, alegando que não havia provas suficientes, pois, no relato, a jovem havia sofrido assédio moral; porém, não conseguiu vencer a demanda judicial, e o abusador saiu ileso. Se o contrário tivesse ocorrido, e a jovem ganhasse a ação, a repercussão seria negativa para a sociedade e para a instituição que faz a mediação do jovem-aprendiz, no mundo do trabalho.

¹²⁷ *Ibid.*

Na sociedade capitalista, os donos do poder acabam vencendo sobre a classe proletária. Em um discurso diante da juventude, Lenin interroga¹²⁸:

Nesta resposta, «aprender o comunismo», é demasiado geral. De que é que necessitamos para aprender o comunismo? Que é que necessitamos de escolher, da soma de conhecimentos gerais, para adquirir o conhecimento do comunismo? Aqui ameaça-nos toda uma série de perigos, que se manifestam a cada passo quando se coloca incorretamente a tarefa de aprender o comunismo ou quando ela é compreendida de uma maneira demasiado unilateral.

Esse discurso de Lenin ocorreu em 1920, durante sua participação num congresso da juventude socialista. Naquele momento, Lenin tinha a missão de esclarecer como deveriam ser organizados os organismos da juventude comunista. Para ele, somente seria possível a construção de uma sociedade comunista com uma mudança radical na Educação e na forma como os conteúdos de ensino programado eram transmitidos. Lenin¹²⁹ expôs à juventude, naquele momento, o caminho para compreender o comunismo:

Sem trabalho, sem luta, o conhecimento livresco do comunismo, adquirido em brochuras e obras comunistas, não vale absolutamente nada, porque prolonga o antigo divórcio entre a teoria e a prática, esse antigo divórcio que constituía o mais repugnante traço da velha sociedade burguesa.

O que Lenin disse nesse congresso da juventude é uma crítica àqueles que dão muita ênfase às teorias e não mantêm uma prática constante na luta pelo socialismo. Nesse congresso, Lenin revela, não apenas para a juventude, mas para todos que almejam a

¹²⁸ As tarefas das Uniões da Juventude. Revista HISTEDBR. Disponível em:< [lcoutinho,+doc01_41e.pdf](#)>. Acesso em: 04/03/25.

¹²⁹ É preciso sonhar, mas com a condição...Lenin Pensador. Disponível em< <https://www.pensador.com/frase/NTE4ODA5/>> Acesso em: 04/05/25.

construção do comunismo, a importância da união entre teoria e prática. Vale ressaltar que a juventude proletária, imersa no mundo do trabalho por meio do projeto Jovem Aprendiz, precisa passar por uma certa aprendizagem, para ingressar na empresa em que irá atuar. Logo na primeira página do site da empresa mediadora do programa Jovem Aprendiz, é abordado o conceito de aprendizagem, conforme se segue¹³⁰:



FIGURA 5- O Poder da Lei.

Fonte. Arprom, 2025.

Na instituição citada, que faz a mediação ao mundo do trabalho, é revelado que houve um momento de aprendizagem para objetivo¹³¹: “O objetivo é a apresentação de um conteúdo que embora muito presente no dia a dia, não se faz ser muito notado e nem muito divulgado de maneira ampla e compreensível a todos os brasileiros dos mais distintos níveis sociais.”

Percebe-se que o objetivo principal do programa Jovem Aprendiz não é apenas preparar o jovem para ingressar no mercado de trabalho, pois a instituição tem um caráter

¹³⁰ *Ibid.*

¹³¹ *Ibid.*

ideológico, como fica claro nas três frases da figura 5: “Eu elaboro as leis”; “Eu aplico as leis”; “Eu administro a lei”, que funcionam como uma mensagem subliminar. O “Eu” pode ser o patrão ou o líder da instituição que promove a preparação para o trabalho, e com um agravante: são essas figuras que elaboram as leis, as aplicam e as administram. O conteúdo da maioria das leis para o jovem aprendiz, visa legitimar as ações dos patrões, seja em pequenas ou grandes empresas. A lei intimida, assusta, e passa a ser a verdade que sustenta a exploração no capitalismo, com as instituições burguesas como parceiras. Diante dessa conjuntura de opressão, quem sofre é a juventude, assim como na época de Lênin, que afirmava que só havia uma saída: a revolução comunista, que precisa ser construída todos os dias, tanto no existir da juventude quanto na sociedade em geral, por meio de partidos, sindicatos e movimentos sociais.

No discurso no congresso da juventude, Lênin argumentava: “Ou tu roubas outro, ou outro te rouba; ou trabalhas para outro, ou outro trabalha para ti; ou és escravista, ou és escravo”¹³². Até hoje, essa frase de Lênin é utilizada no cotidiano, como se fosse uma ‘luz’ para clarear a existência dos proletários, que ainda não têm consciência de classe, como aqueles que afirmam que, no cotidiano, é melhor ser patrão do que empregado. Entretanto, o operário esquece que, para ser capitalista, ele precisa ter várias coisas ao seu redor, como o capital, as leis, a ideologia, dentre outros. Um exemplo disso é o grande agronegócio, no qual é impossível a pequena porção de terra competir com o grande latifúndio. Ao finalizar seu discurso para a juventude, Lênin disse¹³³:

Vós sabeis que é impossível transformar rapidamente a Rússia de um país ignorante e analfabeto num país instruído; mas se a União da Juventude se empenhar nisso, se toda a juventude trabalhar em proveito de todos, então esta União, que une 400 000 rapazes e raparigas, terá o direito de se chamar União Comunista da Juventude. A tarefa da União consiste ainda em, ao assimilar um ou outro conhecimento, ajudar a juventude que não pode libertar-se por si mesma das trevas do analfabetismo. Ser membro da União da Juventude significa consagrar o seu trabalho, as suas forças, à causa comum. Nisto é que consiste a educação comunista.

¹³² MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo. Nova Cultural, 1985.

¹³³ *Ibid.*

A análise da conjuntura feita por Lênin sobre a Rússia aponta para uma realidade semelhante no Brasil, onde a maioria vive no analfabetismo político estrutural. Os conteúdos didáticos oferecidos aos alunos são, em grande parte, de natureza pragmática, com o objetivo de preparar o jovem estudante para o mundo do trabalho, especialmente aqueles que estudam em escolas públicas. O legado teórico de Lênin, assim como seu desejo de uma sociedade comunista, permanece um sonho. Como dizia Lênin: “É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho, de observar com atenção a vida real, de confrontar a observação com nosso sonho, de realizar escrupulosamente nossas fantasias. Sonhos, acredite neles”¹³⁴.

Para que a classe operária consiga sair de sua condição de estranhamento e alienação, é necessário cultivar um sonho de luta diária contra os algozes do capitalismo. Isso é perceptível em alunos militantes que fazem parte da Umes e de grêmios estudantis, que se tornaram, em muitos casos, o sindicato da juventude. Esses espaços, por excelência, despertam na juventude o desejo de entender o mundo em que vivem, tanto no universo do trabalho quanto na educação, permitindo-lhes confrontar seus sonhos com a realidade concreta de sua existência proletária. O horizonte desse processo é a possibilidade de construir uma sociedade comunista.

2.7 Materialismo histórico-dialético

O corpo discente, composto por secundaristas que estudam no período noturno e que, durante o dia, estão imersos no trabalho, já vivencia o "materialismo histórico-dialético" sem perceber ou compreender. Há algum tempo, foi anunciada, numa empresa frigorífica de exportação de carne bovina, a abertura de 30 vagas para o programa Jovem Aprendiz, em uma cidade do interior, no parque das indústrias¹³⁵.

¹³⁴ *Ibid.*

¹³⁵ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo. Boitempo, 2010.



Figura 6 – Trabalho em série.

Fonte: Moendo Gente, 2025.

Esses 30 jovens que passarem no processo seletivo terão como destino inevitável o mundo do trabalho, mais especificamente a indústria, ou melhor, o chão de fábrica. Além do salário, serão oferecidos benefícios como refeição no restaurante da empresa, vale alimentação e formação profissional, uma vez por semana, na própria empresa. No entanto, as condições de trabalho para o jovem-aprendiz são aviltantes¹³⁶:

A rotina dos trabalhadores da indústria de abate de aves, suínos e bovinos envolve inúmeros riscos devido ao manuseio de instrumentos cortantes, a pressão por altíssima produtividade é, não raro, jornadas exaustivas em ambientes frios e insalubres produzida pela Repórter Brasil, a investigação mostra os maiores problemas da indústria dos frigoríficos, um dos principais setores do agronegócio nacional.

¹³⁶ A exploração humana nos principais frigoríficos brasileiros. Portal Veganismo. Disponível em:< [A exploração humana nos principais frigoríficos brasileiros](#)>. Acesso em:18/02/25.

Para se manter vivo a juventude proletária tem como destino o ‘trabalho’, como os jovens que decidiram ingressar no frigorífico para trabalhar, mais as condições materiais que os levaram a se tornar jovem-aprendizes, numa empresa que busca extrair a mais-valia da classe operária. Esses jovens, ao ingressarem, além de não contarem com segurança para o trabalho cotidiano, correm o risco de acidentes, enfrentam jornadas de trabalho extenuantes e, para os que já têm 18 anos, podem ter uma carga horária superior a 8 horas, conforme permitido pela legislação do programa Jovem Aprendiz. As empresas frigoríficas abastecem tanto o mercado interno quanto o externo, na exportação de proteína animal. A partir dessa condição objetiva da juventude proletária, é possível começar a dialogar sobre o “materialismo histórico-dialético”, tanto em nível teórico quanto nas condições concretas de trabalho. Se um desses jovens, após um tempo no frigorífico, fosse demitido e não conseguisse encontrar outro emprego, certamente, se tivesse uma família com filhos, enfrentaria dificuldades econômicas e, conseqüentemente, procuraria outra forma de trabalho. Quem é esse ser humano que se tornou trabalhador? Marx fala sobre a condição existencial do ser humano¹³⁷:

O homem é imediatamente natural. Como ser natural, e como ser natural vivo, está, por um lado, munido de forças naturais, de forças vitais, é um ser natural ativo; estas forças existem nele como possibilidades e capacidades (Anlagen und Fähigkeiten), como pulsões; por outro, enquanto ser natural corpóreo, sensível, objetivo, ele é um ser que sofre, dependente e limitado, assim como o animal e a planta, isto é, os objetos de suas pulsões existem fora dele, como objetos independentes dele.

Marx revela a condição antropológica do ser humano: dependente, limitado, mas também munido de forças vitais e capacidades. Contudo, é um ser que sofre devido à sua condição de dependência e limitação, com seus objetos existindo fora de si, como pulsão [Trieb]. Para Marx, o ser humano, para satisfazer suas necessidades, como a fome, necessita de objetos fora de si, que atendam a suas carências, como os alimentos¹³⁸. Além dessa

¹³⁷ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

¹³⁸ *Ibid.*

condição dependente e limitada, surge a questão do caminho epistemológico do ser humano: ou seja, quais são as suas condições reais para conhecer as coisas ao seu redor?

Para Aristóteles, a verdade não deve ter contradições, como no princípio "W é igual a W" e não pode ser "C"; ou seja, W sempre será W e não B. Se, no lugar de W, fosse F, essa premissa se revelaria como contraditória e até falsa. Essa lógica, no entanto, é fundamentada em Aristóteles. Hegel, por sua vez, provoca uma revolução copernicana no campo epistemológico. Para ele, a contradição passa a ter um novo sentido, como apreensão das dinâmicas essenciais de cada fenômeno. Durante muito tempo, a dicotomia prevaleceu nos sistemas de ideias, como o 'cogito cartesiano'. O pensamento de Hegel inaugura uma nova perspectiva sobre a realidade, a partir da separação e contraposição entre sujeito e objeto. O maior desafio de Hegel era explicar a cisão entre sujeito e objeto. Quanto à herança filosófica de Marx e Engels, um longo caminho foi trilhado, começando com os primeiros textos, como evidenciado pelo seguinte trecho¹³⁹:

Nos Manuscritos, o foco é colocado na economia política e a alienação aponta para seu fundamento na categoria de trabalho. A produção de riqueza representa para o operário a transferência de valor para a mercadoria e seu empobrecimento como trabalhador. "A depreciação do mundo dos homens aumenta em razão direta da valorização do mundo das coisas." O trabalho produz ao mesmo tempo mercadorias e o operário enquanto mercadoria. O resultado do trabalho se enfrenta com seu produtor como um objeto alheio, estranho – está dado o mecanismo essencial de explicação da alienação. Como produtor, o operário não se sente sujeito, mas objeto do seu objeto. A atividade de produção é a fonte da alienação e não mais um processo de ilusão – psicológica ou intelectual.

Para Marx, o trabalhador só existe enquanto trabalhador, quando o Capital é gerado para si, ou seja, ele só existe ao produzir capital para os capitalistas, como os jovens aprendizes que trabalham no frigorífico dia após dia, sem parar, descansando apenas nos dias de folga. Na realidade, o capital passa a ser uma determinação absoluta (Bestimmung): "A existência (Dasein) do capital é sua existência, sua vida, tal como determina o conteúdo de

¹³⁹ *Ibid.*

sua vida de maneira indiferente a ele” (Marx, 2010, p. 91). Diante dos efeitos da divisão do trabalho, Marx afirma¹⁴⁰:

Logo que o trabalho começa a ser distribuído, cada uma passa a ter um campo de atividade exclusivo e determinado, que lhe é imposto e ao qual não pode escapar; o indivíduo é caçador, pescador, pastor ou crítico, e assim deve permanecer se não quiser perder seu meio de vida.

A categoria da determinação (Bestimmung) em alemão revela a ideia de fixação, em que o operário não consegue escapar de seu destino inevitável no mundo do trabalho. Essa determinação surge como uma força revestida pelo poder dos meios de produção, legitimada pelas leis que acabam sendo um poder sobre a juventude, como ilustrado pelo seguinte relato desta jovem¹⁴¹:

Salve meu povo, tenho 18 anos e estou trabalhando à uma semana em um restaurante no cargo de auxiliar de escritório, meu contrato é de jovem aprendiz então trabalho por 6 horas, preciso de um conselho, por mais que eu tenha sido contratado como auxiliar de escritório, eu não sentei em uma cadeira e usei o computador em nenhuma ocasião se quer, na realidade, eu passo todas essas 6 horas carregando peso, como o lugar em que eu trabalho é um restaurante o local recebe muita encomenda de alimentos e etc, e sou eu quem tem que carregar os pacotes de alimentos, que são bem pesados pra mim, desempacota-los e armazená-los nas devidas prateleiras; Isso tem quebrado meu corpo, dia após dia eu acordo todo dolorido, muita dor nas pernas principalmente porque tenho que abaixar para pegar as encomendas e estocá-las; O salário é muito bom para um contrato de nível jovem aprendiz, mas carregar esse peso está fisicamente cansativo.

Quanto a essa citação anterior, essa jovem teve a coragem de revelar sua condição operária após ser contratada pelo programa Jovem Aprendiz. No entanto, o que havia sido combinado — trabalhar como auxiliar de escritório — foi alterado, e ela foi deslocada para

¹⁴⁰ *Ibid.*

¹⁴¹ Sou Jovem Aprendiz e carrego peso. Reddit, 2024. Disponível em: <[Sou Jovem Aprendiz e carrego peso : r/antitrampo](https://www.reddit.com/r/antitrampo)>. Acesso em: 18/02/25.

um serviço pesado, onde passou 6 horas carregando mercadorias e deslocando-as para as prateleiras do restaurante. Essa condição proletária que a jovem enfrenta é um exemplo do ‘determinismo’ imposto pela instituição do trabalho, que afeta toda a existência da jovem operária. É interessante notar que os jovens aprendizes têm um espaço virtual para dialogar sobre suas queixas de trabalho. A jovem citada, por exemplo, se expressou: “Sou Jovem Aprendiz e carrego peso: Salve meu povo, tenho 18 anos e estou trabalhando há uma semana em um restaurante, no cargo de auxiliar de escritório. Meu contrato é de jovem aprendiz, então trabalho por 6 horas...”¹⁴². Logo, sua amiga respondeu¹⁴³:

Pois a questão de pegar peso, talvez seja "legal" dentro da lei, pois você já tem 18 anos completos, é adulto, só usar o EPI (provavelmente luvas nesse caso, ou também cinta para coluna). Eu não sei se a lei tem uma regra para peso, mas pensando muita coisa que era 50kg (tipo cimento, mas ainda existe muito de 50kg) mudou pra 25kg, logo talvez seja o "limiar" de peso. Eu lembro do meu estágio (nunca fui atrás pra saber se existe uma lei) que era em área de pesquisa agrícola e fazíamos experimentos com os produtos químicos, e foi comentado que só acima de 18 anos que pode aplicar/manusear as misturas, acredito que com peso seja a mesma coisa. Provavelmente você nunca pegou peso na vida, tem sim o jeito certo pra evitar dores e problemas de coluna, infelizmente as aulas de educação física acabam em só jogar bola. Mas a tendência é seu corpo acostumar-se, o ruim é a execução errada dos movimentos.

Assim, a essência do materialismo histórico-dialético não está nas nuvens, mas está enraizada nas condições concretas da juventude proletária, como demonstrado no diálogo entre essas duas jovens operárias. Não se trata de ideias abstratas, mas de ideias reais, que refletem suas condições de vida, como Marx e Engels revelam sobre a condição da história¹⁴⁴:

Ela não tem necessidade, como na concepção idealista da história, de procurar uma categoria em cada período, mas sim de permanecer constantemente sobre o solo da história real; não de explicar a práxis partindo da ideia, mas de explicar as formações

¹⁴² *Ibid.*

¹⁴³ *Ibid.*

¹⁴⁴ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

ideais a partir da práxis material e chegar, com isso, ao resultado de que todas as formas e [todos os] produtos da consciência não podem ser dissolvidos por obra da crítica espiritual, por sua dissolução na “autoconsciência” ou sua transformação em fantasma(...).

Para Hegel, o discípulo mais importante do idealismo alemão, a ideia se revela na razão, na relação sujeito-objeto, ideal-real. Para ele, "O absoluto é a ideia universal e una" (Hegel, 2012, p. 349). A ideia, para Hegel, está presente em cada consciência, independentemente de sua condição. Hegel afirma que a ideia é a razão, assim como a relação sujeito-objeto e a efetividade. Diferentemente de Marx e Engels, que partem das condições materiais, Hegel começa de um mundo subjetivo e especulativo. Marx, por sua vez, revela as verdades da sociedade capitalista em seus primórdios, a partir das condições concretas, ao afirmar sobre a classe dominante¹⁴⁵:

Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época.

Os detentores do poder econômico, os capitalistas, para dar continuidade ao sistema de exploração, precisam legitimar a sociedade capitalista em parceria com a moral, a religião e o Estado, que atua como guardião da sociedade civil, desdobrando-se em várias instituições, como o programa Jovem Aprendiz. Não foram os jovens que se organizaram para criar uma instituição que lhes garantisse acesso ao trabalho. As instituições que promovem o programa Jovem Aprendiz precisam construir sua superestrutura, que são mecanismos de controle sobre a juventude operária. As categorias fundamentais contidas no "Manuscrito Econômico-

¹⁴⁵ Ibid.

Filosófico" de Marx, já mencionadas aqui, são estruturas essenciais para que a juventude proletária compreenda sua existência na sociedade capitalista.

Para Marx, é a partir do trabalho que o ser humano concretiza suas capacidades e forças nos objetos. Como exemplo, os jovens aprendizes que ficam 6 horas operando a máquina de empacotar carnes no frigorífico. É nessa condição existencial de trabalho que se fixa e concretiza o que passa a ser o verdadeiro “ontológico do ser humano”, como Marx escreve¹⁴⁶: “O produto do trabalho é o trabalho que se fixou, que se concretizou em um objeto (Gegenstand) e a objetivação (Vergegenständlichung) do trabalho”. Através desse trabalho, a força de trabalho da juventude operária se objetivou, assim como o salário de sobrevivência; enquanto ao patrão, aumentou a extração da 'mais-valia', ou seja, sua riqueza cresceu em detrimento do trabalho da classe proletária. Enquanto o capitalista dorme, pensando no aumento de seu capital, o trabalhador, por sua vez, vive a cisão, ou melhor, a separação diante da riqueza do capital — seja industrial, fundiária, tecnológica, dentre outras formas. Para que a classe proletária não se extinga, os capitalistas lançam migalhas de seu capital, sob a forma de salários de sobrevivência, mas, ao final, o trabalhador acaba se tornando uma mercadoria.

¹⁴⁶ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

3.1 *Espaço da aplicação da Sequência Didática*

A Escola Estadual Dr. Waldemiro Naffah é localizada numa grande região periférica numa população de quase 250 mil habitantes na Zona Norte de São José do Rio Preto, e busca desenvolver uma prática pedagógica crítica e libertadora. Segundo o censo de 2023, a escola conta com 599 alunos no ensino médio, 443 nos anos finais do ensino fundamental e 41 alunos especiais matriculados¹⁴⁷. Assim, a maioria dos estudantes está imersa no mundo do trabalho.

A escola Waldemiro Naffah vive um período crítico na Educação de São Paulo, com mudanças no ensino médio e fundamental, acompanhadas pela introdução de novas tecnologias de aprendizagem e conteúdos pedagógicos definidos por livros e apostilas programadas pela Secretaria da Educação do Estado. Diante dessa conjuntura, cabe ao professor apenas executar o que está determinado. Os professores, no entanto, buscam criar práticas pedagógicas que sejam coerentes com as condições sociais dos alunos, abordando questões como racismo estrutural, desigualdade social, desemprego, fome e outras temáticas relacionadas à juventude. É perceptível que a nova realidade do ensino médio predomina a didática conteudista e bancária. Para reverter essa abordagem, é necessário construir metodologias diferenciadas, como a sequência didática, com o objetivo de promover situações de aprendizagem significativas, para a juventude proletária, que estuda e trabalha no programa Jovem Aprendiz. A educação deve ser libertadora, ajudando os estudantes a entenderem a si mesmo e o mundo em que vivem, como defendido por Paulo Freire¹⁴⁸:

A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática de liberdade só

¹⁴⁷ IBID.

¹⁴⁸ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970. pp. 57-76.

encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica.

Diante dessa conjuntura, surge o desafio de promover aprendizagens significativas para o corpo discente, como estabelece a LDB-9394/96, no artigo 22¹⁴⁹, sobre o exercício da cidadania: “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. O exercício da cidadania também implica lutar contra o racismo estrutural, desemprego, homofobia e tantas outras formas de injustiça que a juventude vivencia no Brasil.

Como Meszáros¹⁵⁰ sobre o objetivo da educação na burguesia adverte que:

A educação, que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumentos daqueles estigmas da sociedade capitalista: fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes. Em outras palavras, tornou-se uma peça de processo de acumulação de capital e de estabelecimento de um consenso que torna possível a reprodução do injusto sistema de classes.

Sobre esses valores “ideológicos” da classe dominante, Engels também faz uma análise sobre a condição da juventude proletária no artigo "Marxismo e Educação: Contribuições para a Discussão sobre o Papel do Estado numa concepção Marxiana"¹⁵¹:

[na escola] se divulgam elementos das ciências naturais, procurando desviar a atenção dos operários da oposição contra a burguesia e se lhes fornecem conhecimentos que eventualmente podem levá-los a invenções que tragam lucros aos burgueses; quanto às ciências naturais, seu conhecimento, pelo operário, é atualmente desprovido de utilidade, uma vez que ele nem sequer pode observar a

¹⁴⁹ BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. BRASIL.

¹⁵⁰ SADER, Emir. In: MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do Capital**, São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p.15.

¹⁵¹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

natureza, vivendo na grande cidade e absorvido por uma jornada de trabalho tão prolongada. Nesses centros também se ensina economia política, cujo ídolo é a livre concorrência e da qual o operário só pode extrair uma conclusão: para ele, nada é mais razoável que resignar-se a morrer de fome silenciosamente. Nessas instituições, toda a educação é domesticada, dócil e servil diante da política e da religião dominantes; seu objetivo, por meio de prédicas constantes, é tornar o operário obediente, passivo e resignado diante de seu destino.

A citação anterior de Engels ecoa na atualidade, quando destaca a questão da domesticação do ensino para a juventude proletária. Além de enfrentarem longas jornadas de trabalho, esses jovens precisam obedecer às “prédicas” dos patrões e aos saberes impostos pela escola. Ou seja, estão imersos no aparelho ideológico, sendo moldados para se tornarem operários subservientes ao Capital. Essa é a sina da juventude que trabalha e vai à escola, buscando concluir o ensino médio e cursar uma faculdade, assim como aqueles que apenas cumprem a norma do programa Jovem-Aprendiz. Como exemplo, o programa afirma: “Se o aluno não tiver tido mais que 5 dias de faltas, poderá ter direito a 30 dias de férias”¹⁵². O desejo insaciável dos capitalistas pela extração de mais-valia não tem qualquer tipo de comiseração pelos jovens operários. Se um deles tiver mais de cinco faltas, perderá o emprego, sendo substituído no dia seguinte por outro jovem-aprendiz.

Nas escolas públicas, ainda predominam metodologias de aprendizagem conteudistas, com os conteúdos pedagógicos chegando como um 'fast-food' da Secretaria da Educação, para promover aprendizagem por meio de plataformas virtuais. Até mesmo as tarefas de múltiplas alternativas são realizadas fora da escola, seja em casa ou em qualquer lugar, desde que o aluno tenha o aplicativo da Secretaria da Educação, no celular. Agir dentro desse espírito utilitarista e capitalista na educação é decretar a falência da LDB 9394/96, e também das produções acadêmicas que não caíram do “céu”, mas resultaram dos esforços de docentes e discentes na construção teórica e pedagógica da educação básica no Brasil. Até quando os arquitetos dos saberes institucionais do Estado continuarão arquitetando conhecimentos pragmáticos que visam apenas resultados numéricos, na ótica da educação bancária? Ensinar

¹⁵²Arpom. Estrutura. Arpom. Disponível em: <https://arprom.org/estrutura/>. Acesso em: 06 maio 2024.

não é “transmitir conhecimentos”. Como Paulo Freire afirma: “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou sua construção”¹⁵³.

Esta sequência didática é destinada aos alunos secundaristas, tanto do período noturno quanto diurno, e tem como objetivo dialogar com as categorias do trabalho: salário, desemprego, capital, mercadoria, propriedade privada, estranhamento e alienação.

A respeito da categoria do trabalho, a historiadora Ecléa Bossi, ao prefaciар a obra “A condição operária e outros estudos sobre a opressão”, argumenta sobre o mundo do trabalho: “Simone está certa, diz um metalúrgico de Osasco, mutilado na fábrica. A rapidez da cadência e as ordens constantes são as que mais causam fadiga e levam ao acidente” (WEIL, S. 1979, p. 33). Na fábrica, os movimentos são repetitivos, exaustivos e perigosos. Talvez esse operário, ao entrar na fábrica, tivesse uma ideia das condições de trabalho, mas quando se deparou com a realidade concreta do chão da fábrica e com a cadência imposta pelas ordens dos patrões, acabou sendo acidentado.

Uma coisa é entender a categoria do trabalho abstratamente, teoricamente. Outra bem diferente é estar imerso na fábrica ou em outra instituição de trabalho e, a partir dessa experiência existencial proletária, alargar o entendimento sobre a categoria do trabalho.

Para os alunos que trabalham e estudam à noite, não deveria haver separação entre os conteúdos pedagógicos e suas condições objetivas de trabalho. Certa vez, em sala de aula, um aluno abriu o diálogo e disse: “Sou migrante. Faz alguns meses que, com minha família, chegamos à cidade, vindo do Maranhão”. O aluno, com 18 anos, cursava o primeiro ano do ensino médio no período noturno. Sem qualificação no mundo do trabalho, acabou ingressando como ajudante de uma empresa de transporte de mudanças. Ao perguntar como era o trabalho, ele relatou que estava difícil, pois era muito pesado e, à noite, estava cansado, e por isso faltava na escola. O aluno disse que estava ganhando 200 reais por semana. Seu salário bruto mensal era de 800 reais, mas, após os gastos cotidianos, restavam apenas 500

¹⁵³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970. pp. 57-76.

reais para atravessar o mês. Devido à defasagem na aprendizagem, ele tinha dificuldade para fazer cálculos e entender o custo de vida. Quando o sinal para o recreio tocava, ele era o primeiro a correr para o refeitório, para se alimentar.

Na escola estadual Waldemiro Naffah, em São José do Rio Preto, tanto os alunos do período matutino, quanto do noturno já ingressaram no mundo do trabalho desde cedo, sem compreender plenamente as estruturas de opressão, nas quais estão imersos na sociedade capitalista.

3.2 Referencial teórico da sequência didática.

O referencial teórico dessa sequência didática busca revelar “verdades” da categoria do trabalho: salário, desemprego, mercadoria, propriedade privada, estranhamento, alienação. É comum ouvir do aluno quando pergunta: Por que existe patrão? Por que existe diferença de salário, uns ganham tão bem, e outros ganham tão pouco? As respostas são várias como: “Ah! professor, sempre foi assim na sociedade, uns ricos e outros pobres”. Tem aqueles que dizem: “Ah!! professor, é porque trabalhou mais, e por isso ganha mais, lá no Shopping, faço horas-extras e ganho mais que os outros”. O referencial teórico dessa sequência didática é o materialismo histórico-dialético. Os contos sociológicos elencados nesta dissertação são o referencial central para os alunos dialogarem com as várias categorias do trabalho como o subemprego, mais-valor, capital, salário dentre outros. O primeiro problema didático a ser enfrentado é substituir o método da educação bancária, que perpassa o ensino médio diurno e noturno.

O objetivo dessa sequência didática é a compreensão da categoria do trabalho, elencada anteriormente, a partir de uma didática dialógica com os alunos, através de aulas expositivas e dialógica, com os alunos que trabalham e vivem relações de hierarquias, no cotidiano das instituições de trabalho, assim como também o trabalho informal. É possível

desconstruir ideias que os alunos escutam do senso-comum, como: “o trabalho enobrece o homem”; “trabalha que ficará rico”.

Essas ações didáticas da sequência didática têm como objetivo promover aprendizagem que desperte no aluno o desejo de conhecer a si mesmo e seu mundo de trabalho. Por fim, a maioria da juventude proletária tem dificuldade de entender o mundo da economia, política, salário e jornada de trabalho, ou seja, o mundo do trabalho, em sua condição proletária e, portanto, as sequências didáticas possibilitarão inaugurar um momento novo de aprendizagem fecunda e significativas para a juventude estudantil.

A produção dos ‘contos sociológicos’ é o material pedagógico específico para usar didaticamente, na leitura do aluno, e dialogar com as categorias: salário, capital, trabalho, reforma agrária, estranhamento, propriedade privada.

O primeiro desafio didático é desconstruir o método da educação bancária, que ainda predomina no ensino médio, tanto no período diurno, quanto no noturno. Para reverter essa abordagem, é necessário construir metodologias diferenciadas, como a sequência didática, que busca compreender as categorias elencadas anteriormente, pelo caminho metodológico do materialismo histórico-dialético.

As ações didáticas, integradas à sequência didática, têm como objetivo desvelar as condições de exploração da juventude proletária e compreender o materialismo histórico-dialético no existir cotidiano do jovem aprendiz. Por fim, é importante destacar que grande parte da juventude proletária tem dificuldades em entender o mundo em que vive, principalmente, o mundo das instituições de trabalho, tanto privada, quanto pública. Portanto, as sequências didáticas propostas possibilitarão inaugurar um momento de aprendizagem fecunda e significativa, com objetivo de compreender melhor sua realidade cotidiana de trabalho, e que possa ressignificar seu existir proletário.

3.3 A condição proletária nos contos sociológicos, vídeo e grupo focal.

A seção de relatos da ‘condição proletária’ da juventude é relevante nesta dissertação, pois sem ela, o ‘referencial teórico’ não teria sentido. Nessa atividade de aprendizagem a juventude proletária pode revelar um pouco de sua existência proletária, através de textos escritos e no grupo focal. Na pesquisa realizada para elaborar esta dissertação o jovem aprendiz teve a oportunidade para descrever sua vivência de jovem proletário, além da leitura e interpretação dos contos sociológicos, pôde assistir ao vídeo do filme argentino ‘*El Empleo*’ e, por fim, participar do "grupo focal".

Essas atividades realizadas em sala de aula possibilitaram ampliar o entendimento sobre juventude proletária da ‘exploração capitalista’, que a juventude proletária vivencia na instituição de trabalho, como também a compreensão do ‘materialismo histórico-dialético’ em sua própria vida.

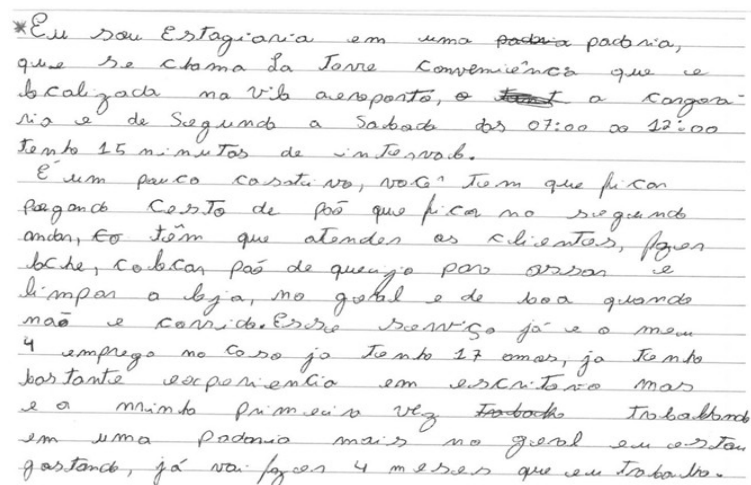
Os relatos da juventude proletária logo a seguir foram feitos por alunos do ensino médio, em sala de aula, com a seguinte lógica: primeiramente, leram os contos sociológicos, assistiram ao vídeo ‘*El empleo*’, e participaram do ‘grupo focal’, e logo em seguida descreveram sua interpretação sobre seu momento de aprendizagem. Esses contos sociológicos inseridos nesta dissertação surgiram com a necessidade de os alunos entenderem as categorias contidas nos ‘manuscritos filosófico-econômicos’ de Marx, numa forma mais lúdica e dialógica no processo de ensino-aprendizagem para a juventude proletária, que trabalha e estuda no período diurno ou noturno.

É um desafio para os educadores promoverem aprendizagens, numa perspectiva libertadora e não bancária; porque ainda prevalece na educação básica no Brasil o ensino vocacionado para perpetuar a exploração capitalista, num processo de aprendizagens com fins de proletarianização. Essa situação da educação básica no Brasil é apontada por Paulo Freire no seguinte trecho¹⁵⁴:

¹⁵⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970. pp. 57-76.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz 'comunicados' e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam.

Os contos foram trabalhados da seguinte forma: algumas atividades continham perguntas, enquanto outras eram livres para interpretação dos textos, e nesse momento a juventude proletária pôde relatar sua condição de trabalho, assim como entender o materialismo histórico-dialético, na sua própria condição objetiva, imersos em várias instituições de trabalho.



*Eu sou Estagiária em uma padaria padaria, que se chama La Torre Conveniência que é localizada na Vila aeroportos, e ~~tem~~ a carga-ria é de Segunda a Sábado das 07:00 as 12:00 tendo 15 minutos de intervalo.

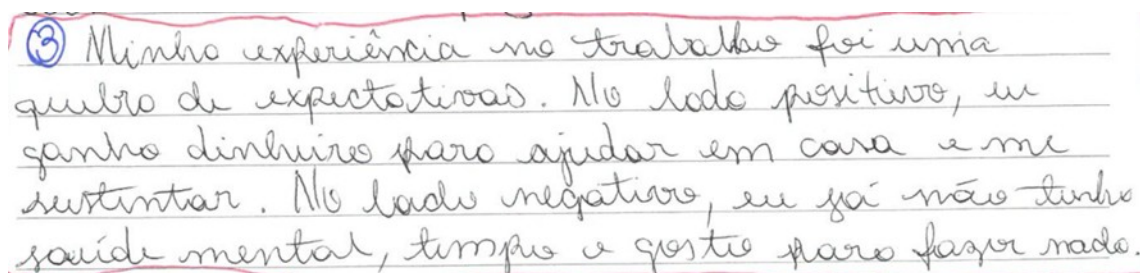
É um pouco cansativo, nós temos que ficar pegando Cesto de pão que fica no seguinte andar, e tem que atender as clientes, fazer biscoito, cobrir pão de queijo por assar e limpar a loja, no geral é de boa quando não é corrido. Estou fazendo já o meu 4º emprego no caso já tendo 17 anos, já tendo bastante experiência em trabalhar mas é o primeiro vez trabalho trabalhando em uma padaria mais no geral eu estou gostando, já vai fazer 4 meses que eu trabalho.

Figura 7: Relato da jovem-proletária

Fonte – Anexo

A primeira aluna que desenvolveu o relato foi uma jovem de 17 anos que estuda no período noturno e descreveu sua experiência da seguinte maneira, conforme consta na **figura 7**: "Eu trabalho de segunda a sábado, das 7h às 12h, tendo apenas 15 minutos de intervalo

para alimentar”. Ela afirma que o trabalho é um pouco cansativo, pois precisa carregar cestas de pão para o andar de cima da padaria, além de atender clientes, colocar pão de queijo para assar e limpar a loja. A jovem informa que esse é seu quarto emprego, tem apenas 17 anos e já trabalha há 4 meses neste emprego, dizendo que está gostando. Percebe-se que a exploração proletária da juventude é uma permanência histórica dos trabalhadores das padarias na sociedade capitalista, assim como nas diversas instituições de trabalho, onde estão alocados para trabalhar e ganhar menos do que um salário-mínimo.



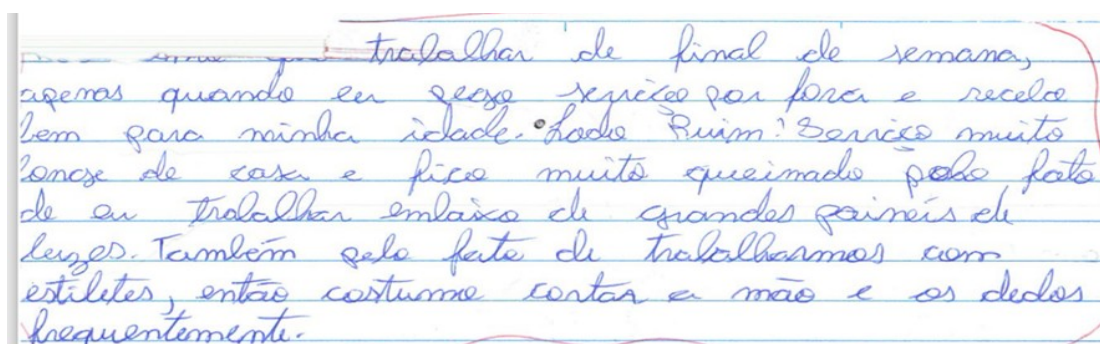
③ Minha experiência no trabalho foi uma quebra de expectativas. No lado positivo, eu ganho dinheiro para ajudar em casa e me sustentar. No lado negativo, eu já não tenho saúde mental, tempo e gosto para fazer nada.

Figura 8: Relato da condição-proletária

Fonte: Anexo

A jovem proletária da **figura-8** revela que o trabalho fez a jovem adoecer, porque desde cedo na vida teve que ingressar no mundo do trabalho. Como ela mesma diz, “precisa ajudar no orçamento familiar e se sustentar”. O que seria essa quebra de expectativas que ela menciona no texto? Talvez, antes de começar a trabalhar, a jovem operária tivesse uma ideia diferente sobre o mundo do trabalho, mas, pelo visto, se decepcionou diante da realidade cotidiana no emprego. No entanto, mesmo assim, ela precisa trabalhar para existir para si mesma, para sua família e para a sociedade, como descreve em seu relato. Ao afirmar que não

tem mais saúde mental, a situação se torna preocupante; talvez ela esteja vivenciando um quadro depressivo devido à sua rotina cotidiana de vida proletária, que a obriga acordar cedo para trabalhar e voltar para casa após 11 horas da noite. Assim como essa jovem, existem outros que enfrentam quadros depressivos, como aqueles que trabalham o dia todo, e ainda se deslocam para a escola no período noturno.



trabalhar de final de semana, apenas quando eu pego serviço por fora e recela bem para minha idade. Hoje Ruim? Serviço muito longe de casa e fico muito queimado pelo fato de eu trabalhar embaixo de grandes painéis de luzes. Também pelo fato de trabalharmos com estiletes, então costumo cortar a mão e os dedos frequentemente.

Figura 9 -Relato da condição proletária.

Fonte: Anexo

Esse jovem da **figura-9** não possui estabilidade de emprego, pois vive do famoso trabalho do fazer um “bico”, ou seja, está desempregado e só trabalha quando surge uma oportunidade, como ele mesmo revela: “trabalho de final de semana, apenas quando eu pego serviço por fora”. Em outro momento, ele descreve a condição de exploração em que vive, ao afirmar que trabalha debaixo de grandes painéis de luzes. Esse jovem não revelou o cotidiano completo de seu trabalho, mas menciona o uso de estilete no trabalho, e o fato de frequentemente machucar as mãos e os dedos. Além disso, ele é menor de idade, e sua experiência remete à história do início da classe juvenil proletária, que, no passado, não tinha nenhuma legislação, que a defendesse da exploração cotidiana. Somente a partir da Constituição de 1988 e do ECA, começaram a surgir políticas públicas e leis capazes de proteger e reivindicar contra maus-tratos e salários baixos, pois até então não existia legislação para a juventude, que

ingressava cedo no mundo do trabalho. Contudo é possível perceber que Marx, em seu escrito sobre o trabalho assalariado, afirma¹⁵⁵:

O operário que durante doze horas tece, fia, fura, torneia, constrói, maneja a pá, entalha a pedra, transporta-a etc., considera essas suas doze horas de tecelagem, fiação, furação, de trabalho em torno e de pedreiro, de manejo da pá ou de entalhe da pedra como manifestação de sua vida, como sua vida? Muito pelo contrário. A vida para ele principia quando interrompe essa atividade, à mesa, no albergue, no leito.

A condição proletária do aluno, que fere suas mãos durante o trabalho, é uma permanência desde os primórdios do nascimento das fábricas, que exploram a juventude proletária. A vida desse jovem proletário se revela, quando interrompe o trabalho, momento em que pode sentir a vida na sua casa, na mesa de refeição, no leito e na suspensão temporária da exploração que vive no cotidiano, como jovem estudante proletário. Ele busca um trabalho temporário, mas acaba se deparando com a essência do capitalismo, que se caracteriza pela exploração e acumulação da mais-valia, em benefício dos cofres da burguesia. Diante dessa condição de exploração, como o professor pode promover a aprendizagem? Sobre esse questionamento, o seguinte trecho de Paulo Freire é esclarecedor¹⁵⁶:

Através de sua busca para convencer os alunos de seu próprio testemunho sobre a liberdade, da sua certeza na transformação da sociedade, você deve salientar, indiretamente, que as raízes do problema, estão muito além da sala de aula, estão na sociedade e no mundo. Exatamente por isso, o contexto da transformação não é só a sala de aula, mas encontra-se fora dela. Se o processo for libertador, os estudantes e os professores empreenderão uma transformação que inclui o contexto fora da sala de aula.

¹⁵⁵ ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

¹⁵⁶ *Ibid.*

Na referência anterior, Freire revela que o problema do aluno secundarista vai além da sala de aula, ou seja, está no mundo do trabalho e na exploração que vivencia todos os dias, como esse jovem, que ao trabalhar acaba ferindo suas mãos diariamente. O processo de aprendizagem do aluno não pode ser dissociado da realidade cotidiana do jovem proletário.

Discurso sobre a sua condição de trabalho.

*Minha condição de trabalho começa com o acordar às 5:20 da manhã. Por vir o acadêmico, treino até 7:00, por que começo o trabalho 7:30.

Trabalho em uma marcenaria como auxiliar e em visitas similares a marcenaria que me ensinou a fazer o trabalho com os formigas que tenho que colar na MDF e faço isso até às 17:48.

Depois vou para o acadêmico de noite treino mais um hora e vou para o escolar onde estudo das 19:00 até 22:45, chego em casa 23:45 e vou dormir 00:00 por consequência estudo de noite.

Figura 10- Relato da Condição proletária.

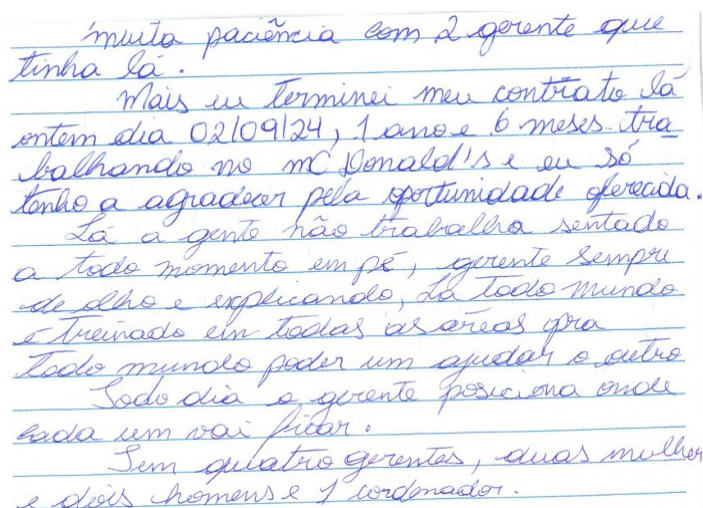
Fonte: Anexo.

Esse jovem, no relato da **figura-10**, é um auxiliar de marceneiro que estuda no período noturno e, durante o dia, trabalha. Sua rotina começa às 5 horas da manhã, e às 7h30 inicia seu trabalho no ramo de marcenaria, onde cumpre a função de passar cola, tarefa que seu patrão lhe ensinou. Porém, ao passar a "cola fórmica", que é tóxica (semelhante às colas usadas por sapateiros), o jovem corre o risco de se tornar dependente deste narcótico. Mesmo assim, ele precisa cumprir essa função até às 17h48, resultando numa jornada de trabalho de quase 9 horas por dia. Esse jovem proletário termina seu expediente à meia-noite, quando vai repousar após um longo dia de trabalho e estudo; já que sua rotina escolar vai das 19h às 22h45. A partir desse discurso sobre seu trabalho, podemos ver que o jovem cumpre uma função diária de produção em série, passando cola tóxica o dia todo. Sobre essa produção em

série no trabalho, podemos entendê-la melhor ao observarmos o que Marx diz sobre a divisão do trabalho¹⁵⁷:

A divisão manufatureira do trabalho, nas bases históricas dadas, só poderia surgir sob forma especificamente capitalista. Como forma capitalista do processo social de produção, é apenas um método especial de produzir mais valia relativa ou de expandir o valor do capital, o que se chama de riqueza social, "Wealth of Nations" etc., às custas do trabalhador. Ela desenvolve a força produtiva do trabalho coletivo para o capitalista e não para o trabalhador e, além disso, deforma o trabalhador individual.

Esse jovem operário, que durante o dia passa cola tóxica na madeira, vivencia a estrutura de exploração do trabalho em "série", sem interrupção. Em troca, recebe um pagamento abaixo do salário-mínimo, enquanto fica o dia todo realizando a mesma atividade, ao longo de sua jornada de trabalho. Como visto na citação anterior, Marx afirma que essa atividade laboral acaba "deformando o trabalhador individual"¹⁵⁸.



Muita paciência com o gerente que tinha lá.
Mais eu terminei meu contrato lá ontem dia 02/09/24, 1 ano e 6 meses trabalhando no McDonald's e eu só tenho a agradecer pela oportunidade oferecida.
Lá a gente não trabalha sentado a todo momento em pé, gerente sempre de olho e explicando, lá todo mundo é treinado em todas as áreas para todo mundo poder um ajudar o outro.
Todo dia o gerente posiciona onde cada um vai ficar.
Sem quatro gerentes, duas mulheres e dois homens e 1 coordenador.

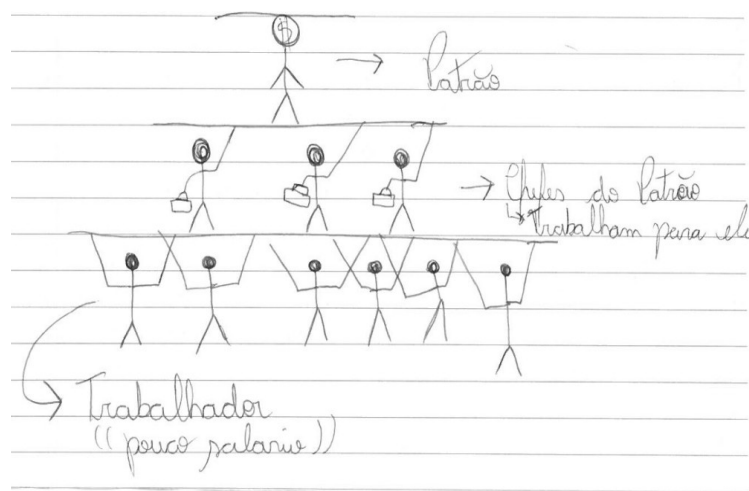
Figura 11- Relato da Condição proletária.

Fonte: Anexo.

¹⁵⁷ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

¹⁵⁸ *Ibid.*

Por que em todos McDonald's espalhados pelo Brasil, os proletários são vistos trabalhando pelos clientes? Na verdade, na **Figura-11** os donos do poder econômico do McDonald's buscam mostrar ao público a eficiência da produção em série, como o poder de suas máquinas tecnológicas, que não param de funcionar; entretanto se não houvesse a juventude proletária, pertencente ao projeto jovem-aprendiz, nada funcionaria na empresa McDonald's. Um outro intento da empresa, que perpassa no cotidiano dos funcionários são os clientes, que acabam vigiando o trabalho do jovem aprendiz. Esses jovens não podem parar o serviço para descansar, pois estão sendo vigiados pelos clientes, que comprem seus lanches, assim como seus superiores imediatos, naquele momento de trabalho. O McDonald's deveria ser chamado de "Fábrica de Lanche em Série", porque todos os proletários estão imersos nela, no processo de trabalho ao promover o cansaço, medo, insegurança, como um jovem que vai se tornando uma peça no meio de tantas outras peças nessa fábrica de fazer lanche, como Simone argumenta: "Cada gesto é, simplesmente, a execução de uma ordem (...) Numa máquina para uma série de peças, cinco ou seis movimentos simples são indicados, e basta apenas repeti-los a toda velocidade." (WEIL, S, 1979). Diante da referência anterior da militante Simone Weil, percebe-se a permanência histórica de opressão da sociedade capitalista através de produção em série, desde o nascimento da fábrica. A esperança de mudar essa situação de opressão da juventude proletária no McDonalds será por meio da conscientização de que a juventude proletária é explorada pela empresa capitalista McDonald's, e, por isso, o jovem proletário precisa adquirir consciência de classe e seu pertencimento à juventude proletária, que unido por via do sindicato pode lutar por suas reivindicações diante da exploração que vivencia todos os dias.



Fala sobre as diferenças sociais, e quanto o chefe aproveita de seus funcionários, os "explorando" a terem uma jornada de trabalho exaustiva. Retrato a realidade dos trabalhadores também sendo consequência das diferenças sociais.

Figuras 12 e 13 – Relato da Condição proletária.

Fonte: Anexo

Essas atividades das **Figuras-12 e 13** foram desenvolvidas em sala de aula, sendo resultado da leitura num conto sobre a 'condição proletária' de um trabalhador numa fábrica de caixões. Nesta fábrica, os funcionários eram explorados em sua jornada de trabalho, no cotidiano da produção. As coisas começaram a clarear quando um jovem operário comunista chegou à empresa, trazendo entendimento aos trabalhadores. Ao final de cada dia, alguns operários se reuniam para conversar sobre ideias políticas e o cotidiano do trabalho em um boteco próximo à fábrica. O Nasir era o líder, que buscava abrir a mente dos operários sobre sua condição material de proletários na fábrica. Todos os contos sociológicos trabalhados em sala de aula serviram como material didático, que foi escrito para os alunos secundaristas,

com base nos conteúdos teóricos dos “manuscritos filosófico-econômicos” de Marx. O objetivo era possibilitar que os alunos compreendessem de forma mais lúdica e dialógica, o legado marxiano no mundo do trabalho.

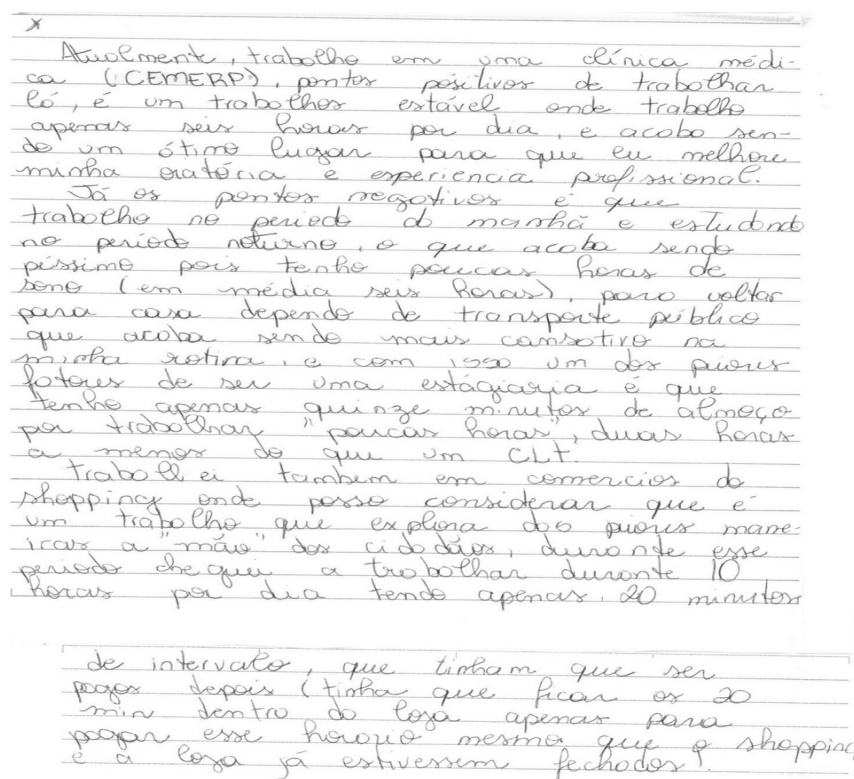
É interessante notar como esse aluno do ensino médio respondeu sobre sua leitura e diálogo com o conto sociológico. Ele escreveu pouco, mas seu desenho sobre a divisão das classes sociais na sociedade capitalista foi relevante e artístico. No desenho, ele coloca o 'patrão' no topo da pirâmide, com um símbolo de dinheiro na cabeça, apontando para a ideia de que o patrão só pensa no acúmulo de riqueza, por meio da exploração da classe proletária juvenil. As mãos do patrão no desenho estão livres, em contraste com as classes inferiores que sustentam a pirâmide com seu trabalho, simbolizado pelas mãos. Na segunda classe abaixo do patrão, estão aqueles que trabalham perto dele, como chefes de seção ou gerentes, que carregam uma maleta, representando os que fazem 'negócios para o patrão', como vendedores, contabilistas, entre outros. Na última classe estão os proletários, que aparecem em maior número no desenho, e possuem apenas o trabalho diário e o salário para sobreviver na sociedade capitalista. Os relatos dos resultados da sequência didática só foram possíveis por meio do caminho do diálogo espontâneo com os alunos no cotidiano da sala de aula, biblioteca, pátio e quadra. Sobre a possibilidade de diálogos com os alunos, Freire nos revela o seguinte¹⁵⁹:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.

Para desenvolver momentos fecundos de aprendizagem, é necessário criar diálogos em uma relação horizontal, como Freire revela na referência anterior, que possibilita a criticidade

¹⁵⁹ *Ibid.*

e a descoberta de novas palavras, que a maioria da juventude proletária não compreende em seu cotidiano. O diálogo, portanto, comunica a vida, desperta sonhos e faz renascer a força para derrubar os grilhões de exploração da juventude proletária, que é obrigada a vender sua força de trabalho, por menos de um salário-mínimo, para se manter viva. Quando o aluno consegue sair de seu estado de alienação, ele cria a possibilidade de que outros alunos também percebam que seu colega de classe está diferente, e, portanto, sua emancipação se dá ao compreender como ocorre a exploração do capitalista, sobre a classe proletária estudantil. Esse processo é essencial para sair do estado de alienação em que se encontra em seu existir.



Atualmente, trabalho em uma clínica médica (ICEMERP), entre possíveis de trabalhar lá, é um trabalho estável onde trabalho apenas seis horas por dia, e acabo sendo um ótimo lugar para que eu melhore minha rotina e experiência profissional. Já os pontos negativos é que trabalho no período de manhã e estudo no período noturno, o que acaba sendo péssimo pois tenho poucas horas de sono (em média seis horas), para voltar para casa depende de transporte público que acaba sendo mais complicado na minha rotina, e com isso um dos piores fatores de ser uma estagiária é que tenho apenas quinze minutos de almoço para trabalhar "poucas horas, duas horas a menos do que um CLT. Trabalho também em comércios de shopping onde posso considerar que é um trabalho que explora do pioras maneiras a "mão" dos cidadãos, durante esse período de que a trabalhar durante 10 horas por dia tendo apenas 20 minutos de intervalo, que tinham que ser pagos depois (tinham que ficar os 20 min dentro do loja apenas para pagar esse horário mesmo que o shopping e a loja já estivessem fechados).

Figura 14- Relato da Condição proletária.

Fonte: Anexo.

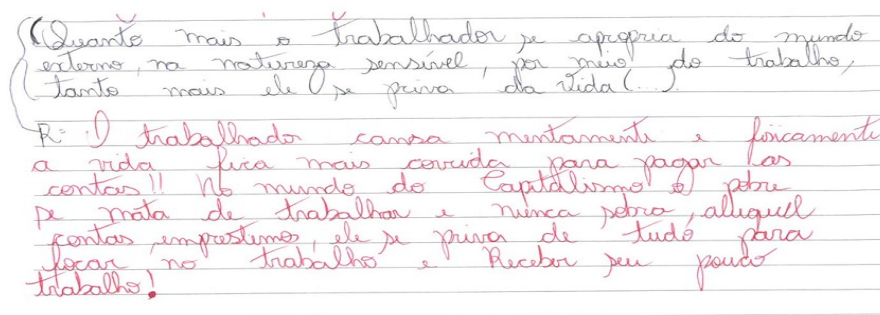
A **figura-14** revela um relato de uma jovem estagiária, que revela uma escrita marcada pelas dores cotidianas no mundo do trabalho. Nesse relato a jovem proletária estagiária trabalha numa clínica médica que demonstra, primeiramente, uma visão positiva do seu trabalho, inclusive com a esperança de melhorar sua oratória e experiência profissional. Entretanto, também revela sua condição de jovem proletária, sendo sua jornada de trabalho no período diurno, e à noite estuda no ensino médio. O que chama atenção dessa jovem são suas experiências de trabalho, como ao relatar sobre sua condição de trabalho em Shopping: “trabalhei em comércio de shopping, onde posso considerar que é um trabalho que explora das piores maneiras a mão de obra dos cidadãos, em que afirma ter trabalhado até 10 horas por dia”. Uma outra questão importante para relatar se estende para todos os jovens aprendizes, cujo momento de alimentação, durante o trabalho, é de apenas 15 minutos, porque por lei os jovens aprendizes devem trabalhar 6 horas direto. O histórico dessa jovem estagiária é seu questionamento sobre os 15 minutos para se alimentar, pois o patrão exige que logo após expediente, cumpra os 15 minutos que foram gastos com alimentação durante as 6 horas diretas de trabalho, sem possibilidade de alimentar conforme a legislação¹⁶⁰: “Art. 432. A duração do trabalho do aprendiz não excederá de seis horas diárias, sendo vedadas a prorrogação e a compensação de jornada. * Artigo, caput, com redação dada pela Lei 10.097, de 19/12/2000” (Lei 10.097, de 19/12/2000). Como essa jovem proletária no Brasil existem muitos jovens aprendizes que sofrem calados a condição proletária da juventude. Portanto, a prática docente bancária, preponderante na prática cotidiana da escola, precisa mudar, sendo necessário uma prática dialógica com a juventude proletária, para despertar neles o desejo de conhecer suas condições proletárias, e poder ressignificar sua vivência discente, no desejo de entender o mundo e transformá-lo, como Freire diz sobre a curiosidade humana na vida neste trecho¹⁶¹:

¹⁶⁰ Lei nº10. 097.Presidencia da República. Disponível em:<[L10097](#)>. Acesso em: 18/02/25.

¹⁶¹ Sou Jovem Aprendiz e carrego peso. Reddit,2024. Disponível em:<[Sou Jovem Aprendiz e carrego peso : r/antitrampo](#)>. Acesso em:18/02/25.

A curiosidade de camponeses com quem tenho dialogado ao longo de minha experiência político-pedagógica, fatalistas ou já rebeldes diante da violência das injustiças, é a mesma curiosidade, enquanto abertura mais ou menos espancada diante de “não eus”, com que cientistas ou filósofos acadêmicos “admiram” o mundo. Os cientistas e os filósofos superam, porém, a ingenuidade da curiosidade do camponês e se tornam epistemologicamente curiosos. A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

É preciso criar uma didática que desperte ‘curiosidade’ para os alunos que trabalham e estudam à noite. A maioria está cansada do trabalho durante o dia, e muitas vezes os saberes conteudistas não irão tocar suas existências. Um exemplo é pela categoria do salário que recebem no início do mês, com a seguinte curiosidade, que pode ser dialogada com os alunos em sala de aula, por exemplo, que é ‘salário’? É somente por esses caminhos alternativos, num método didático diferenciado, que será possível despertar no aluno de forma lúdica e criativa a verdade do que é o ‘salário’ na sociedade capitalista.



{ Quanto mais o trabalhador se apropria do mundo externo, na natureza sensível, por mais o trabalho, tanto mais ele se priva da vida (...)
R: O trabalhador cansa montantemente e forçadamente a vida fica mais cara para pagar as contas!! No mundo do Capitalismo o pobre se mata de trabalhar e nunca cobra, aquele conta impostos, ele se priva de tudo para ficar no trabalho e receber seu pouco trabalho!

Figura 15- Relato da Condição proletária.

Fonte: Anexo

Nesta atividade, revelada na **Figura-15**, o objetivo com os alunos foi abrir um diálogo sobre a categoria do ‘salário’, que aparece nos ‘Manuscritos Econômico-Filosóficos’, a partir de uma didática que buscou despertar o entendimento dos estudantes sobre o salário que

recebem todo mês, e sobre sua condição proletária vivenciada no cotidiano. Em outro momento, foram criados caminhos didáticos para que os alunos pudessem desnaturalizar sua compreensão sobre o ‘salário’. Na **Figura-15**, o jovem demonstra conhecimento de sua condição ao escrever: “o trabalhador cansa mental e fisicamente, a vida fica mais corrida para pagar as contas!! No mundo capitalista”. A partir dessa atividade, o aluno começou a desenvolver ‘consciência de classe’ por meio das atividades em sala de aula, que foram primeiramente explicadas e debatidas com os alunos do ensino secundário. Especificamente, o jovem define o destino de seu salário como sendo para pagar contas, alimentação, roupas, passear, empréstimos e, por fim, se priva de sua juventude para focar no trabalho, e receber um salário para se manter vivo e ter forças para enfrentar a exploração no mundo do trabalho, como Marx já havia enxergado¹⁶²:

O que o operário vende não é diretamente o seu trabalho, mas a sua força de trabalho, cedendo temporariamente ao capitalista o direito de dispor dela tanto é assim que, não sei se as leis inglesas, mas, desde logo, algumas leis continentais fixam o máximo de tempo pelo qual uma pessoa pode vender a sua força de trabalho.

Quando o aluno descobre que vende sua força de trabalho para o patrão, que dispõe de seu trabalho legitimado por leis como a Lei 10.097/00 e a Lei 11.788/08 (que regulamenta o estágio), ele não terá outra saída a não ser lutar contra essa opressão imposta à sua existência. É relevante destacar que o aluno proletário vive uma dupla jornada: uma durante o dia, no trabalho, e a outra à noite, na escola pública, na esperança de ressignificar sua condição proletária, ao descobrir as razões de sua exploração. Alguns alunos verbalizam sua própria descoberta, outros ficam tristes e não dizem nada, mas ficam indignados e buscam o movimento estudantil, para entender melhor sua condição proletária e combater a opressão, pelos movimentos estudantis da Umes e Grêmio, dentre outros.

¹⁶² MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo. Nova Cultural, 1985.

• 02- "O sinal tocou de novo na fábrica e Roberto caminhou em silêncio, rumo à máquina de cortar madeira, que sugava sua energia durante o dia..."
Essa frase ilustra a rotina exaustiva e desumanizada de Roberto na fábrica, onde o som do sinal simboliza a repetição monótona de cortar madeira, "que suga sua energia", representa a forma como o trabalho manual pode esgotar física e mentalmente um trabalhador, transformando-o quase em uma extensão da própria máquina.

Figura 16- Relato da Condição proletária.

Fonte: Anexo

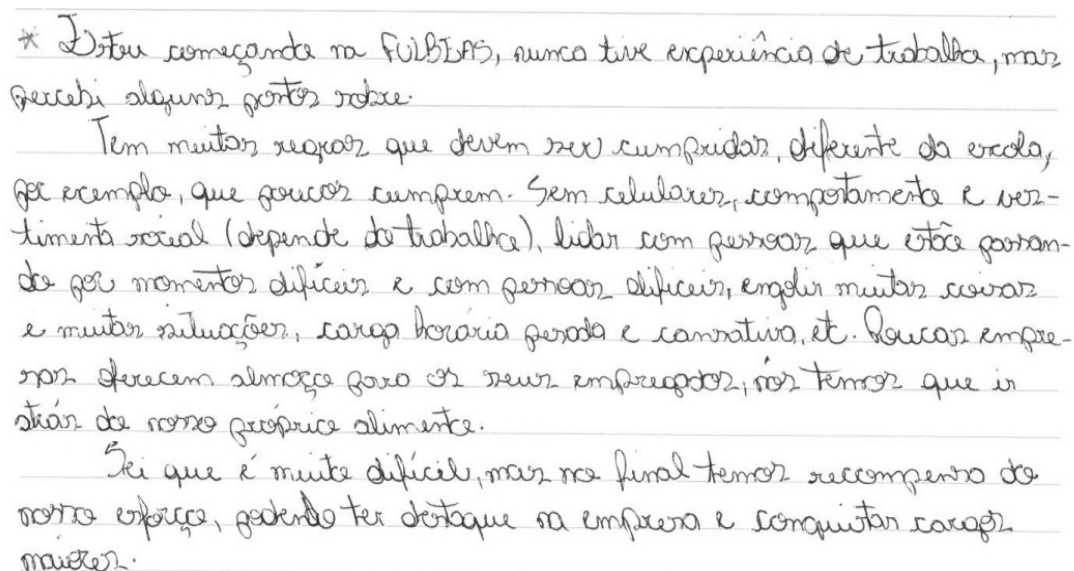
É interessante como esse aluno na **Figura-16** descreve o 'sinal da fábrica' que consta no conto sociológico, no capítulo do 'Capital', e faz uma interpretação relevante: "o som do sinal simboliza a repetição monótona de cortar madeira". Ou seja, o sinal é uma determinação para voltar ao trabalho na máquina, numa repetição de cortar madeira, que acaba trazendo desgaste físico e mental, como o aluno afirma tão bem ao dizer 'sugar energia'. O conto sociológico permitiu que o aluno refletisse sobre sua condição de trabalho, no projeto Jovem Aprendiz, em que o sinal não significa apenas voltar à máquina, mas retornar ao trabalho repetitivo, pois a exploração imposta pelos capitalistas sobre o proletariado já existe desde o nascimento da fábrica, como apontado por Engels no seguinte trecho¹⁶³:

(...) O trabalhador tem de estar na fábrica às 5 ½ da manhã; se atrasar alguns minutos, é punido; se o atraso é de 10 minutos, sua entrada é impedida até depois do desjejum, perdendo a quarta parte de seu salário diário. Tem de comer, beber e dormir, de acordo com o comando que recebe... O sino despótico arranca-o da cama; tira-o do desjejum e do almoço. E que é que acontece na fábrica? Nela o fabricante é o legislador absoluto. Dita os regulamentos que lhe aprazem; altera e faz acréscimo ao seu código, conforme lhe apetece; e por mais absurda que seja a disposição que introduza no seu código, dizem os tribunais ao trabalhador: Uma vez que vos

¹⁶³ *Ibid.*

obrigastes espontaneamente dentro do contrato tendes de cumpri-lo... E os trabalhadores estão condenados a viver, dos 9 anos até à morte sob essa tirania espiritual e física.

Essa citação deixa claro o poder do capitalista sobre o proletariado, desde o nascimento das fábricas, quando os trabalhadores vendiam sua força de trabalho sob pressão, com jornadas longas, esgotamento físico e subserviência aos patrões, em obediência ao contrato. Isso demonstra que a história da classe operária é marcada pela permanência das suas estruturas de exploração, como ainda é perceptível na atualidade, simbolizado pelo sinal na fábrica, escola.



* Estou começando na FULBEAS, nunca tive experiência de trabalho, mas recebi algumas dicas sobre.

Tem muitos requisitos que devem ser cumpridos, diferente da escola, por exemplo, que poucos cumprem. Sem celulares, comportamento e vestimenta social (depende do trabalho), lidar com pessoas que estão passando por momentos difíceis e com pessoas difíceis, engolir muitas coisas e muitas situações, carga horária pesada e convativa, etc. Buscar empresas oferecem almoço para os seus empregados, por temor que in-
stação de nosso próprio alimento.

Sei que é muito difícil, mas no final temer o sucesso do
nosso esforço, podendo ter destaque na empresa e conquistar coisas
maiores.

Figura 17- Relato da Condição proletária.

Fonte: Anexo

A jovem na **Figura-17** cita uma instituição que faz a mediação do estágio de trabalho para a juventude, chamada Fulbeas (Fundação Líbero Badaró de Ensino, Assistência Social e Cultura), criada em 16 de agosto de 1972, em São José do Rio Preto, SP. Essa instituição, como as demais, busca revelar para a sociedade que tenta ‘salvar’ a juventude proletária da

marginalidade, podendo ingressar no mundo do crime, devido às condições econômicas que suas famílias enfrentam, geralmente vivendo com apenas de 1 a 2 salários-mínimos. Entretanto, a verdade é que essas empresas mediadoras de trabalho preparam a juventude proletária para ingressar no mundo do trabalho, onde seu destino é vender sua força de trabalho para sobreviver e gerar mais-valia para os donos do capital. É relevante notar que, no texto da **Figura-17**, a aluna compara as regras da instituição com a escola, afirmando que a empresa mediadora de trabalho ‘Fulbeas’ é mais rígida, e sua percepção se diferencia da escola, pois ela considera o ambiente escolar mais livre, permitindo o despertar do desejo de aprendizagem crítica e emancipadora, ao contrário da vivência no mundo do trabalho, que não irá revelar a verdade da sociedade capitalista.

A maioria do corpo docente desconhece a realidade cotidiana do aluno e o ‘entorno da escola’, incluindo os problemas sociais do bairro em que a escola está inserida, como o desemprego ou o envolvimento precoce de alguns alunos no tráfico de narcóticos. Surge, assim, a importância de conhecer as condições sociais do entorno da escola, como defendido por Freire neste trecho¹⁶⁴:

Certa vez, numa escola da rede municipal de São Paulo que realizava uma reunião de quatro dias com professores e professoras de dez escolas da área para planejar em comum suas atividades pedagógicas, visitei uma sala em que se expunham fotografias das redondezas da escola. Fotografias de ruas enlameadas, de ruas bem-postas também. Fotografias de recantos feios que sugeriam tristeza e dificuldades. Fotografias de corpos andando com dificuldade, lentamente, alquebrados, de caras desfeitas, de olhar vago. Um pouco atrás de mim dois professores faziam comentários em torno do que lhes tocava mais de perto. De repente, um deles afirmou: “Há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. Agora, ao ver esta exposição* de fotografias que nos revelam um pouco de seu contexto, me convenço de quão precária deve ter sido a minha tarefa formadora durante todos estes anos. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?”

¹⁶⁴ *Ibid.*

Quando o professor conhece melhor seu corpo discente e as condições existenciais de trabalho que labuta todos os dias, assim como seus sonhos profissionais e os familiares de seus alunos, como a realidade de seu bairro, lazer, serviços públicos se houver, torna-se mais fácil para a escola dialogar com os alunos. Como na citação anterior, que Freire destaca até mesmo a possibilidade de tirar fotos das condições ao redor da escola, dos serviços públicos, como médicos, lazer, bibliotecas, dentre outros, e que pode ser uma ferramenta importante do método 'ver-julgar-agir' no processo ensino-aprendizagem do corpo discente. A aluna na **Figura-17** afirma que sua condição de trabalho é pesada, com uma "carga horária cansativa". No entanto, as pessoas costumam dizer que os jovens aprendizes não fazem nada, pois sua carga horária de trabalho é de apenas 6 horas, mas imagina trabalhar 6 horas sem direito a ter almoço digno, mas apenas 20 minutos para engolir a sua refeição. Embora alguns patrões permitam 15 minutos para alimentação, ainda assim o capitalista está lucrando com o trabalho do jovem aprendiz, pois um jovem operário fora do programa Jovem Aprendiz, teria um custo muito maior do que aquele que faz parte do programa jovem-aprendiz. O seguinte trecho nos informa sobre o impacto dessa instituição de mediação de trabalho na vida dos jovens aprendizes¹⁶⁵:

Ao longo de nossa trajetória, a FULBEAS tem impactado positivamente a vida de centenas de jovens, especialmente mulheres, proporcionando formação profissional e oportunidades de desenvolvimento pessoal. Desde 2001, nosso Curso de Orientação Profissional já atendeu mais de 270 alunas por ano, oferecendo acesso gratuito a materiais didáticos, uniformes, refeições e transporte.

A partir dessa citação, podemos ver que o foco dessa instituição Fulbeas é preparar e inserir principalmente as mulheres no mercado de trabalho, assim como atualmente, na nova grade curricular, que prioriza a profissionalização do jovem estudante. No entanto, o objetivo da educação, nesse momento histórico, é prepará-los para o mundo do trabalho.

¹⁶⁵ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo. Boitempo, 2010.

1 **Trabalho.**

Experiência de Trabalho.

Quando eu entrei no mercado de trabalho comecei com 15 anos como jovem aprendiz na Arprom, no começo foi bem tranquilo, em relação aos tratamentos com os funcionários, alguns não me trataram muito bem, mas a oportunidade que eu recebi foi muito boa, fiz eu descobrir no onde eu quero seguir, sou na área da administração como assistente financeiro no ~~Arprom~~ Arprom, no caso eu e minha esposa faz o geral na área do financeiro, gostei bastante dessa área. Em relação trabalho com os estudos e bem corrido e cansativo, ~~mas~~ porém eu gosto bastante dessa rotina de dia a dia.

2 **TRABALHO**

Nome: Ielene Soares da Silva
nº: 36

RODOBENS

Então minha experiência nesta empresa até no momento está boa, porém tenho algumas opiniões. No meu ponto de vista a Rodobens é uma empresa que tenta sempre realizar e satisfazer os desejos do cliente, porém as preocupações por trás são uma bagunça falta de comunicação e produtividade. As pessoas são iniciais e muito boas, eu convivo com a maioria. Eu mecho com o financeiro deles e procuro sempre aprender e aproveitar cada vez mais. Eu entrei na empresa pela ARPRON e espero ser contratada mais se não for possível eu quero aprender o máximo.

Figura 18 – Trabalho burocrático.

Fonte: Anexo

Essa jovem aprendiz, que trabalha na empresa Rodobens na **Figura-18**, foi minha aluna ao concluir o ensino médio em 2024. Ela estava sempre presente nas aulas de sociologia e filosofia, buscando aprendizagem, por meio de suas interrogações e das atividades que realizava em sala de aula. Cedo, ela ingressou no mundo do trabalho, com apenas 15 anos de idade. A empresa que mediou sua entrada foi a Arprom, a mais antiga da cidade, fundada

durante a Ditadura Militar (1964-1985), período, que a juventude sofria maus-tratos tanto de forma sutil, quanto explícita, especialmente por aqueles que não cumpriam as regras dessa instituição.

O que é a Rodobens? É uma empresa de plataforma de serviços financeiros no varejo automotivo, que distribui seus produtos e serviços em todo o Brasil. A Rodobens possui 3 mil funcionários, sendo 15% jovens aprendizes, ou seja, cerca de 400 jovens. Com essa quantidade, a empresa substitui funcionários que não se enquadram no programa de jovem aprendiz, podendo, em média, gerar um ganho de 5 mil reais. Portanto, ao multiplicar os 400 jovens aprendizes por 1.500 reais, a empresa acaba lucrando quase 800 mil reais ao explorar o trabalho do jovem proletário. Portanto, investir em jovens aprendizes permite a lucratividade das empresas nos setores da indústria, comércio, agronegócios e até das repartições públicas.

Através dessas atividades em sala de aula, como vídeos, grupo focal e contos sociológicos, os jovens proletários adquiriram um saber que não seria possível encontrar em nenhum outro lugar, exceto na escola. Nela, é possível produzir situações de aprendizagem que fazem a juventude pensar e ressignificar sua existência, conforme preza a LDB 9.394/96, que prescreve o seguinte¹⁶⁶:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; (...)

É perceptível na ‘LDB 9.394/96’ a permanência da exigência de qualificação para o mundo do trabalho, como afirma no artigo 2º, o que remonta à permanência dos impactos da Ditadura Militar (1964-1985) em relação ao exercício de cidadania para o trabalho, conforme

¹⁶⁶ *Ibid.*

destacado na referência anterior. A LDB 9.394/96 afirma: "A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho"¹⁶⁷.

No entanto, foi durante a Ditadura Militar, no governo de Médici, que foi promulgado o AI-5 em dezembro de 1968, cuja primeira função foi a repressão às manifestações populares e às guerrilhas, além de legitimar a proletarização da juventude ao destiná-los à preparação para o mundo do trabalho, por meio de cursos profissionalizantes em instituições como o Senac e escolas profissionalizantes públicas. Esses cursos atravessaram o período da Ditadura Militar e, atualmente, intensificaram a preparação da juventude proletária para o mundo do trabalho, revelando a relação da classe proletária e a classe opressora, os ‘donos do capital’. Engels descreve a condição dessa relação¹⁶⁸:

A relação entre o industrial e o operário não é uma relação humana: é uma relação puramente econômica - o industrial é o "capital", o operário é o "trabalho". E quando o operário se recusa a enquadrar-se nessa abstração, quando afirma que não é apenas "trabalho", mas um homem que, entre outras faculdades, dispõe da capacidade de trabalhar, quando se convence que não deve ser comprado e vendido enquanto "trabalho" como qualquer outra mercadoria no mercado, então o burguês se assombra. Ele não pode conceber uma relação com o operário que não seja a da compra-venda; não vê no operário um homem, vê mãos (hands), qualificação que lhe atribui sistematicamente.

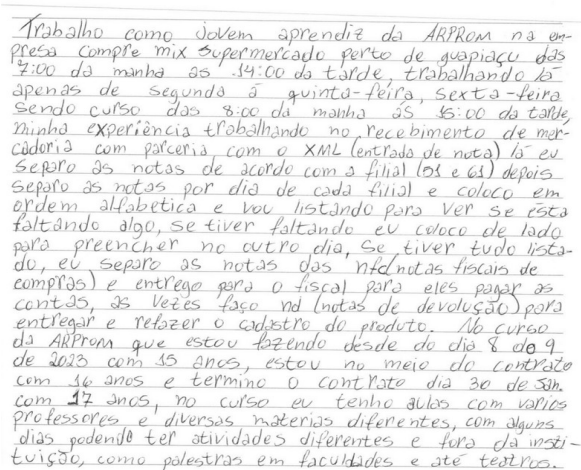
Historicamente, a juventude proletária tem sofrido desde o nascimento das fábricas na sociedade capitalista, onde trabalhavam, especialmente, em fábricas, comércios, padarias e nas casas, como Engels descreve tão bem ao abordar as relações de classe entre o industrial, representado pelo ‘Capital’, e o operário, que é o trabalho. No entanto, o proletário vive por um salário de sobrevivência, e por isso, o operário passou a ser tratado como uma mercadoria, comprada pela oferta de mão de obra barata, como o jovem aprendiz que vende sua força de

¹⁶⁷ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

¹⁶⁸ *Ibid.*

trabalho por 120 horas por mês, para ganhar apenas 900 reais, ou até menos, por mês. Existem exceções, como empresas que pagam um pouco mais, mas não deixam de extrair mais-valia da classe operária juvenil. O jovem proletário acaba ganhando 7 reais e 50 centavos por hora, o que resulta em 45 reais por dia e 225 reais por semana.

Desesperados para extrair mais-valia da juventude proletária, os capitalistas já iniciaram, no começo de 2025, a contratação de jovens aprendizes, como anunciado na capa do jornal de hoje: “Mutirão busca ampliar número de jovens aprendizes em Rio Preto”¹⁶⁹. Eis o desejo dos donos do poder econômico: contratar jovens a partir de 14 anos para qualificar e alocar nas várias instituições de trabalho pública ou privada, por exemplo, jovens aprendizes alocados nos caixas de supermercados, trabalhando 6 horas sem interrupção e tendo 15 minutos de lanche, isso se o patrão permitir caso contrário trabalharia diretamente 6 horas. Os patrões donos do poder econômico preferem optar pela classe proletária juvenil, pois proporciona maior lucro, além de ter beneficências do Estado, por ter contratado jovem-aprendiz. Caso o jovem aprendiz não se adapte no trabalho, ao cumprir jornada de 130 horas por mês, o patrão dispensará, e outro tomará seu lugar na empresa.



Trabalho como jovem aprendiz da ARPRON na empresa Comple Mix Supermercado perto de Guapiaguá das 7:00 da manhã às 14:00 da tarde, trabalhando apenas de segunda à quinta-feira, sexta-feira sendo curso das 8:00 da manhã às 15:00 da tarde. Minha experiência trabalhando no recebimento de mercadorias com parceria com o XML (entrada de nota) é eu separo as notas de acordo com a filial (B e C) depois separo as notas por dia de cada filial e coloco em ordem alfabética e vou listando para ver se está faltando algo, se tiver faltando eu coloco de lado para preencher no outro dia. Se tiver tudo listado, eu separo as notas das NFs (notas fiscais de compras) e entrego para o fiscal para eles pagar as contas, às vezes faço as notas de devolução para entregar e refazer o cadastro do produto. No curso da ARPRON que estou fazendo desde do dia 8 do 9 de 2023 com 15 anos, estou no meio do contrato com 16 anos e termino o contrato dia 30 de set. com 17 anos, no curso eu tenho aulas com vários professores e diversas matérias diferentes, com alguns dias podendo ter atividades diferentes e fora da instituição, como palestras em faculdades e até teatros.

Figura 19 - Relato da Condição proletária.

Fonte: Anexo

¹⁶⁹ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

Esse jovem citado anteriormente na **Figura-19** desenvolve um trabalho de natureza burocrática na empresa 'Mix Supermercado', que foi fundada na década de 70, com matriz na cidade de São Paulo e possui aproximadamente 300 trabalhadores, que a empresa define como 'colaboradores', mas na verdade são proletários. Esse jovem estudante tem 15 anos e está inserido na empresa mediadora de trabalho Arprom (Associação Riopretense do Menor), que, como já foi revelado, na época da Ditadura Militar promovia maus-tratos aos jovens aprendizes. Através da exploração do jovem proletário, a instituição construiu riqueza, contando com o apoio financeiro do governo e dos empresários.

A jornada de trabalho é de 7 horas, das 7h às 14h, ou seja, sete horas ininterruptas de trabalho, com apenas 15 minutos para um lanche, caso o patrão conceda ao jovem proletário. O trabalho do jovem aprendiz é receber mercadorias, como relata o texto da imagem na **Figura-19**, e sua função é separar notas de cada filial da empresa, além de fazer notas de devoluções. Em resumo, o jovem desempenha um trabalho burocrático, como é descrito no site da empresa Mix Supermercado, sobre essa função de trabalho na empresa¹⁷⁰:

O estagiário da sala de notas terá oportunidade de desenvolvimento e aprendizado no setor administrativo e fiscal. Neste cargo, o estagiário irá auxiliar na organização e manutenção dos documentos fiscais, acompanhar a emissão e conferência de notas fiscais e auxiliar nas tarefas administrativas relacionadas ao controle e arquivo de documentos. Entre suas responsabilidades, também estão o suporte no registro e atualização de informações no sistema, o auxílio na preparação de relatórios básicos e a conferência de dados essenciais para o setor fiscal. Além disso, participará da organização e limpeza do local de trabalho, garantindo o correto armazenamento e fácil acesso aos documentos essenciais. Essa posição é ideal para quem deseja iniciar a carreira em um ambiente administrativo com foco na área fiscal, adquirindo experiência prática na rotina de um setor fundamental para a empresa.

A partir da referência anterior, percebe-se que as exigências da empresa Mix Supermercado em relação ao jovem aprendiz inserido no setor administrativo e fiscal são

¹⁷⁰ *Ibid.*

bastante rigorosas, com toda uma logística de controle das mercadorias que entram e saem do supermercado, como está descrito: “O estagiário irá auxiliar na organização e manutenção dos documentos fiscais, acompanhar a emissão e conferência de notas fiscais (...)”¹⁷¹.

Pela descrição do trabalho exigido do jovem proletário no Mix Supermercado, é possível perceber a demanda de atenção que o aluno proletário precisa para exercer sua função na empresa. O relato do jovem aprendiz revela o quanto ele é explorado, pois nem ajudante possui em sua jornada de trabalho.

3.4 Atividade sobre o vídeo assistido



Figura 20 -Condição proletária.

Fonte: Anexo

¹⁷¹ MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo. Nova Cultural, 1985.

Didaticamente, ao promover aprendizagens significativas com o corpo discente por meio de ‘vídeos’ direcionados à categoria do trabalho, foi possível, principalmente, despertar a consciência crítica da juventude proletária estudantil, ao perceber que tudo ao seu redor é resultado do trabalho. O trabalho é uma objetivação concreta da força de trabalho da classe operária, presente em tudo que existe na sociedade capitalista, e não uma abstração metafísica distante da realidade concreta. No processo de aprendizagem, como no vídeo “El empleo”¹⁷², a juventude proletária pode despertar o desejo de entender melhor o mundo capitalista, que, à primeira vista, revela a juventude como algo de ‘estranhamento’ no mundo do trabalho.

Os alunos do ensino médio, do 1º ao 3º ano, tiveram a oportunidade de assistir ao filme argentino “*El empleo*”, com o objetivo de despertar a reflexão sobre a categoria do “trabalho” em seus próprios espaços de trabalho, nos quais estão imersos. Foram recolhidas várias atividades dos alunos sobre o filme, que serão reveladas a partir das interpretações feitas em sala de aula. “*El empleo*” é um filme de animação em curta-metragem produzido no estúdio de animação por Santiago Bou Grasso e escrito por Patricio Gabriel Plaza. Na imagem anterior de “*El empleo*”, percebe-se a objetivação do trabalho produzido pela condição proletária, desvelando a verdade ontológica da categoria do trabalho no filme *El empleo*.

¹⁷² EL EMPLEO. Direção: Santiago Sou Brasso. Buenos Aires: OpusBou, 2008. Curta-metragem, animação (7 min), sonoro, color.

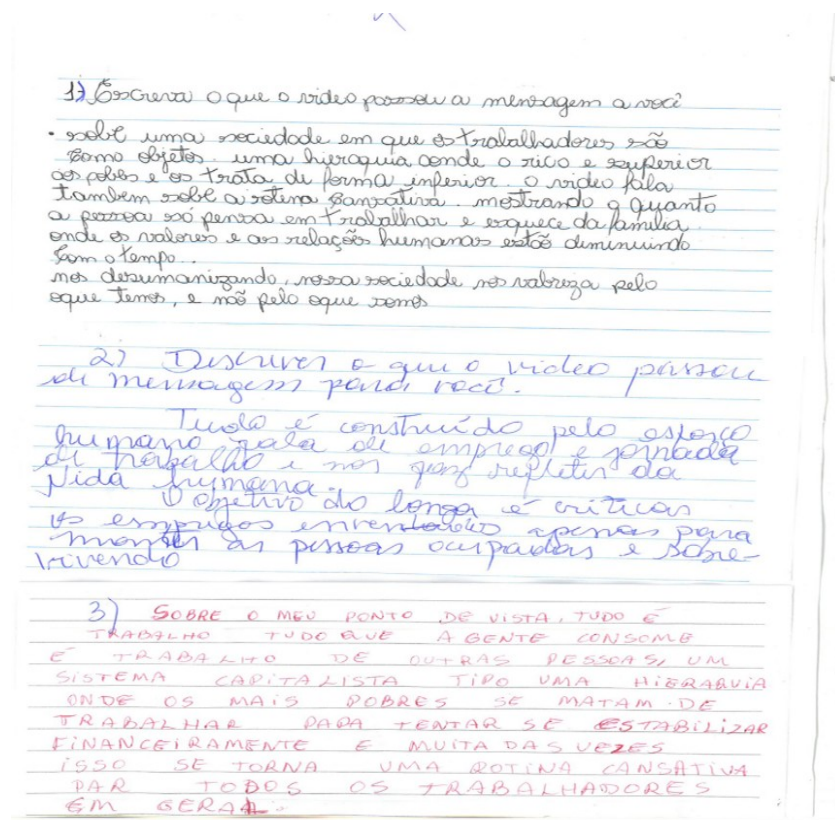


Figura 21- Relato da Condição proletária.

Fonte: Anexo

Na **Figura-21**, o jovem afirma que tudo é trabalho no sistema capitalista, e os proletários trabalham exaustivamente, para manterem-se vivos na sociedade. Ele relata que seu trabalho se resume numa rotina cansativa, para todos os trabalhadores. No item 2, na 3, da **Figura-21** o jovem afirma que o vídeo revelou uma imagem, em que tudo é construído pelo esforço humano, incluindo o emprego e a jornada de trabalho, e que essas condições fazem refletir sobre a vida. No item 1 da **Figura 21**, o jovem menciona que os trabalhadores são tratados, como objetos numa relação hierárquica entre a burguesia e o proletariado.

É relevante o relato do jovem na medida, em que afirma que os trabalhadores são tratados de forma inferior pelos donos do capital e, ao final, conclui que as relações humanas estão diminuindo ao longo do tempo, ou seja, que a sociedade capitalista está desumanizando

o ser humano. Os relatos demonstram que os alunos compreenderam o processo de aprendizagem dialógica desenvolvido nas atividades, tanto nas aulas diurnas quanto nas noturnas.

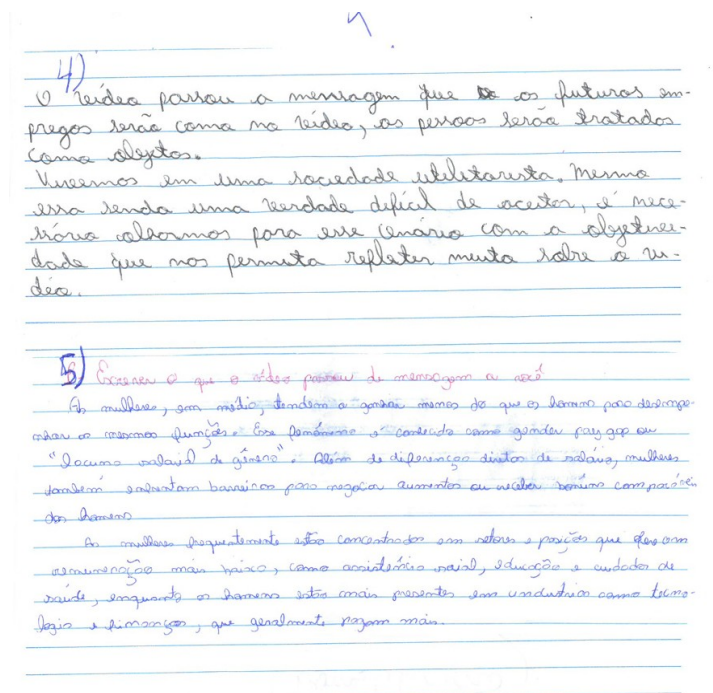


Figura 22- Relato da Condição proletária.

Fonte: Anexo.

Nessa atividade da **Figura-22** sobre o vídeo “El empleo”, o objetivo foi despertar nos alunos o entendimento da categoria do ‘trabalho’ nos discentes do terceiro ano do ensino médio. Foi possível perceber como os alunos apreciam atividades com filmes, principalmente para entender sua condição proletária, em relação ao salário e à jornada de trabalho. As imagens permitem percepções que despertam o pensar do aluno e possibilita o diálogo, que tem sua importância salientada por Freire¹⁷³:

¹⁷³ IBID.

Expressar-se, expressar o mundo implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária, poderíamos dizer que as palavras, mais que instrumentos, são origem de comunicação, a palavra é essencialmente dialogada. A palavra abre a consciência para o mundo comum das consciências, em diálogo, portanto.

Nesse processo de aprendizagem, a partir da leitura da **Figura-22** do início desta seção o processo cognitivo pode, dentre outras possibilidades, interpretar a imagem do filme *El empleo* ou seguir o caminho das palavras, o que permite abrir um diálogo entre os alunos. Esse diálogo possibilita novas descobertas a partir do "saber-fazer", num processo de aprendizagem que não é conteudista, pragmático ou utilitarista, mas que questiona as verdades impostas na vida do jovem proletário. O desafio dessa sequência didática é libertar o jovem da estrutura de alienação em que se encontram na sociedade capitalista, e, conseqüentemente, compreender que o filme '*El Empleo*' identifica-se com a verdade da condição proletária da juventude operária. Assim, na **Figura-22** retrata o saber do filme '*El Empleo*', que possibilitou dialogar e revelar, de forma artística, a condição proletária objetivada no trabalho das variadas formas de serviços.

Naquela noite, não esperava que, durante a aula, os alunos que trabalham numa fábrica de mesas e cadeiras dariam um testemunho concreto de sua objetivação na categoria do trabalho. No primeiro diálogo com os alunos, percebi que eles ficaram confusos com as imagens do filme, mas, ao longo das aulas, foram compreendendo que aquela imagem representa sua condição de jovens proletários. Todos os dias, eles trabalham como ajudantes em fábricas, escritórios contábeis, supermercados (como caixas ou organizando verduras nas gôndolas), postos de gasolina, marcenarias (como auxiliares de marceneiros) e tantas outras funções que, de imediato, passam despercebidas pela sociedade. O trabalho da juventude operária, que vende sua força de trabalho diariamente para aumentar a riqueza dos capitalistas, enquanto esses jovens vivem com menos de um salário-mínimo.

A próxima imagem da **Figura-23** revela um momento singular do filme '*El Empleo*', em que o operário, ao fazer a barba diante do espelho, depara-se com sua própria imagem de

um homem envelhecido, e cansado de repetir a rotina de trabalho no cenário da vida cotidiana no mundo da fábrica. Mesmo diante de sua condição proletária de exploração, ele ainda encontra um momento, para cuidar de si; alguns em casa, outros nas barbearias das grandes periferias dos centros urbanos.

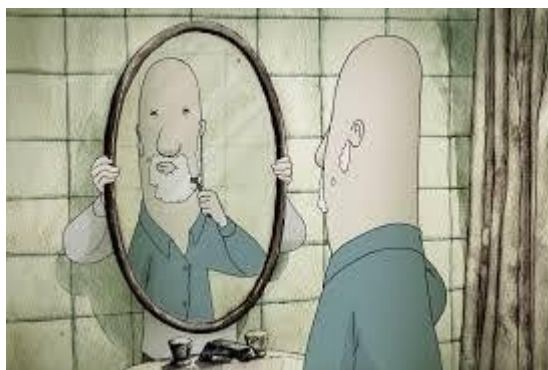


Figura 23 - Condição proletária

Fonte: Anexo.

Diante do processo de alienação na sociedade capitalista, o trabalhador pode se deparar com a imagem de si como na **Figura-23** e perceber o espelho como algo estranho, sem saber que foi ele quem vivenciou a ‘reificação’ de sua força de trabalho, para que o espelho pudesse existir. Sobre esse processo de objetificação, Marx¹⁷⁴ defende que:

A objetificação aparece tanto como uma perda do objeto que o trabalhador é despojado das coisas mais essenciais não só da vida, mas também do trabalho. O próprio trabalho transforma-se em um objeto que ele só pode adquirir com tremendo esforço e com interrupções imprevisíveis. A apropriação do objeto aparece como alienação a tal ponto que quanto mais objetos o trabalhador produz, menos pode possuir e tanto mais fica dominado pelo seu produto, o capital.

¹⁷⁴ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

Essa citação de Marx revela a verdade da objetificação enquanto a "perda do objeto", como exemplificado pelos jovens aprendizes, que trabalham em diversos setores. Um exemplo é o depoimento de uma jovem aprendiz do 3º ano do ensino médio, que relatou fazer produtos químicos para limpeza de pisos, os quais eram vendidos em toda a região. Outro exemplo é o de um jovem que trabalha em um supermercado, onde trabalha num processo totalmente burocrático, objetificando notas fiscais e outros documentos todos os dias. Esse jovem proletário acaba se alienando nesse processo de objetificação do trabalho, sem saber seu destino. Com a perda do objeto, seu trabalho na empresa se torna estranho para si. O filme "El empleo" oferece momentos fecundos de aprendizado, para os alunos do ensino secundário, como exemplificado pelas seguintes imagens:



Figura 24 – Objetificação proletária.

Fonte: Anexo.



FIGURA 25-Objetificação proletária.

Fonte: Anexo

É representado primeiramente na **Figura-24**, um tapete sobre o qual o trabalhador está deitado simbolizando a objetificação do trabalho no tapete. Entretanto, essas imagens revelam que o operário fez o tapete, mas não sabe que, em breve, passará por cima dele, e limpará os pés ou se deitará sobre ele, exemplificando a objetificação do trabalho. Na figura 25, quatro pessoas são carregadas por outras quatro, que simbolizam os automóveis; ou seja, os carros existem devido à objetificação do trabalho dos operários nas fábricas, em produção de série. Mesmo com toda a tecnologia disponível atualmente, no contexto das empresas capitalistas da fabricação de veículos, sem a classe operária, seria impossível a existência dos automóveis na sociedade.

Na **Figura-25**, um jovem estudante do 2º ano do ensino médio afirma que, no “futuro, os empregos serão como no filme”, sugerindo que a classe operária será tratada como objetos, ou melhor, como mercadorias. No entanto, não é no futuro que ocorrerá a transformação do ser humano em objetos ou peças na engrenagem da sociedade capitalista, mas na atualidade. É perceptível o avanço do aluno na compreensão da sociedade capitalista, especialmente ao citar o termo 'utilitarista', inspirado em Stuart Mill, que define o utilitarismo como o benefício para

o maior número possível de pessoas. Entretanto, para Marx, o utilitarismo de Mill é uma posição que vê os indivíduos como puramente isolados, agindo apenas em função dos interesses do desenvolvimento da sociedade burguesa. Ao dialogar com o aluno, percebi que o aluno despertou para o entendimento da categoria da “objetificação”, que se revela a todo momento, enquanto houver jovens proletários trabalhando incessantemente na sociedade capitalista.

3.5 Grupo focal

A escolha de utilizar o grupo focal como técnica de pesquisa qualitativa, ocorreu pelo fato do corpo discente vivenciar temáticas comuns, principalmente por estarem inseridos em instituições de trabalho, como o programa Jovem Aprendiz. Nesses contextos, enfrentam questões relacionadas à hierarquia no serviço, salário, jornada de trabalho, sonhos e escola, ou seja, a vivência de ser jovem. Em uma sociedade que não oferece muitos atrativos para promover a juventude proletária, exceto a escola, que se torna o único espaço especificamente onde a juventude proletária pode se emancipar culturalmente, e se tornar protagonista de suas ações, buscando afirmar a vida, mesmo em conflito com os aparelhos ideológicos. No entanto, o universo do ser jovem ultrapassa qualquer interpretação simplificada da juventude. Por isso, o ‘Grupo focal’ possibilita aquisição de mais saberes sobre a condição de jovem proletário imerso no mundo do trabalho. Em conformidade com isso, Gatti argumenta que: "A coleta dos dados deve permitir traçar caminhos de construção e valorização de ideias no grupo, logo depois do final de cada sessão ou do grupo, se não houver interrupções"¹⁷⁵, a partir de anotações de campo, gravações e transcrições cuidadosas.

O grupo focal permitiu um diálogo livre e, principalmente, a valorização das ideias que surgiram no momento da interação. Por exemplo, um dos temas que foi abordado com a juventude proletária foi salário, jornada de trabalho, e a relação do jovem proletário com o

¹⁷⁵ GATTI, Bernadete. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília-DF: **Série Pesquisa em Educação**, v. 10, 2005.

salário que recebe todo mês. Muitos alunos proletários contribuem para o orçamento familiar, como, por exemplo, um filho paga o aluguel, o irmão paga energia da casa, e assim por diante. No entanto, o jovem não é apenas alguém que paga contas e trabalha, também tem sonhos e atividades que aprecia, como a amizade que cultiva e desejo de viver seu momento de juventude.

O desenvolvimento do ‘Grupo focal’ nesta atividade da juventude proletária estudantil seguiu uma lógica de abertura, na medida em que deve ser um momento acolhedor, como revela Gatti: "A abertura do grupo é um momento para criar condições favoráveis à participação de todos os componentes, como condições de conforto, e para explicar como será a sessão e a duração, além de registrar as falas"¹⁷⁶. O interessante do grupo focal é que os alunos já possuem laços de amizade, o que favorece o diálogo e o acolhimento dentro do grupo. O objetivo do grupo focal não é apenas obter informações de forma pragmática, mas também criar laços de amizade, acolhimento e solidariedade entre os participantes.

O registro do encontro, ocorreu por gravação, utilizando o celular com boa capacidade de gravação. Quanto à pauta do encontro, Gatti considera que: "O foco no assunto em pauta deve ser mantido, porém criando-se um clima aberto às discussões, o mais possível e livre de ameaças"¹⁷⁷. O foco, como já mencionado, deve ser livre para que a juventude operária possa dialogar de maneira tranquila e respeitosa, compartilhando suas ideias no grupo.

O principal objetivo dessas reuniões do grupo focal é registrar as falas dos jovens que vivenciam no ambiente de trabalho, além de dialogar sobre temas do cotidiano no trabalho, sonhos de profissões e questões relacionadas ao momento de ser jovem proletário no Brasil. Quanto às pessoas que serão convidadas, Gatti afirma o seguinte: "O objetivo do estudo é o primeiro referencial para decisão de quais pessoas serão convidadas a participar, pois é preciso considerar o que se sabe sobre o conjunto visado"¹⁷⁸. Nesse recorte, é importante destacar que a prioridade será dada àqueles que desejam participar do grupo focal, e não

¹⁷⁶ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

¹⁷⁷ BASBAUM, Leôncio. **Sociologia do Materialismo**. São Paulo: Edições Símbolo, 1978.

¹⁷⁸ Legislação. Câmara dos Deputados. Disponível: [Portal da Câmara dos Deputados](#): Acesso em 10/01/25

àqueles que buscam apenas passar o tempo ou causar distrações, sem colaborar para atingir as metas definidas pela metodologia do grupo.

O desenvolvimento do grupo focal ocorreu em novembro de 2024, quando as primeiras reuniões foram preparadas e realizadas na escola pública estadual “Waldemiro Naffah”, localizada na periferia da cidade, onde a maioria da juventude ingressou cedo no mundo do trabalho, na tentativa de alcançar a emancipação financeira.

3.6 Resultado da atividade do grupo focal

A maioria da juventude estudantil da escola ‘Waldemiro Naffah’ vive numa periferia de 200 mil habitantes, na cidade de São José do Rio Preto. Foram convidados vários jovens, em torno de oito, mas compareceram ao encontro do Grupo Focal apenas quatro estudantes: uma mulher e três homens, todos inseridos no mundo do trabalho. A aluna Tainara, por exemplo, é estagiária numa empresa de ônibus. O jovem Luís trabalha numa grande empresa da cidade, vendendo peças para carros. Outro participante, Adolfo, é estagiário numa empresa de fabricação de peças e sempre relata a dificuldade de permanecer no emprego devido ao sofrimento imposto pelo patrão. Por fim, o jovem Cleiton trabalha num restaurante, desempenhando funções como carregar panelas, ajudar na cozinha e atender aos clientes.

A reunião do Grupo Focal ocorreu numa sexta-feira à noite, começando às 19 horas e terminando às 20 horas. O moderador foi o professor Marquinho, que conduziu o diálogo. Eu, como professor dos alunos, atuei como observador, já que meu colega professor não pôde participar da reunião, embora também fosse para ser um observador. A dinâmica do Grupo Focal baseou-se na exposição das ‘falas dos jovens’, o que permitiu anotações sobre sua condição proletária, na busca de compreender sua existência no mundo do trabalho.

A jovem Tainara iniciou sua fala no grupo. Ela trabalha numa empresa de transporte privado chamada Itamaraty, na cidade, e logo afirmou: “O jovem aprendiz faz tudo no trabalho”. Essa afirmação refere-se ao fato de que, embora o jovem seja contratado para

desempenhar uma função específica, acaba realizando diversas tarefas extras. Tainara, por exemplo, é estagiária na empresa, mas também precisa desempenhar funções como ir ao banco (atuando como office-girl), limpar o chão, entre outras atividades, o que descaracteriza o contrato de trabalho original. O jovem **Adolfo**, por sua vez, relatou que foi contratado para trabalhar seis horas com carteira assinada, mas desempenha funções que exigem esforço equivalente ao de um adulto. O contrato de estágio tem duração de dois anos.

Durante o Grupo Focal, foi criada uma dinâmica para que os jovens proletários refletissem sobre o que há de comum e de diferente entre o trabalho do adulto e o do jovem aprendiz. O moderador propôs a seguinte atividade: “Jovens, imaginem que, do outro lado da sala de aula, há um pintor lixando a parede para pintar. Agora, imaginem um jovem aprendiz lixando e pintando a mesma parede, mas do lado oposto da sala. O que esses dois trabalhadores têm em comum?”

Os jovens ficaram em silêncio até que um deles respondeu: “O trabalho, professor”. O moderador confirmou: “Está correto, mas agora pensem no trabalhador, do outro lado da parede, que acabou de pintar, fez a limpeza e vai receber seu salário”.

Em seguida, o moderador continuou: “Imaginem que o jovem aprendiz terminou o serviço no mesmo horário que o senhor pintor. Ambos realizaram o mesmo trabalho, mas faço a pergunta: vocês acham que receberão o mesmo salário, que pintor adulto receberá?”

Os alunos refletiram e responderam: “Não, professor, não receberemos o mesmo salário”. Um deles complementou: “O senhor da outra sala é adulto e autônomo, professor”. O moderador insistiu: “Mas o trabalho realizado não foi o mesmo?” Então, um jovem aprendiz afirmou: “Professor, o jovem aprendiz é explorado”.

No diálogo entre os estudantes, Adolfo relatou: “Ganho apenas 600 reais por mês, e meu contrato como estagiário é de dois anos”. Ele criticou o fato de realizar o mesmo trabalho que um adulto. Tainara também comentou: “As empresas exploram o jovem aprendiz. O

manual do estagiário diz que podemos carregar pesos de 20 a 30 kg, mas isso não é verdade. Já cheguei a carregar até 45 kg”.

O jovem Cleiton, que participou atentamente do Grupo Focal, trabalha numa grande empresa de peças para carros e afirmou: “Trabalho oito horas direto e preciso carregar peças pesadas, como vidros e para-choques. Além disso, tenho metas a cumprir na empresa”. Ele explicou que a empresa vende tanto que possui até um restaurante para os funcionários, evitando que precisem se deslocar para casa. Todos têm metas de vendas para alcançar e receber gratificações, mas a jornada diária exige oito a nove horas de trabalho, para manter o Capital vivo em todos os períodos.

“As empresas querem nos explorar, professor”, disse Tainara. E sobre a exploração da juventude proletária, Marx: “O trabalho, sob a forma de atividade produtiva adequada a um fim, seja qual for, fiar, tecer ou forjar, com seu simples contacto traz à vida os meios de produção, torna-os fatores do processo de trabalho e combina-se com eles para formar produtos”¹⁷⁹.

Enfim, os resultados do Grupo Focal foram importantes, pois os jovens puderam compartilhar entre si temas comuns no mundo do trabalho, como jornadas de trabalho, relações hierárquicas e problemas no ambiente de trabalho, especialmente em relação ao jovem aprendiz. O Grupo Focal complementou as atividades da sequência didática, assim como os contos sociológicos, que os alunos leram e interpretaram, descrevendo sua compreensão sobre a condição proletária. Por fim, assistiram ao vídeo e refletiram sobre ele, assim como o Grupo Focal permitiu que o proletário juvenil dialogasse sobre sua condição proletária para ressignificar a vida e lutar contra a opressão, que lhe é imposta, por meio do movimento estudantil.

¹⁷⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970. pp. 57-76.

3.7 Contos sociológicos (material didático)

Esses contos, que foram desenvolvidos nesta dissertação, são de minha autoria e surgiram da necessidade de os alunos compreenderem as categorias contidas nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de Marx de forma mais lúdica e dialógica, no processo de ensino-aprendizagem voltado à juventude proletária. Essa juventude, que trabalha e estuda nos períodos diurno e noturno, já está inserida no mundo do trabalho por meio de instituições mediadoras de emprego para jovens proletários, realidade presente em quase todas as cidades do Brasil.

3.7.1 Título: Salário

O sinal da fábrica acabou de tocar. Eram 7 horas da manhã. O tempo estava nublado, com possibilidade de chuva; era inverno.

– Como foi seu fim de semana, Rose? – disse Pedro.

– Fiquei em casa, assistindo à TV, mas à noite fui à praça do Eldorado, na quermesse. Minhas amigas viajaram.

– E você, Pedro, o que anda fazendo da vida?

– Quero juntar dinheiro para fazer um curso nos finais de semana. Quero realizar um sonho que desejo há muito tempo.

– Que sonho é esse, Pedro? A nossa vida se resume em trabalhar para ajudar a mãe a pagar as contas. Você viu o quanto as coisas estão caras no mercado do Davi? A gente mal pode ir ao centro da cidade passear e você vem falar em “sonhos”. Afinal, que sonho você deseja? – disse Rose.

– Eu sonho em ser militar e fazer o Exército, pois desejo vestir aquela farda bonita, ser respeitado. E o que você acha, Rose?

– Tu ficaste maluco?! Você não vê o quanto os policiais correm risco de morte? Eles são maus e bravos. Parece que você esqueceu que nosso amigo João levou uma surra da polícia por ter feito tatuagens.

O sinal tocou novamente na fábrica, e Roberto caminhou em silêncio rumo à máquina de cortar madeira, que sugava sua energia durante o dia. Ao final da jornada de trabalho, sempre estava muito cansado.

Rose esperava o ônibus para chegar em sua casa ao final do dia. De repente, o ônibus apareceu, vindo em alta velocidade, e bruscamente parou no ponto. Quando Rose entrou no ônibus, disse:

– Amiga, não esquece de trazer o que te pedi, não vai esquecer, hein! Pedro assentou-se ao lado de um outro operário, um senhor de idade que não parava de falar sobre a igreja. De repente, começou a tossir sem parar e disse:

– Acho que aquela sessão de pintura que estou trabalhando não está fazendo bem para mim. Deve ser o cheiro de tinta. Logo, começou a tossir de novo.

No dia seguinte, o ônibus vinha lotado de operários e operárias. De repente, como de rotina, parou inesperadamente, e o motorista disse:

– Desçam, é hora de trabalhar. E assim começaram a descer: primeiro João, depois Silva, Rose, Maria, Pedro, Nelson, Carla, Edmilson, Cleber, Rute. Logo em seguida, outro ônibus parou atrás, e outros operários desceram, alguns dizendo: “Vocês viram que o Corinthians venceu a partida? Cadê os palmeirenses?” e desciam alegremente pela vitória do seu time. Os operários continuavam descendo, e o operário Ailton, torneiro mecânico, bateu no ombro de seu primo Luizinho e disse, feliz:

– Hoje é dia de pagamento!

– Ainda bem que não peguei vale no dia 20 do mês passado. O sinal da fábrica tocou, e todos os operários caminharam para seus postos de trabalho. Ailton ligou em torno e começou a trabalhar. Pedro foi convocado para a sessão de pintura, quando Maria disse:

– Pedro, não deixe de tomar um copo de leite. Essa sessão costuma dar tosse depois de alguns dias.

– Eu vou receber hoje e vou comprar o curso preparatório para ser militar – respondeu Pedro.

– Para com isso, Pedro! Polícia morre. Vai estudar, que é melhor para você!

De repente, o alto som da sirene tocou, era hora de almoçar. Pedro foi almoçar no refeitório com os amigos. Havia chegado à fábrica um novato, cujo nome era Nasir, um negro alto, que tinha umas ideias esquisitas, como Rose disse:

– Você viu, Pedro, o novo operário? Ele tem uma fala estranha.

– Ele falou que é comunista e deseja falar com a gente! O sinal tocou para todos voltarem ao trabalho.

Um funcionário saiu de um caixão, e Nasir, assustado por ser novato, disse aos amigos:

– Que é isso, dormir dentro do caixão?!

– Fica tranquilo, Nasir. Você esqueceu que aqui é uma fábrica de caixões? Na hora do almoço, os operários costumam descansar dentro do caixão, colocando um colchão pequeno dentro e dormindo. Nasir deu risada, assim como os outros operários.

– Nossa! Isso é loucura, mas cada um com sua doideira. Mas, de repente, gritou o chefe da seção:

– Cada trabalhador na sua seção de trabalho. Hoje, iremos parar às 16 horas para efetuar o pagamento para vocês. Nelson era um grande profissional de marcenaria e tinha três filhos pequenos para criar e, portanto, sempre andava preocupado, com medo de ser mandado embora do trabalho. Era 16 horas, e uma chuva fina começou a cair no grande galpão da fábrica. Jorge, o pintor, olhava para o relógio na parede, quando o sinal da fábrica tocou, pontualmente, às 16 horas. Em fileira, os trabalhadores se deslocaram em direção à porta do escritório da contabilidade, quando a funcionária anunciou o nome no microfone da fábrica:

– João, Ailton, Pedro, Carlinho, favor dirigir-se ao escritório para receber o salário. A operária Irene começou a escrever na sua caderneta as despesas que teria que pagar, já que o marido estava desempregado.

– Pedro assinou a folha de pagamento, contou o dinheiro e disse:

– Obrigado e boa noite!

O sol no horizonte já estava se despedindo da fábrica, e a noite logo chegaria, quando o jovem operário Nasir, recém-chegado na fábrica, disse:

– Hoje é por minha conta, vamos tomar umas cervejas no bar do Luís, Pedro, Rose e Nelson.

– Claro que vamos – disse Pedro. Nesse dia, o bar do Luís sempre ficava lotado de operários, pois, além do pagamento do salário, eles recebiam uma cesta básica. O operário comunista disse:

– Rose e Pedro, vamos pedir cervejas e uma porção de palmito. A televisão do bar estava passando o noticiário, quando Nelson virou o copo de conhaque de uma vez e disse:

– Deixa-me ir embora, tenho que cuidar de minhas filhas. Ao pegar na garrafa de cerveja, Nasir disse:

– Vocês sabem por que recebem salário? Nesse mês, fizemos 900 caixões. Imaginem o quanto o patrão faturou com esses caixões. Vocês viram que o Carlão foi pedir aumento de salário junto com alguns amigos, e o patrão, em poucas palavras, disse:

– Se não estão satisfeitos com o salário, sem problema, vocês podem buscar um melhor salário, pois amanhã outros irão substituir vocês. Rose tinha acabado de acender o cigarro e disse:

– Por que esse patrão é bravo e faz indiferença?!

– Porque ele quer sempre vitória sobre nós¹⁸⁰. Ele pode viver sem nós, mas nós não podemos viver sem o patrão.

– Como assim? – disse Pedro.

– O dono da fábrica, que é o capitalista, ao ter meios de produção (máquinas, dinheiro e outras coisas), pode viver sem nós, mas o contrário não é verdadeiro. E se não existir a fábrica, onde iremos trabalhar? Nesse desemprego que vive o Brasil? Desde jovem, venho descobrindo como funciona a sociedade, que existimos como trabalhadores. Quando Pedro disse:

– Nasir, você que é do sindicato, o que precisa para mudar essa situação?

– Sim, irei responder, mas antes vamos brindar à nossa amizade! E Nasir continuou a falar:

– Tô feliz de estar com os companheiros, pois essa noite vai ser curta para conversar! E Nasir continuou a falar aos amigos:

– Pedro, eu sou comunista, sou do sindicato do ramo moveleiro e, um dia, comecei a ler os escritos de Karl Marx. Tudo foi se tornando claro para mim sobre como funciona não

¹⁸⁰ Brasil. [Estatuto da Juventude (2013)]. **Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas**. – Brasília: senado Federal, coordenação de Edições técnicas, 2013.

somente a fábrica, mas toda a sociedade. Nesse mês, estou lendo “O Manuscrito Econômico-Filosófico” de Marx, e está sendo maravilhoso as descobertas que estou tendo sobre o mundo da fábrica, principalmente sobre o salário que hoje recebemos da empresa. Olha só o que Marx afirma sobre o salário do trabalhador: “Portanto, somente para o trabalhador a separação do capital, da propriedade da terra e do trabalho é uma separação perniciosa”.

– Puxa vida, Nasir! Essas ideias parecem ser verdadeiras. Me explica mais, onde você leu isso? – disse Pedro.

– Pedro, eu fiz a leitura do “Manuscrito Econômico-Filosófico”, mas, em outro momento, te explicarei melhor.

– Marx dizia: “Para o trabalhador, a separação do capital, da renda da terra e do trabalho é mortal”.

– Que “separação” é essa, Nasir? Explica para nós! Um tempo de chuva se aproximava do Buteco, com nuvens escuras e um vento sereno pairava sobre o bar.

– Rose e Pedro, eu também sou operário. Tomem cervejas, meus amigos! – disse Nasir. Nelson estava em seu canto, pouco falava com seus olhos fixos, prestando atenção na conversa. Suas mãos envelhecidas descansavam sobre a mesa do bar.

Rose já tinha bebido três cervejas quando, olhando para Nasir, disse:

– Toda separação é dolorosa e difícil, pois sei o que é isso, quando meu marido foi embora de casa.

– Espera um pouco, Rose, não é bem assim. Eu estou dizendo que nós trabalhamos para construir a riqueza do patrão. Entretanto, estamos separados dessa riqueza em todos os sentidos. E, portanto, o patrão não faz nada por nós, a não ser pagar o salário, que nos mantém vivos.

– Por que estamos separados da terra? – disse Nelson.

– Pedro, você tem fazendas ou propriedade de terra que gera dinheiro, como os donos das grandes extensões de terra do agronegócio, que geram muito dinheiro no Brasil?

– Não tenho, não! A não ser o pequeno quintal de minha casa, onde planto algumas verduras – disse Pedro.

– Portanto, Pedro, você está separado da riqueza que é gerada pela terra das grandes e médias propriedades no Brasil.

– Sensacional sua explicação, Nasir-disse Pedro.

– E por que estamos separados do trabalho? – disse Rose.

– Primeiramente, você está separada do capital ou riqueza do dono da empresa, e o trabalho que você produz todos os dias passa a ser “algo estranho” para você, porque, ao trabalhar, sua “força de trabalho” se transforma em mercadoria feita por você, como os caixões. Ou seja, estamos alienados, diante de nossa própria produção de trabalho – disse Nasir.

– Ei pessoal, alguém quer carona para a Zona Norte?

– Vamos continuar tomando uma gelada, obrigado! – disse Pedro.

– Entendi, Nasir. Você é um gênio, deveria ser político. Sua explicação me fez entender que a gente acaba se tornando uma mercadoria, entre tantas mercadorias no mundo do trabalho, que se compram, como o patrão que hoje paga nosso salário.

– Sim, verdade – disse Nasir, quando a senhora do bar disse:

– Vou fechar o boteco, já são quase 11 horas da noite.

Aos poucos, os operários da fábrica se despediram dos amigos e seguiram para o lar, onde os filhos esperavam, precisando descansar para outro dia voltar para o destino de todos que ali estavam: o mundo do trabalho.

3.7.2 Título: Trabalho

Era 7 horas da manhã, e a sirene da fábrica tocou para os operários. Aos poucos, apareciam na fábrica operários de bicicleta, outros de moto, carro, e aqueles que vinham de ônibus ou a pé, por morar perto da fábrica. O grande portão da fábrica acabara de abrir para mais um dia de trabalho na sexta-feira, quando Rose, a primeira a chegar ao trabalho, disse:

– O Nelson não veio hoje, talvez esteja doente.

Rose foi para a bancada de serviço, cuja missão era trabalhar numa máquina de parafusar as alças dos caixões de defuntos. A missão de Pedro era ficar o dia todo numa máquina, cortando madeira para fabricar os caixões. O chefe da seção andava pela fábrica com o objetivo de vigiar o trabalho dos operários.

– Vocês viram que o desempenho da fábrica não para de crescer na produção? Eu ouvi o patrão dizer que vai construir novos prédios para aumentar a produção, devido aos pedidos que chegam de todo o Brasil. Estão surgindo novas fábricas de caixões, e vem aí a concorrência.

Nesse dia, o jovem Nasir foi enviado para trabalhar na sessão de pintura. Estava muito calor, e para refrescar, só havia ventiladores, e nada mais. Era 15 horas, e o sinal tocou para o café. Quando Nasir chegou na roda dos amigos, disse:

– Vocês tinham razão, é horrível trabalhar na sessão de pintura. Fora o cheiro da tinta, o calor é insuportável.

– Então, Nasir, o patrão vai mudar tudo na fábrica e triplicar o tamanho da indústria, pois está tendo muito lucro, e surgiu o lance da concorrência de outras empresas. Lá fora, outras empresas estão querendo pagar salários melhores do que nós ganhamos aqui na fábrica. Na verdade, vivemos um momento bom para nós, trabalhadores, disse Pedro.

– Não, Pedro, não existe momento bom para o operário no capitalismo, a não ser quando houver uma revolução, e as grandes propriedades privadas que promovem riquezas

para poucas pessoas possam estar nas mãos da classe operária, disse Nasir, ao colocar café na xícara sobre a bancada.

Rute, a costureira da fábrica, disse:

– O que vai acontecer com a gente, Nasir, com a expansão das fábricas?

– Rute, ainda há tempo para te explicar. Inclusive, Marx já previa essa situação de procura louca dos empresários na busca da mão de obra da classe operária, a ponto de aumentar o salário. Se estão elevando o salário, é porque seu capital (riquezas) está progredindo. Como disse Marx: “Aqui começa a concorrência entre os capitalistas. A procura por trabalhadores excede sua oferta: mas, primeiro, a elevação do salário impele ao sobretrabalho (Überarbeitung) entre os trabalhadores. Quanto mais eles querem ganhar, mais têm de sacrificar seu tempo, e executar trabalho de escravo, desfazendo-se de toda liberdade a serviço da avareza”.

– Saiba que estou gostando de suas explicações, Nasir, pois é muito próxima do que vivemos no cotidiano de nossas vidas. Obrigada, disse Rute.

Nelson havia entrado no escritório da fábrica. Tinha sido despedido da fábrica devido às suas faltas no trabalho. Nelson pegou o acerto feito e foi embora sem poder se despedir dos amigos, pois era hora de trabalho. Logo pegou sua bicicleta e desapareceu na rua da fábrica. Rute trabalhava junto a Romilda e disse:

– Como o Nelson vai agora sustentar suas filhas, Romilda?

– Romilda, é difícil, e você sabe como é o pai da esposa do Nelson, se ele não conseguir arrumar um outro emprego.

Naquela tarde ensolarada, quando o Sol se punha, veio o barulho do sinal da fábrica. Era fim de semana e descanso para os trabalhadores. Alguns trabalhadores ficaram para fazer horas extras e ganhar um pouco mais de salário. No bar, estavam Nasir, Rute, Pedro, Romilda, Carlinho, e o bar estava lotado, pois havia música ambiente tocando. Rute pediu ao garçom

uma cerveja, e Romilda uma caipirinha, enquanto Nasir pediu uma cerveja para ficar à vontade e todos beberem, já que era fim de semana. O operário que havia sido despedido estava presente num canto, pensativo. Nelson não era muito de ficar conversando e procurava falar pouco. Despedido do emprego, estava pensativo.

– Meu amigo Nasir, você que tem estudo, o que é divisão do trabalho que tanto o sindicato vem falando? – disse Romilda.

– Sim, vou explicar, companheira Romilda, mas antes vamos tomar um gole de cerveja. Rute ficava prestando atenção nas falas de Nasir, quando ele disse:

– Quando surgiu a sociedade em que existimos, havia apenas a manufatura (trabalho com as mãos), pois a produção era pré-capitalista. O trabalhador era explorado, mas não era despojado do seu saber. Mas vamos deixar Marx responder. O militante Nasir abriu um livro de Marx, o *Manuscrito Econômico-Filosófico*, e leu: “Enquanto a divisão do trabalho eleva a força produtiva do trabalho, a riqueza e o aprimoramento da sociedade, ela empobrece o trabalhador até a condição de máquina”.

– O que seria essa alienação? – disse Romilda.

– A máquina nos aliena, Romilda. É só você perceber o quanto trabalhamos numa sessão de trabalho. Ali, ficamos fazendo o mesmo trabalho o dia todo. O trabalho sempre se repete, fora o barulho das máquinas o tempo todo, e o nosso serviço acaba virando algo automatizado, como se fôssemos robôs da fábrica de caixões.

O Buteco do Luís tinha um espaço para dançar. Enquanto as músicas tocavam, as pessoas se deslocavam para dançar no boteco, no dia do pagamento. Rute, ao tomar cerveja, disse:

– Estou amando as explicações do Nasir.

– E por quê? – disse Nasir.

– Suas ideias tocam a nossa realidade de trabalho e são reais, e não abstratas.

– Obrigado, quero apenas compartilhar o que penso ser verdadeiro para nossas vidas. Eu gosto daquela citação de Marx sobre trabalho: “O trabalho é a vida, e se a vida não se permutar todos os dias por alimentos, sofre e, em seguida, perece. Para que a vida do homem seja uma mercadoria, é preciso admitir a escravidão”.

– Profunda reflexão, Nasir. Eu até abandonei esse desejo de ser militar, graças às suas explicações, disse Pedro.

– Pede mais três cervejas, disse Rute, que paquerava um jovem operário em outra mesa.

– É para já! – disse o garçom.

De repente, começou a tocar uma música lenta, e naquele momento, Nasir teve a coragem de fazer um convite inesquecível:

– Rute, você aceita o convite de dançar essa música comigo?

Naquele momento, Rute não esperava, e seu rosto avermelhou, mas, corajosa, foi para a pista de dança improvisada no Buteco do Luís. A música começou a tocar, e os dois, juntinhos, dançavam naquela noite de inverno.

3.7.3 Título: Capital

Era 7 horas de novo. O sinal tocou para os operários entrarem na fábrica. Romilda estava feliz e deu um sorriso para Rute ao dizer:

– Sua noite deve ter sido maravilhosa!

As duas deram uma risada discreta, e Rute disse:

– Depois, a gente se fala. Bom trabalho.

Era início de mês, e já destacava um banner enorme dizendo: “Esse mês a meta é fabricar 10 mil caixões”.

Na fábrica, havia 200 trabalhadores, espalhados por vários setores, como mecânica, marcenaria, pintura, montagem, além do escritório da contabilidade, como os vendedores, os motoristas, a cozinha, a faxineira e outros departamentos financeiros e de marketing. Era 9 horas da manhã, quando houve um alto grito de um trabalhador. Era o Luís, que acabara de ser acidentado na máquina de marcenaria; sua mão jorrava sangue, e ele gritava de dor, quando o funcionário abriu a porta do carro e foram para o hospital. Os trabalhadores estavam assustados, e alguns diziam:

– O Luís não sabia que deveria ter muita atenção ao mexer com máquinas perigosas, e agora talvez tenha que fazer uma cirurgia para implante no dedo acidentado, quando Nazir, assustado, disse:

– Vocês percebem que tudo gira para aumentar o capital, e o nosso amigo foi acidentado como se nada tivesse ocorrido?

Romilda disse:

– O que é capital, Nasir?

– É interessante, Romilda, que o capital sempre vem sacralizado e revestido de legislação para legitimar sua existência na sociedade.

Era hora do lanche, às 10 horas da manhã, quando chegou outro militante da causa operária e disse:

– Pode deixar, vou responder à sua pergunta, Romilda. O capital, segundo Marx, “o capital é poder de governo sobre o trabalho e sobre os seus produtos”. Romilda, o capitalista não é o cara que está vendendo o cachorro-quente e diz que tem um negócio próprio, pois esse

empreendimento sustenta apenas seu negócio de sobrevivência, mas não gera mais capital. O capitalista tem poder quando é dono do capital, como propriedades, indústrias, terras e tantas outras coisas que legitimam sua existência como capitalista. Um exemplo disso é o dono desta fábrica de caixões.

– Entendi, obrigado. Depois que vocês chegaram aqui na fábrica, muitas coisas se tornaram claras para nós; antes sabíamos pouco sobre o sistema capitalista – disse Romilda.

Era 11 horas, e bateu o sinal para o almoço, quando Rose chegou perto de Romilda e disse:

– Eu vou viajar com Nasir para passear em São Paulo.

– Nossa amiga, que delícia!! Hum, isso cheira a romance, hein?!

– Sim amiga, está uma delícia o que estamos vivendo, e estou amando o Nasir.

– Que mais vocês vão fazer em São Paulo?

– Vários lugares, mas quero comprar coisas na rua 25 de março, disse Rute.

Nasir estava conversando com alguns amigos da fábrica e dialogando com eles sobre o texto do “materialismo histórico-dialético”, ao afirmar com um operário sobre a acumulação de capitais e disse:

– Vocês já refletiram sobre o porquê as mercadorias da 25 de março têm um valor baixo? Inclusive, irei com a Rute passear em São Paulo, e vamos na 25 de março. Lá no manuscrito, Marx revela para nós: “O grande capitalista compra sempre mais barato do que o pequeno, porque ele compra em grande quantidade. Portanto, pode vender mais barato, sem prejuízo”. Portanto, os donos do comércio na 25 de março compram em grandes quantidades e, por isso, podem vender mais barato, pois são capitalistas que compram em grandes quantidades.

A sirene da fábrica tocou, era o fim do dia. Alguns operários acabaram indo para o boteco do Luís. Nelson estava triste, e Rute foi falar com ele:

– Como você está, Nelson? Tudo bem? Arrumou outro emprego?

– Rute, minha esposa foi embora com minhas filhas para a casa de seu pai.

– Por que, Nelson? Isso aconteceu?

– Já faz quatro meses que fui mandado embora do emprego, e não consegui arrumar outro. Esta semana fui novamente atrás de emprego, mas em vão, andei o dia todo e não consegui nada. Quando cheguei em casa, havia um bilhete que dizia: “Nelson, eu fui embora com meu pai, pois ele trouxe comida para nós, mas não havia gás no fogão. Então, ficou bravo e disse para juntar as malas e ir embora para casa dele, em São Paulo. Estou muito mal, Rose, tenho que beber senão fico pior do que já estou. Se souber de um emprego, fala para mim.”

Rute, naquele instante, se emocionou com o companheiro e disse:

– Nelson, não fica assim não, seja forte, e tudo vai passar. Você vai arrumar outro emprego e suas filhas vão voltar, Nelson!

– Eu espero que isso aconteça mesmo, porque estou muito mal, Rute.

Era 21h30min de sexta-feira, e Rute e Nasir, juntinhos, entraram no ônibus e se sentaram nas últimas poltronas. Nasir disse:

– Estou feliz de viajar com você, Rose!

– Eu também, Nasir, será maravilhoso estarmos juntinhos na 25 de março! – disse Rute.

Era manhãzinha na 25 de março, e Rute e Nasir saíram da cafeteria, onde tomaram o café da manhã, e começaram a caminhar pelo maior espaço de vendas no atacado do Brasil.

No chão, silenciosamente, o duro concreto e asfalto revelavam as cascas de banana espalhadas, e uma lata de refrigerante vazia, jogada no canto da sarjeta, quando um jovem gritou:

– Entre!! Entre!! Tudo pela metade do preço!!

Logo, Rute disse:

– Nossa, são muitas mercadorias jogadas no chão, nas barracas, nas lojas. Tudo é movimento, uma multidão de famintos em busca de consumir.

– Apenas 15 reais!! O vendedor, sem medo, passou nas costas de Rute um pequeno e enrugado massagador eletrônico de cor branca.

– Nasir, é tudo louco nesse lugar – disse Rute. O rapaz queria vender de qualquer jeito e fazia qualquer negócio. Dizem que é daqui que saem os maiores vendedores do Brasil.

– Estamos na 25 de março, a capital do comércio popular no país, a Babilônia do consumismo – disse Nasir, sorrindo.

– Aqui é o lugar da ilusão, tanto para os compradores quanto para os vendedores. Uns se acham poderosos compradores, e outros, empreendedores, alimentando-se dos lucros. Mas quem realmente lucra com tudo isso? – Interrogou Nasir.

– É nesse lugar de consumismo que o filósofo Marx afirmava ser a última etapa da sociedade produtiva, que leva o nome de “capital” ou capitalismo. Ou seja, quando você compra qualquer coisa aqui, automaticamente aperta um "botão" que atravessa os mares e chega nas fábricas, onde os operários ouvem e dizem: “Precisamos fazer outra mercadoria, pois alguém comprou o que fizemos.”

– O que você pensa, Rute, sobre este lugar? – Perguntou Nasir, que tentava proteger Rute, porque o lugar estava comprimindo as pessoas; era muita gente.

– Nossa, fantástica sua explicação! “Os operários nos esperam.” Rute continuou refletindo com Nasir:

– Quem ganha com tudo isso aqui? Nasir, é fim de ano, vim aqui para comprar, festejar, mas parece que o espírito do filósofo Karl Marx desceu em você, não é?

– Rute, quando um vestido se torna um vestido efetivamente? – disse Nasir.

– Quando é fabricado – disse Rute, sorrindo e feliz de estar com seu namorado passeando.

– Não. Deixa o próprio Marx revelar: “O consumo cria a necessidade de uma nova produção”. E esse filósofo vai mais longe ainda ao falar sobre a necessidade subjetiva. Olha o que ele diz: “Sem necessidade não há produção. Mas o consumo reproduz a necessidade.” Um senhor, no canto com seu carrinho de ambulante, vendia milho cozido, no prato e nas espigas, mas as pessoas preferiam o milho solto, quentinho no prato, quando Rute disse:

– Nasir, esse Marx é difícil de entender. Por que “necessidade” é algo inerente ao ser humano, como tomar um copo de água? Portanto, o consumo não pode reproduzir a necessidade?

Os dois saíram de mãos dadas, caminhando na calçada repleta de mercadorias.

– Sim, Rute, o consumo pode, sim. Marx, no *Capital*, já dizia isso: “Fome é fome”. Uma coisa é satisfazer essa fome devorando com as mãos a carne crua; outra bem diferente é comer com garfo e faca, como poder comprar no mercado. Ou seja, a produção também cria o “modo de consumo”. O correr atrás de comprar novos celulares não seria o “modo de consumo”?

– Olha aquele rapaz com vários celulares nas mãos, vendendo a preço bem acessível. Ele vende bastante porque o celular se tornou uma “zona prazerosa” para o ser humano. Ou melhor, esse aparelhinho proporciona prazer ao ser humano. Mas esse vendedor, com esse

entusiasmo todo, acha que ficará rico. Voltamos, Rute, para nossa primeira interrogação: quem ganha com toda essa loucura de consumo, nesse lugar?

– Nasir, quero um iPhone novo!!

– Pode ser uma réplica de iPhone, é mais barato?

– Vamos ver as “réplicas”!!! Deram risadas e continuaram a caminhar entre as mercadorias que surgiam a todo momento. Um homem com uma caixa de som pequena e de cor preta aumentava o volume da música de Amado Batista, "No hospital, na sala de cirurgia", e gritava: “Pen-drive 5 por 10 reais!”

O calor aumentava, e a melancia cortada em fatias, junto ao abacaxi, saciava os transeuntes que passavam na esquina da rua central.

– Nasir, o movimento é intenso, e há gente de todo lado do país. Por que tudo isso? – disse Rute.

Uma chuva fina caía sobre as coisas, quando Nasir perguntou:

– O que é uma mercadoria, Rute?

– Quem está ganhando com todo esse comércio, aqui?

– Deixaremos Marx falar, afirmou Nasir: “A primeira distinção que notamos entre dinheiro, que é pouco dinheiro, e dinheiro que é capital, está na sua forma de circulação.”

– Pois então, Nasir, minha avó tem dinheiro na poupança, portanto, se não estiver circulando, não vale nada? É isso? – disse Rute, levando uma xícara de café à boca, enquanto estavam num simples bar de esquina, entre duas grandes lojas.

– Pense, Rute, que estamos próximos de um rio em circulação. Ao seu redor, comércio para todos os lados. Agora, reflita: para onde vão essas águas? Para um rio maior e,

consequentemente, para o grande mar. A chuva, aos poucos, desaparecia, mas o chão estava molhado e as folhas secas das poucas árvores descansavam sobre o asfalto.

– Mas vamos pensar em outra circulação: “D-M-D’” (dinheiro-mercadoria-dinheiro acrescido de lucro). Ou seja, Rute, você tem dinheiro no bolso, não é? – Sim, Nasir, tenho, ou pelo menos acho!! Deram risadas, porque nesse espaço urbano, há muitos roubos sem as pessoas perceberem.

– Então, Rute, seu dinheiro se transformará em mercadoria ao comprar o iPhone, e somente isso, e você irá desfrutar desse produto e proporcionar momentos de prazer. Assim como o dinheiro de sua avó, na poupança, está parado e nem ao menos se transforma em mercadoria. O dinheiro dela, assim como o seu, desvaloriza a cada hora, nesse país de inflação alta, assim como os juros. Na verdade, o dinheiro é algo ilusório; você tem e não tem.

– Interessante, Nasir.

– Mas, Rute, existe uma circulação de dinheiro, de “valores”, o “grande capital” que está em movimento crescente e que você, assim como sua avó, não participa, e muito menos eu, um simples operário. Um senhor alto, próximo do bar, com seu carrinho ambulante repleto de melancias, demonstrava um semblante feliz porque não parava de vender as “fatias de melancia” para as pessoas ao redor de seu carrinho. Uma criança não saía de perto do vendedor e, toda feliz, brincava com seu amiguinho.

– Mas, Nasir, explica direito sobre esse “capital”, esse dinheiro que nós não tocamos e nem sabemos como ele existe.

– Tu lembras, Rute, que comecei a explicar sobre o capital lá no Buteco do Luís?

– Sim, lembro, e como lembro! – deu uma risada discreta. Eu gosto dessa frase de Marx, disse Nasir: “O único motivo que determina o possuidor de um capital a empregá-lo, seja na agricultura, seja na manufatura, ou num ramo particular do comércio por atacado, ou

varejista, é o ponto de vista de seu próprio lucro.” Rute, reflete sobre essa frase de Marx, e daqui a uns dias vamos dialogar sobre ela.

– Existe uma outra citação interessante. Olha aqui no celular, Rute, é o próprio Marx quem fala: “A acumulação, pois, do capital, é ao mesmo tempo um aumento do proletariado, dos trabalhadores assalariados, que transformam sua força de trabalho em força vital de capital (valor, dinheiro) e se convertem, por dever ou força, em servos de seu próprio produto, que é propriedade dos capitalistas.”

– Na verdade, querida, um trabalhador, por não ter os meios que produzem as riquezas, mercadorias etc., acaba vendendo sua força de trabalho, senão passará fome na sociedade. Mas ele não sabe que bastará trabalhar uma semana para fazer o seu salário. O restante do tempo trabalhado é o lucro dos donos do poder econômico.

– Mas, Nasir, aqui não tem trabalhador (empregado); eles são donos de seus próprios negócios, comerciantes – disse Rose.

– Sim, inclusive eles podem aspirar a ser grandes capitalistas, ricos e poderosos, mas terão que ter “capital” e muitas pessoas trabalhando para serem exploradas por um salário miserável — argumentou Luís, olhando a multidão que andava na 25 de março.

– Eu perguntei a uma vendedora se ela tinha comissão sobre as vendas. Ela disse que não, mas apenas um salário fixo, porque, se tivesse comissão sobre vendas altas nesse lugar de consumo popular, logo teria seu próprio negócio e se tornaria concorrente da patroa. Isso faria com que ela perdesse sua operária vendedora. Entendeu, Rute?

– Pois bem, Nasir, aqui nesse enorme lugar de comércio, os comerciantes, trabalhadores e até mesmo consumidores nada mais são do que “formigas” a colher o lucro e a mais-valia (dinheiro alheio não pago aos trabalhadores e tirado de seus salários), para ser levado para aquele rio em circulação e ali depositado para os donos do capital, os

empresários, que vão valorizar e aumentar seu valor e tornar-se ainda mais ricos do que já são. Enquanto isso, nós aqui tentamos sobreviver com nossos salários ou como ambulantes, com a ilusão de sermos pequenos comerciantes. Mas dificilmente esses comerciantes se tornarão "donos do capital". Esses grupos são uma minoria invisível que assombra nossa existência.

Bombas! Corram! Cavalaria! Gritou um moço vindo correndo em nossa direção.

Eram os “grandalhões”: homens mal-encarados, altos, fortes, com a polícia ao seu lado. Eram os fiscais gritando e arrastando tudo para o grande caminhão, e escolheram um bode expiatório para fazer o espetáculo do vigiar e punir: o simples vendedor de melancias na esquina. Isso despertou a atenção de Rute, que disse:

– Nasir, os ambulantes e vendedores na rua estão recolhendo desesperadamente suas mercadorias, mas o senhor das melancias, com suas duas crianças, foi enquadrado. Jogaram suas melancias e abacaxis em sacos e colocaram tudo num caminhão da prefeitura. A criança que estava ao seu lado começou a chorar.

– A justiça, as leis municipais precisam mostrar publicamente que são eficazes. E os concorrentes desses trabalhadores, “os comerciantes legalizados”, precisam satisfazer seus “egos” porque dizem: “nós pagamos impostos e estamos dentro da lei”. Eles são apenas ambulantes e precisam ser punidos, segundo “os legalizados”, disse Nazir. O barulho das bombas e da cavalaria transformaram inesperadamente aquele espaço em um momento de dor e indignação, e muitos transeuntes que ali passavam diziam: “eles estão trabalhando”, “ganhando o pão com seu suor”.

A chuva voltou, as melancias foram recolhidas, o trabalhador ficou triste, pois não havia mais nada para vender naquele momento, e a criança parou de chorar.

Os fiscais jogaram no chão uma churrasqueira que fazia “os churrasquinhos” para vender. Apenas as brasas tentavam manter as chamas acesas com a fina chuva que caía, sobretudo.

Nasir e Rute, tristes, entraram no ônibus que ali passava. Pela janela, Nasir viu a criança fixar seus olhos nas brasas lançadas no asfalto, tentando, com a pureza infantil, entender o mundo dos adultos.

Na "25 de março", o dia não termina, o comércio não para. As pessoas têm prazer em comprar e vender, mas o inesperado pode acontecer: o “arrastão”.

3.7.4 Título: Reforma agrária

Era 6:45 da manhã quando, em alta velocidade, o ônibus que buscava os funcionários da indústria parou na porta da fábrica. Os operários começaram a descer naquela manhã fria de inverno; o tempo estava nublado, e Romilda disse:

– E aí, amiga, como foi seu passeio em São Paulo com Nasir?

– Nossa, amiga, foi maravilhoso, claro, com exceção do final, respondeu Rute.

– Como assim, amiga?! – indagou Romilda, guardando sua mochila no armário do refeitório da fábrica.

– Amiga, teve um arrastão da polícia municipal, devido a vendedores que não têm registro na prefeitura. Fora isso, tudo foi maravilhoso. Nunca tinha visto uma multidão de mercadorias como vi na 25 de março. Até pensei em comprar algumas mercadorias para vender aqui na fábrica, mas Nasir achou melhor deixar para comprar na segunda vez que fomos para São Paulo.

– Entendi, amiga, mas tenho uma má notícia para ti, disse Romilda.

– Nossa, o que houve?

– O nosso amigo Nelson não está bem. Ele pirou de vez, anda com um carrinho de bebê pelo bairro, dizendo: "Havia apenas um bilhete", mas esse bilhete era a despedida da sua família.

– Puxa vida, falei com Nelson esses dias. É triste, especialmente pela sua filha menor, pois lembro que ele dizia que sempre, ao voltar do trabalho, passeava com a filha no carrinho. E agora ele anda pelas ruas do bairro dizendo: "Havia apenas um bilhete".

– Está certo o que diz Nasir, o “capitalismo” é selvagem, e tudo gira em torno do lucro, pouco importando o ser humano, afirmou Rute.

O sinal da fábrica tocou e uma voz forte do funcionário saiu das caixas de som:

– Por favor, dirijam-se aos seus postos de trabalho. Bom trabalho para todos!

Nasir havia colocado um panfleto sobre o “manuscrito econômico-filosófico” sobre a questão fundiária, justamente porque no Brasil existem grandes extensões de terras, para que os operários refletissem durante a semana. Na sexta-feira, eles iriam dialogar no Boteco do Luís sobre a possibilidade de uma paralisação da fábrica, por meio de uma greve geral dos operários. Havia um panfleto deixado nos armários dos trabalhadores, cujo título era: "A terra é de quem nela trabalha".

Era quase hora do almoço, quando o dono da empresa, junto ao gerente geral, caminhava pela fábrica conversando com o gerente, observando o trabalho dos operários. Mas, de repente, bateu o sinal para o almoço. Já no refeitório, Carlinho disse:

– Nasir, o que você acha desse povo que invade terras dos outros? Já sentados na grande mesa do refeitório, Nasir olhou diretamente para Carlinho e disse:

– Carlinho, ninguém invade a terra. Quem invade a terra é a polícia, por ordem de superiores, com o destino de retirar os sem-terra, pelo bem ou mal, e, se necessário, até bomba têm para assustar os trabalhadores acampados, disse Nasir.

– Quem são essas pessoas que desejam ocupar terras? – perguntou Carlinho.

– Muitos vivem nas grandes favelas dos centros urbanos das cidades, estão desempregados, vivem em barracos e, portanto, ocupar terras e entrar para o movimento dos sem-terra é uma saída, respondeu Nasir.

– Carlinho, a terra é para quem nela trabalha. É injusto os fazendeiros terem uma enorme quantidade de terras sem plantação, enquanto a maioria vive debaixo de pontes, passando fome nas cidades. O lema dos sem-terra é: "Ocupar, resistir e produzir". Carlinho, eu estive no acampamento dos sem-terra, onde eles vivem em forma de cooperativa, em que todos os integrantes que adquiriram um pedaço de terra se unem com outros para a produção coletiva, e a "cada um segundo seu trabalho". Isso é sinal de vivência socialista. Carlinho, o MST (Movimento dos Sem-Terra) é um caminho diferente para você retornar ao meio rural, do qual seu pai trabalhava como funcionário de um sítio em sua cidade natal, quando Rute, ouvindo a conversa, disse:

– O que Marx dizia sobre a questão fundiária de terras?

– Boa pergunta, disse Nasir, e completou sua fala: Vamos ver se dá tempo de explicar tudo, mas vamos lá. Olha, o que Marx diz sobre a questão fundiária é o seguinte: "Já na posse fundiária feudal, situa-se o domínio da terra, como um poder estranho [posto] acima dos homens. O servo é o acidente da terra. De igual modo, o morgado, o primogênito, pertence à terra. Ele a herda. Em geral, a dominação da propriedade privada começa com a posse fundiária, ela é sua base".

– Vocês viram que a propriedade privada nasce com os latifundiários que são os grandes proprietários de grandes extensões de terra. Você sabe que o dono da empresa que trabalhamos tem uma grande fazenda, e vocês sabem como ele consegue essa riqueza? disse Nasir.

– Vocês viram que a propriedade privada nasce com os latifundiários, que são os grandes proprietários de enormes extensões de terra? Sabem que o dono da empresa em que

trabalhamos tem uma grande fazenda? E vocês sabem como ele consegue essa riqueza? – disse Nasir.

– Ele tem essa riqueza porque nós, os operários, não temos propriedade alguma e vivemos trabalhando para nos manter vivos e sustentar nossas famílias. Na verdade, é o nosso trabalho que constrói a riqueza do patrão. E, ainda assim, quando não estamos atendendo às suas expectativas, acabam nos mandando embora e colocando outro no nosso lugar. O Nasir está certo. Tem que ocupar a terra e lutar contra os grandes latifundiários, pois não podemos ser escravos dos capitalistas o resto da vida – afirmou entusiasmado Joaquim, um operário que tinha consciência de sua condição de proletário.

– Esse "poder estranho" significa que as pessoas mais simples não sabem o que está ocorrendo, ou melhor, o que está por trás dos bastidores. Os trabalhadores trabalham e não sabem o quanto de riqueza os donos da terra possuem, a não ser o valor de seu salário de sobrevivência. Mas o bacana do movimento sem-terra é que eles se organizam em cooperativas de natureza socialista, ou seja, as decisões são tomadas em conjunto e cada família compõe essa semente do socialismo. Claro que há camponeses que não aceitam e voltam a ter a ilusão de propriedade privada – disse Nasir.

– Eu achei interessante saber que a origem da propriedade privada nasce da posse fundiária, com o advento da sociedade capitalista – disse Rute.

Era 12:55 e o sinal da fábrica tocou para todos os trabalhadores voltarem para seus postos de trabalho.

3.7.5 Título: Estranhamento

– Nasir, quem são aqueles jovens que atravessam o corredor que vai para o escritório central da empresa? – perguntou Rute ao tomar café às 15 horas no refeitório da fábrica.

– É provável que sejam jovens-aprendizes, que vão ingressar na fábrica para trabalhar, tanto no escritório quanto em qualquer outro setor. E vocês sabem o que significa esse projeto de jovem aprendiz?

– O que sei é que, no passado, os menores trabalhavam nas empresas, mas era outra firma que os contratava e preparava para o mundo do trabalho, como uma instituição mediadora, que fornecia roupas, fardamentos e preparação para que os menores pudessem ingressar no mundo do trabalho com apenas 14 anos de idade. E, se não me engano, os menores usavam uma farda parecida com a militar para prestar serviços às grandes empresas.

– Eu fui guardinha mirim e me lembro que usava essa farda, como se fosse um soldado. Eu carregava uma capa de chuva e um boné na cabeça, e cada guardinha tinha um número, o meu era 333. Eu lembro que fazia serviços de bancos e outros serviços. O sistema era rígido, tipo militar: não podia faltar e tinha que cumprir as regras da instituição, assim como as regras do local em que trabalhava. Com o tempo, fui mandado para outro serviço, numa loja de sapatos, e tinha que cobrar duplicatas no sol quente, todos os dias – disse Nasir.

– Por isso, Nasir, que você logo foi adquirir conhecimentos sobre como o mundo funciona?

– Sim, isso mesmo – completou Carlinho.

– Mas um dia eu fiz uma arte no serviço, coisa de adolescente, e me mandaram embora do emprego. Aquele dia ficou na lembrança, pois o diretor da instituição do menor me humilhou, dizendo que eu não servia para nada e tinha que ser mandado embora, porque não servia nem para limpar o chão. E foi a primeira vez que pude compreender o que era um patrão, que tem poder sobre os menores – completou Nasir.

– Meu amor, não fique triste ao lembrar dessa situação, porque hoje você tem conhecimento de tudo sobre o mundo do trabalho. Você é nosso líder aqui na fábrica, e sem você não teríamos os conhecimentos que agora temos sobre este lugar em que trabalhamos de 8 a 10 horas por dia – disse Rute. O Sr. João, de idade próxima à aposentadoria, disse:

– Nasir, trabalho há 30 anos nesse lugar e sinto tudo o que está nessa fábrica como algo estranho, que não me pertence. Parece que estou longe de tudo isso e até de mim mesmo, e o que eu produzo todos os dias...

Foi nesse momento que Nasir disse, durante os 20 minutos de descanso ao final da tarde:

– Eu sei de sua dor, Sr. João, mas vamos deixar Marx revelar para nós: “A exteriorização do trabalho em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna objeto, ou seja, uma experiência externa autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (...) O trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior sensível.”

– É isso, Sr. João, o trabalhador só pode criar algo a partir da natureza. Inclusive, nós somos matéria que faz o mundo real das mercadorias existirem, como os caixões que fabricamos todos os dias na fábrica. E aqui na fábrica de cadeiras é tão claro, por exemplo, ontem o José teve uma ideia de uma nova cadeira e até fez um desenho dela. Mas o Sr. José teve que externalizar suas ideias, usando madeiras, máquinas, pregos, vernizes, e, por fim, a cadeira se tornou real e objetiva. Mas, ao mesmo tempo, tornou-se estranha, porque você não sabe o destino da cadeira nem como será seu valor no mercado. Portanto, o objeto "cadeira" passa a ser estranho para aqueles que fabricaram a cadeira. Está entendendo, Sr. João?

– Sim, estou entendendo, sim!

– Mas eu aprecio uma frase bacana de Marx, como essa daqui: “Quanto mais o trabalhador se apropria do mundo externo, na natureza sensível, por meio do trabalho, tanto mais ele se priva dos meios da vida...”; ou seja, ele se torna alienado.

O sinal da fábrica tocou e todos os trabalhadores voltaram para seus postos de trabalho, mas Rute disse:

– Hoje, após o trabalho, vamos continuar o diálogo no Buteco do Luís e vamos continuar essa conversa.

– Tá ok – disse Carlinho.

3.7.6 Título: Propriedade privada

O Buteco do Luís estava lotado. Era quinta-feira e havia música ao vivo. Quando Nasir já estava tomando uma cerveja com Rute, logo disse:

– Pessoal, hoje vamos refletir sobre a propriedade privada.

– Eu tenho uma propriedade privada, ou seja, um fusca e uma casinha para morar – disse alguém, fazendo todos caírem na risada.

Nasir continuou:

– Se propriedade privada fosse isso, todos nós seríamos ricos. – Todos deram risadas.
– Mas o que faz surgir e ter propriedade privada?

Logo, Rode respondeu:

– Essa é fácil: é o dinheiro que faz ter propriedade privada.

– Vamos deixar Marx revelar a verdade sobre a propriedade privada para nós – disse Nasir, com um sorriso, enquanto tomava um gole de cerveja: “A essência subjetiva da propriedade privada, a propriedade privada enquanto atividade sendo para si, enquanto sujeito, enquanto pessoa, é o trabalho”.

– Profundo o que Marx revelou, e tem muito sentido. Como em outra passagem ele disse: “E a terra só para o homem mediante o trabalho, a agricultura.” É tão verdade o que Marx disse, que mesmo com toda a tecnologia, como no agronegócio, em que se busca

trabalhar intensamente e transformar o trabalho em tecnologias, como softwares, robôs e outras invenções que surgem no mundo do trabalho, a presença do trabalhador tem diminuído. Justamente para afastar o pesadelo da burguesia, ou seja, para que os operários e camponeses não tomem suas propriedades no processo revolucionário para construir uma sociedade socialista e, conseqüentemente, comunista: “A cada um segundo sua necessidade.”

Carlinho com Beatriz foram dançar ‘sambinha’ no Buteco do Luís, enquanto Nasir e Rute, abraçadinhos, curtiam o momento da música. Foi quando Valéria, nova na fábrica, disse:

– O que é comunismo? Porque minha família é muito religiosa e tudo para eles é coisa do mal. Fora o meu tio, que tem mais condições financeiras e diz que comunistas deveriam ser todos mortos.

– Sim, Valéria, existe essa interpretação errada sobre a sociedade comunista, que na verdade nunca existiu efetivamente, a não ser sociedades de natureza socialista que poderiam ter evoluído para o comunismo, mas que traíram a si mesmas com corrupção e se afastaram dos princípios fundamentais de Marx, Engels e Lênin, que haviam planejado para a vitória de uma sociedade comunista. Inclusive, é nosso sonho como militantes lutar por uma sociedade comunista, a partir das pequenas conquistas da classe operária – disse Nasir, ao tomar mais um gole de cerveja.

– Entendi, Nasir.

– Mas vamos deixar Marx interpretar sobre o comunismo – continuou Nasir: “O comunismo, na condição de supressão (Aufhebung), é a elevação positiva da propriedade privada, enquanto estranhamento-de-si humano, e por isso, enquanto apropriação efetiva da essência humana pelo e para o homem. Por isso, trata-se do retorno pleno, tornado consciente e interior, a toda riqueza do desenvolvimento até aqui realizado, retorno do homem para si, enquanto social, isto é, humano”.

– A propriedade privada, na sociedade capitalista, está direcionada para a exploração da classe operária, que é desprovida dos meios de riqueza. O que lhe resta é apenas vender sua força de trabalho para sobreviver e perpetuar a classe operária – disse Nasir.

– É verdade o que você disse, Nasir, mas como faremos essa mudança? – perguntou Valéria.

Abraçado à sua namorada, Nasir disse:

– O comunismo é uma elevação positiva da propriedade privada. Por exemplo, imagina uma grande propriedade de terras sendo elevada, como Marx disse, ou seja, ela deixará de ser privada, uma propriedade que ao longo da vida enriqueceu a classe dominante. Mas a maioria vive nas favelas ou até mesmo embaixo de pontilhões nos grandes centros urbanos. Isso não é culpa do destino nem de deuses, nada disso; é culpa das condições políticas e econômicas nas mãos dos grandes capitalistas, os donos do poder econômico. Quanto à mudança dessa situação, a única esperança é a classe proletária despertar do seu sonho dogmático de achar que a sociedade capitalista vai mudar para favorecer os trabalhadores. Isso não ocorreu e nem irá ocorrer, porque a burguesia teria que mudar substancialmente, como a socialização dos meios de produção, que estão nas mãos da classe capitalista. Mas a mudança começa conosco, aqui na fábrica, ao organizarmos e chamar uma paralisação para interromper o funcionamento da fábrica. Somente via mobilização da classe operária que a sociedade irá mudar, ou pelo menos começar a se mobilizar. Isso inclui todas as categorias: os estudantes secundaristas, universitários, camponeses, operários em todas as formas de trabalho existentes... Ou seja, uma greve geral no país. O movimento sem-terra conquistou terras para repartir e criar cooperativas por causa de sua coragem de enfrentar o latifúndio e resistir aos capitalistas da terra.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como consideração final, destaco que o "materialismo histórico-dialético" comprovou sua verdade na condição proletária da juventude estudantil, em seu cotidiano na sociedade capitalista, imersa em diversas instituições de trabalho. Foi a partir dos contos sociológicos que os jovens puderam dialogar com as categorias do trabalho, salário, poder do capital, reforma agrária, estranhamento, propriedade privada, permitindo que os alunos refletissem sobre sua condição proletária, que se revela pela vivência no projeto 'jovem-aprendiz'.

Um dos momentos fecundos de aprendizagem foram os relatos 'escritos' dos jovens proletários em sua condição de trabalho, como grupo focal e leitura dos contos sociológicos onde eles verbalizaram suas dores cotidianas do trabalho, na sociedade capitalista estruturada para extrair a mais-valia. Um exemplo disso foi o relato de Tainara, uma jovem proletária de 17 anos, que sofreu bullying ao revelar no grupo focal como era tratada no serviço, sendo chamada de "menina de camisa azul", em referência ao uniforme fornecido pela empresa mediadora do programa de jovem-aprendiz. Tainara busca ascensão no emprego para melhorar seu salário e contribuir para o orçamento familiar, mas enfrenta a desvalorização de sua condição de proletária estudantil.

Em relação às hipóteses levantadas, a primeira afirmava que, se os alunos vivenciassem momentos fecundos de aprendizagem durante a sequência didática, poderiam ressignificar sua forma de aprender e superar sua alienação. Nos relatos, foi possível perceber que os alunos avançaram na compreensão da sua condição de exploração, que sofrem no cotidiano de trabalho. Portanto, a sequência didática permitiu que os alunos instigassem indagações sobre seu mundo de trabalho, ampliando sua compreensão do funcionamento da instituição 'trabalho'.

A segunda hipótese dizia respeito às empresas mediadoras de trabalho, que se apresentam como benéficas e solidárias ao promoverem a juventude proletária ao mundo do trabalho. Entretanto, qual seria o verdadeiro objetivo dessas empresas? Essas empresas mediadoras do trabalho da juventude buscam doutrinar a classe proletária juvenil, incutindo

comportamentos, que reforçam a hierarquia da empresa e a subserviência ao capital. Os cursos preparatórios nessas instituições não visam apenas ensinar um ofício, mas também enaltecer o capitalismo e as grandes propriedades privadas dos donos do poder econômico, incluindo os latifundiários do agronegócio, que contratam muitos jovens aprendizes. Esses jovens, antes de assumirem funções nas empresas, precisam ser "profissionalizados", obrigados a seguir as normas da instituição. Essa hipótese sugere que as empresas mediadoras são aliadas dos empresários e acabam legitimando a exploração, ao se alinharem com os grandes capitalistas, desfrutando da mais-valia, gerada pelo trabalho dos jovens aprendizes.

A terceira hipótese relacionava-se ao corpo docente da escola, onde a sequência didática foi aplicada. A hipótese era que, se os professores conhecessem e se envolvessem com a pesquisa qualitativa do grupo focal, haveria um avanço em seu processo didático em sala de aula. Durante o ATPC (Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo), que são momentos pedagógicos dedicados ao estudo e à preparação de aulas dos professores, foi possível dialogar com professores sobre a importância do grupo focal, para entender melhor o corpo discente e promover aprendizagens significativas. No entanto, apenas dois professores participaram da dinâmica do grupo focal, mas o retorno foi positivo, pois ajudou a conhecer melhor os alunos, levando-os a uma visão mais ampla de suas condições proletárias, o que pode resultar em estratégias pedagógicas mais eficazes, considerando que muitos desses alunos trabalham durante o dia e estudam à noite, na esperança de continuar seus estudos e ingressar numa faculdade.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Gisele Aparecida Alves. **Dialogando com os jovens do ensino médio sobre o conceito de trabalho**. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2023.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado**. 1970. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/althusser/1970/06/aparelhos.htm>. Acesso em: 08 maio 2024.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

Arprom. Estrutura. Arprom. Disponível em: <https://arprom.org/estrutura/>. Acesso em: 06 maio 2024.

Assembleia Legislativa do Piauí. **Número de jovens aprendizes pode chegar a 1 milhão com nova lei**. Disponível em: <https://www.al.pi.leg.br/tv/noticias-tv-1/numero-de-jovens-aprendizes-pode-chegar-a-1-milhao-com-nova-lei>. Acesso em: 05 maio 2024.

BASBAUM, L. **Sociologia do Materialismo**. São Paulo: Edições Símbolo, 1978.

BRASIL. **Decreto nº 9.579, de 6 de abril de 2023**. Dispõe sobre o direito à profissionalização de adolescentes e jovens por meio de programas de aprendizagem profissional.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. **Estatuto da Juventude (2013)**. Atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.** BRASIL.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente.

CERTEAU, Michel de. **A escrita de história**/tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

FERNANDES, Florestan. **Ensaio de sociologia geral e aplicada.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1970. pp. 57-76.

GATTI, Bernadete. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília-DF: **Série Pesquisa em Educação**, v. 10, 2005.

Governo do Brasil. **L13415.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 07 maio 2024.

GURVITCH, G. **Dialética e Sociologia.** São Paulo: Editora Vértice, 1961. 238 p.

HEGEL, F. W. G. **Fenomenologia do Espírito.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992. 271 p.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédica das ciências filosóficas em compendio.** São Paulo: Loyola, 1995.

HOBBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HYPPOLITE, J. **Gênese e Estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel.** Discurso editorial. 1999. 654 p.

IBGE. **Um em cada cinco brasileiros com 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupado em 2022.** Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38542-um-em-cada-cinco-brasileiros-com-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupado-em-2022>. Acesso em: 07 maio 2024.

Jus Brasil. **Art. 428 Consolidação das Leis do Trabalho - Decreto Lei 5452/43**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10716962/artigo-428-do-decreto-lei-n-5452-de-01-de-maio-de-1943>. Acesso em: 07 maio 2024.

KOJÈVE, A. **Introdução à Leitura de Hegel**. EDUERJ, 2002. 557 p.

LINHART, Robert. **Greve na fábrica**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand, 1988.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo. Nova Cultural, 1985.

MONDIN, B. **Curso de Filosofia**. São Paulo: Editora Paulus, 1982. 223 p.

Prefeitura de São José do Rio Preto. **Prefeitura repassa R\$ 23 milhões a programas de promoção de trabalho e renda**. Disponível em: <https://www.riopreto.sp.gov.br/prefeitura-repassa-r-23-milhoes-a-programas-de-promocao-de-trabalho-e-renda/>. Acesso em: 06 maio 2024.

RIBEIRO, Eliane; MACEDO, Severine. Notas sobre políticas públicas de juventude no Brasil. **Revista de Ciências Sociais, DS-FCS**, vol. 31, nº 42, jan.-jun. 2018, pp. 107-112.

ROSDOLSKY, R. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

SANTOS, Karin Santana dos. **Conceito trabalho nos livros didáticos de sociologia (PNLD/2015)**. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2021.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ANEXOS

A)

*Eu sou Estagiária em uma padaria padaria, que se chama La Torre Conveniência que é localizada na Vila Aeroporto, e ~~tem~~ a carga horária de Segunda a Sábado das 07:00 as 12:00 tendo 15 minutos de intervalos.

É um pouco cansativo, nós temos que ficar pagando custo de pão que fica no refrigerador, e temos que atender os clientes, fazer bife, cobrir pão de queijo por ovos e limpar a loja, no geral é de boa quando não é corrido. Este serviço já é o meu 4º emprego no caso já tendo 17 anos, já tendo bastante experiência em trabalhar mas é a minha primeira vez fazendo trabalho em uma padaria mais no geral eu estou gostando, já vou fazer 4 meses que eu trabalho.

B)

③ Minha experiência no trabalho foi uma quilo de expectativas. No lado positivo, eu ganho dinheiro para ajudar em casa e me sustentar. No lado negativo, eu já não tenho saúde mental, tempo e gosto para fazer nada.

C)

6 - No meu trabalho é bem exaustivo, a função estagista não é valorizada. Porém deveria ser mais porque na maioria das vezes temos que pegar peso. Como era isto que de férias era mais tranquilo. Chegava às 10:30 e saía às 16:30 e só tinha miséres 15 min. de intervalo.

D)

Eu trabalho em uma ótima empresa. seria e bem organizada. meus chefes são incríveis e atenciosos meus colegas de trabalho também. o ambiente de trabalho é limpo e organizado. Particularmente do trabalho em si eu não tenho do que reclamar é uma ótima experiência. O grande problema é conciliar, minha vida com o trabalho eu trabalho 6 horas por dia permanecendo 7 horas dentro da empresa por conta de 1 hora de almoço, mas o total gasto são cerca de 8h à 9 horas por dia fora de casa. Tenho que pegar 2 ônibus ida e volta 4 no total o que demanda muito tempo. Todo esse tempo fora de casa acaba sobrando pouco tempo para mim mesma até para fazer coisas básicas como 8 horas de sono, fazer atividades de casa e da escola. mas no geral sou grata pelo trabalho e salário e tento me manter em um rotina equilibrada e saudável.

E)

trabalhar de final de semana, apenas quando eu preciso por fora e recolo tem para minha idade. Tudo Ruim? Serviços muito longe de casa e fico muito queimado pelo fato de eu trabalhar em casa de grandes painéis e lençóis. Também pelo fato de trabalharmos com estiletes, então costumo cortar a mão e os dedos frequentemente.

F)

Descrever sobre o vos cotidiano de trabalho.

*Meu cotidiano de trabalho começa com o alarme às 5:20 e depois por ir a academia, treinos até 7:00, por lá começo o trabalho 7:30.

Trabalho em duas modalidades como auxiliar e em muita saúde e movimento que me ensina a fazer o trabalho com os formigas que tenho que estar no MDF e fazer uma a dia inteiro até 17:45. Depois vou para a academia de noite treinos mais um hora e vou para o esbar onde estou até 19:00 até 22:45, chego em casa 23:15 e vou dormir 00:00 por começar tudo de novo.

G)

Meu primeiro emprego foi informal, onde eu tinha que vender pastel em uma pastelaria de bairro, no meu segundo emprego, eu era em um restaurante de lancheria, nos dois eu trabalhava somente no final de semana, de sexta a domingo. Mas na pastelaria eu entrava às 16:00 horas e saía às 20h, já na lancheria entrava às 19h e saía às 20h.

Com essa pequena experiência, consegui uma vaga de jovem aprendiz pelo CIE, para trabalhar na recepção de uma unidade de saúde, na UBS Santo Antônio - anexo faceres. Lá eu entro às 8:00h e saio às 14h, com 35 minutos de lanche, tenho função de admitir consultas marcadas e atender as senhas, onde os pacientes pedem para marcar consulta, retirar guia de consulta, fazer fichas para os pacientes, entre outros. Estou muito satisfeito com meu emprego.

H)

x

Atualmente, trabalho em uma clínica médica (CEMERP), pontos positivos de trabalhar lá, é um trabalho estável onde trabalho apenas seis horas por dia, e acabo sendo um ótimo lugar para que eu melhore minha prática e experiência profissional.

Já os pontos negativos é que trabalho no período de manhã e estudo no período noturno, o que acaba sendo péssimo pois tenho poucas horas de sono (em média seis horas), para voltar para casa depende de transporte público que acaba sendo mais cansativo na minha rotina, e com isso um dos piores pontos de ser uma estagiária é que tenho apenas quinze minutos de almoço para trabalhar "poucas horas", duas horas a menos do que um CLT.

Trabalho também em comércios de shopping onde posso considerar que é um trabalho que explora dos piores maneirar a "mão" dos cidadãos, durante esse período cheguei a trabalhar durante 10 horas por dia tendo apenas 20 minutos

de intervalo, que tinham que ser pagos depois (tinha que ficar os 20 min dentro do loja apenas para pagar esse horário mesmo que o shopping e a loja já estivessem fechados).

D)

Trabalho como jovem aprendiz da ARPRom na empresa Compre mix Supermercado perto de Guapiaçu das 7:00 da manhã às 14:00 da tarde, trabalhando lá apenas de segunda à quinta-feira, sexta-feira sendo curso das 8:00 da manhã às 15:00 da tarde, minha experiência trabalhando no recebimento de mercadoria com parceria com o XML (entrada de nota) lá eu separo as notas de acordo com a filial (B3 e B1) depois separo as notas por dia de cada filial e coloco em ordem alfabética e vou listando para ver se está faltando algo, se tiver faltando eu coloco de lado para preencher no outro dia, se tiver tudo listado, eu separo as notas das NFC (notas fiscais de compras) e entrego para o fiscal para eles pagar as contas, às vezes faço NF (notas de devolução) para entregar e refazer o cadastro do produto. No curso da ARPRom que estou fazendo desde do dia 8 de 9 de 2023 com 15 anos, estou no meio do contrato com 16 anos e termino o contrato dia 30 de 5m com 17 anos, no curso eu tenho aulas com vários professores e diversas matérias diferentes, com alguns dias podendo ter atividades diferentes e fora da instituição, como palestras em faculdades e até teatros.

J)

2- escolher duas frases que você gostou e comentar

3- O que é capital?

4- para quem o trabalhador trabalha

5- o que o vídeo revela?

6- escreva sobre sua experiência de trabalho, como é o dia-a-dia no emprego.

Resposta:

Ar. frase 1: "que sonho é este pedro? A nossa vida se resume em trabalhar para ajudar a mãe pagar as contas, tu viste o quanto estão caras as coisas no mercado do seu Davi?"

A frase acima representa quase 100% das pessoas que trabalham, porque trabalhamos para pagar dívidas e contas e não para realizar sonhos.

frase 2: Se não está satisfeito com o salário, sem problemas vocês podem buscar um melhor salário, pois amanhã outros irão substituir vocês.

A contexto dessa frase é possível notar uma situação que pode acontecer com todas nós, que não importa o quanto trabalhamos ou somos bons, porque nunca somos valorizados.

K)

→ "A nossa vida se resume em trabalhar para ajudar a mãe pagar as contas". eles não tiveram a opção de não trabalhar, porque precisam ajudar com as despesas de casa (isso é muito triste, mas é a realidade da nossa sociedade).

L)

② estamos alienados diante da nossa própria produção de trabalho "-nesta frase demonstra que a alienação resulta em uma sensação de desconexão com a realidade.

11 porque ele quer sempre vitória sobre nós, pois ele pode viver sem nós, mas nós não podemos viver sem o patrão!1. Essa mostra a diferença entre o patrão e os funcionários, na qual funcionários podem ser facilmente substituíveis.

" eu sou comunista, sou do sindicato do ramo moveleiro "
- ele achou maravilhoso essas descobertas,
" portanto, somente para o trabalhador a separação do capital, propriedade da terra e trabalho é uma separação pernicioso "

M)

• 02- " O sinal tocou de novo na fábrica e Roberto caminhou em silêncio, rumo à máquina de cortar madeira, que sugava sua energia durante o dia..."

Essa frase ilustra a rotina exaustiva e desumanizada de Roberto na fábrica, onde o som do sinal simboliza a repetição monótona de cortar madeira, "que suga sua energia", representa a forma como o trabalho manual pode esgotar física e mentalmente um trabalhador, transformando-o quase em uma extensão da própria máquina.

N)

(2) Escolher 3 frases que você gostou e faça um comentário de cada um.

R: "[...] e foi a primeira vez que pude compreender o que era um patrão e que poderia ter poder sobre os menores." não é dessa forma que deve acontecer, patrão nenhum deve humilhar um funcionário, seja ele menor de idade ou não. "[...] só é possível criar algo, a partir da natureza, inclusive nós somos matéria, que fez o mundo real das mercadorias existirem como os caixões que fabricamos todos os dias na fábrica [...]" sem a mão de obra humana, nada se cria, sem a nossa matéria. "Quanto mais o trabalhador se apropria do mundo externo, na natureza sensível, por meio do trabalho, tanto mais ele se priva dos meios do vida (...)" quanto mais nosso trabalho, mais ausente você se torna, você não vive, você sobrevive.

O)

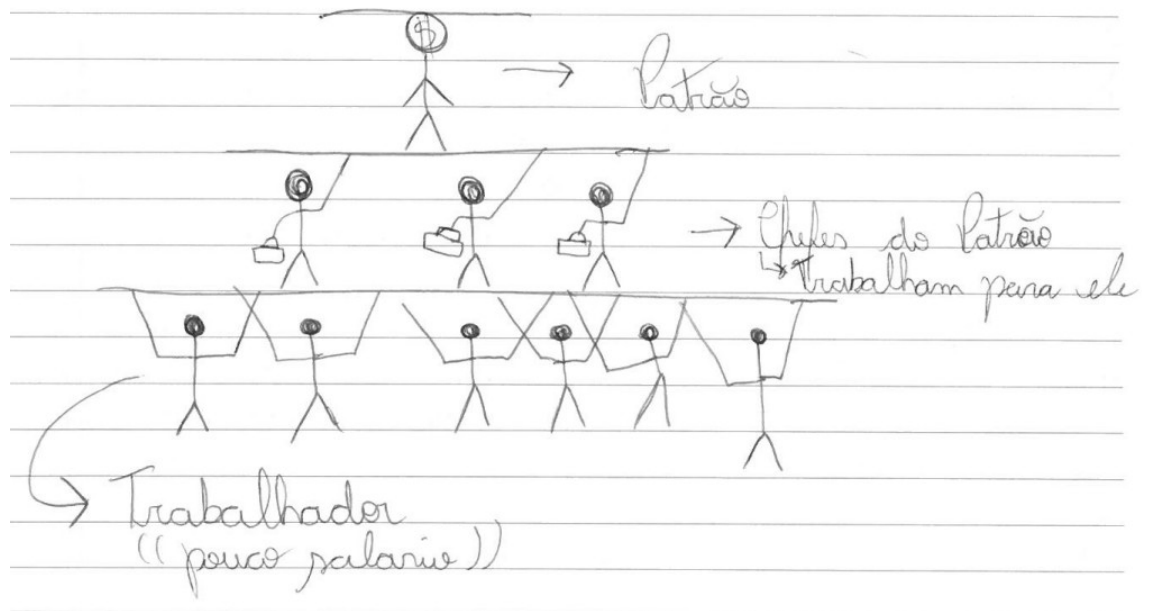
"[...] meu amigo João levou uma surra da polícia, por ter feito tatuagens".

* A polícia, que deveria proteger, acaba machucando com um peso de violência.

P)

Na conto é comentado sobre a exploração capitalista e a realidade do trabalho, e isso é muito importante porque nos faz refletir sobre a injustiça imposta nos trabalhadores.

Q)



R)

Fala sobre as diferenças sociais, e quanto o chefe aproveita de seus funcionários, os "abusando" a terem uma jornada de trabalho exaustiva. Retrato a realidade dos trabalhadores também sendo consequência das diferenças sociais.

S)

* Estou começando na FULBRS, nunca tive experiência de trabalho, mas recebi alguns pontos sobre:

Tem muitos regras que devem ser cumpridas, diferente da escola, por exemplo, que regras cumprem. Sem celulares, comportamento e vestimenta social (depende do trabalho), lidar com pessoas que estão passando por momentos difíceis e com pessoas difíceis, englobar muitas coisas e muitas situações, carga horária pesada e cansativa, etc. Algumas empresas oferecem almoço para os seus empregados, mas temer que estejam de novo propiciando o ambiente.

Sai que é muito difícil, mas no final temer o crescimento de novo empresa, podendo ter destaque na empresa e conquistar cargos maiores.

T)

1- Ler o Texto

ANEXO I

2- Escolha 3 frases do texto, escreva e faça um comentário pessoal.

Frase 1- "A nossa vida se resume em trabalhar para ajudar a nossa mãe a pagar as contas." Este é a realidade de muitas pessoas, não só no Brasil mas no mundo inteiro. Todos temos como responsabilidade ajudar nas contas de casa.

Frase 2- "Parece que você se esqueceu o quanto os policiais correm risco de morte." Esse cenário infelizmente é o principal motivo de muitas famílias não apoiarem a ideia de seus filhos se tornarem membros do exército, Polícia militar ou Bombeiros.

Frase 3- "Pode esperar o Ônibus para chegar em casa ao final do dia." Essa também é uma realidade muito triste da sociedade Brasileira, Andar de Ônibus se torna um ato cada vez mais comum graças o aumento de Valor dos novos automóveis e motocicletas.

U)

Quanto mais o trabalhador se apropria do mundo externo, na natureza sensível, por meio do trabalho, tanto mais ele se priva da vida (...).

R: O trabalho cansa mentalmente e fisicamente a vida fica mais corrida para pagar as contas!! No mundo do Capitalismo o pobre se mata de trabalhar e nunca recebe, ali quer pagar as contas, empréstimos, ele se priva de tudo para focar no trabalho e receber um pouco de trabalho!

V)

1 Trabalho.

Experiência de Trabalho.

Quando eu entrei no mercado de trabalho comecei com 15 anos, como fizem muitos na época, no começo foi bem tranquilo, um trabalho de escritório com os funcionários, alguns não me trabalhavam muito bem, mas a oportunidade que eu tinha foi muito boa, fui até trabalhar no onde eu queria seguir, depois no setor de administração como assistente financeiro no ~~departamento~~ departamento, no começo eu e minha esposa fiz o quê, no setor de ~~financeiro~~ financeiro, depois bastante dinheiro, mas um trabalho com as atividades e bem corrido e cansado, ~~mas~~ porém eu gosto bastante dessa rotina de dia a dia.

2 TRABALHO

Nome: Lelene Soares de Silva
Ns: 36

RODOBENS

Então minha experiência nesta empresa até no momento está boa, porém tenho algumas opiniões. No meu ponto de vista a Rodobens é uma empresa que tenta sempre realizar e satisfazer as demandas do cliente, porém as pressões por trás são uma bagunça, falta de comunicação e produtividade. As pessoas são novas e muito boas, eu convivo com a maioria. Eu me sinto com o fingimento deles e procuro sempre aprender e aproveitar cada vez mais. Eu continuei na empresa pela RODOBENS e espero ser contratado mais se uma vez for possível eu quero aprender o máximo.

W)

Trabalho como jovem aprendiz da ARPRom na empresa Compre mix Supermercado perto de Guapiáçu das 7:00 da manhã às 14:00 da tarde, trabalhando lá apenas de segunda à quinta-feira, sexta-feira. Sendo curso das 8:00 da manhã às 15:00 da tarde, minha experiência trabalhando no recebimento de mercadorias com parceria com o XML (entrada de nota) lá eu separo as notas de acordo com a filial (B3 e G3) depois separo as notas por dia de cada filial e coloco em ordem alfabética e vou listando para ver se está faltando algo, se tiver faltando eu coloco de lado para preencher no outro dia, se tiver tudo listado, eu separo as notas das nfe/notas fiscais de compras) e entrego para o fiscal para eles pagar as contas, às vezes faço nd (notas de devolução) para entregar e refazer o cadastro do produto. No curso da ARPRom que estou fazendo desde do dia 8 do 9 de 2023 com 15 anos, estou no meio do contrato com 16 anos e termino o contrato dia 30 de 5m com 17 anos, no curso eu tenho aulas com vários professores e diversas matérias diferentes, com alguns dias podendo ter atividades diferentes e fora da instituição, como palestras em faculdades e até teatros.

X)

1) Pergunta o que o video passou a mensagem a você?

- sobre uma sociedade em que os trabalhadores são como objetos. uma hierarquia onde o rico é superior aos pobres e os trata de forma inferior. o video fala também sobre a rotina sangrenta, mostrando o quanto a pessoa só pensa em trabalhar e esquece da família, onde os valores e as relações humanas estão diminuindo com o tempo.

mes desumanizando, nessa sociedade nos sobrecarrega pelo que temos, e não pelo que temos

2) Discutir o que o video passou de mensagem para você.

Tudo é construído pelo esforço humano para o emprego e produção de trabalho e nos faz refletir da vida humana.

O objetivo do longa é criticar os empregos existentes apenas para manter as pessoas ocupadas e não vivendo

3) SOBRE O MEU PONTO DE VISTA, TUDO É

TRABALHO TUDO QUE A GENTE CONSUME

É TRABALHO DE OUTRAS PESSOAS, UM

SISTEMA CAPITALISTA TIPO UMA HIERARQUIA

ONDE OS MAIS POBRES SE MATAM DE

TRABALHAR PARA TENTAR SE ESTABILIZAR

FINANCEIRAMENTE E MUITAS VEZES

ISSO SE TORNA UMA ROTINA CANSATIVA

PAR TODOS OS TRABALHADORES

EM GERAL.

Z)

4) O vídeo passou a mensagem que as futuras empregadas seriam como no vídeo, as pessoas serão tratadas como objetos.

Vivemos em uma sociedade elitista. Mesmo isso sendo uma verdade difícil de aceitar, é necessária coragem para ver cenários com a objetividade que nos permita refletir muito sobre o vídeo.

5) Exatidão a que o vídeo passou a mensagem a nós?

As mulheres, sem dúvida, tendem a ganhar menos do que os homens para desempenhar as mesmas funções. Isso demonstra o conceito de gênero pago ou "lucro salarial de gênero". Além de diferenças distintas de salários, mulheres também enfrentam barreiras para negociar aumentos ou salários similares comparados aos homens.

As mulheres frequentemente estão concentradas em setores e posições que oferecem remuneração mais baixa, como assistência social, educação e cuidados de saúde, enquanto os homens estão mais presentes em ocupações como tecnologia e finanças, que geralmente pagam mais.